

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR Elysio de Carvalho



Desenho de JORGE BARRADAS

Anno II.

N. 24.

Dezembro de 1923

Preço . 1\$000.

Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente
de movimento,
CONTAS CORRENTES
LIMITADAS COM
TALÃO DE CHEQUES,
Conta Corrente a
prazo fixo e
encarrega-se da adminis-
tração de
propriedades

FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

Obras de Elyσιο de Carvalho

- PRINCIPES DEL ESPIRITU AMERICANO.** Ensaio de critica literaria. Traducção castelhana e prólogo de César A. Comet. Vol. de 258 paginas, edição de Editorial-America, Madrid, brochura 6\$000
- OS BASTIÖES DA NACIONALIDADE.** Estudos de historia, sociologia e critica, etc. Edição do Anuario do Brasil. Vol. de 400 paginas, brochura 6\$000
- BRAVA GENTE.** Episodios nacionaes. Prefacio de de Carlos Malheiro Dias. Vol. de 298 paginas, com capa colorida, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura. 5\$000
- BRASIL, POTENCIA MUNDIAL.** Inquerito sobre a industria siderurgica. Vol. de 182 paginas, com capa colorida, varias estampas e mappas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura 3\$000
- A REALIDADE BRASILEIRA.** Estudo sobre a potencialidade economica e a finalidade da politica brasileira. Vol. de 56 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura.. 2\$000
- SHERLOCK HOLMES NO BRASIL.** Estudos sobre os crimes e os criminosos e os methodos scientificos de investigação poljcial. Vol. de 230 paginas, com capa colorida, edição de A. Moura, brochura 4\$000
- POEMAS EM PROSA.** Traducção do inglez de Oscar Wilde e prefacio de Ronald de Carvalho. Edição de luxo, tiragem limitada e illustrações de Corrêa Dias, brochura. ... 5\$000
- LA FRANCE ETERNELLE.** Discours prononcé au banquet à Paul Fort. Edição de luxo e limitada, com capa colorida..... 3\$000
- AFFIRMAÇÕES.** O patriotismo e o nacionalismo num ágape de intellectuaes. Vol. de 54 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura ... 2\$000
- MODERNAS CORRENTES ESTHETICAS NA LITERATURA BRASILEIRA.** Ensaio. Vol. de 284 paginas, edição de A. Garnier, brochura 4\$000
- FIVE O CLOCK.** Diario de um estheta. Vol. de 186 paginas, com capa illustrada de Julião Machado, brochura 4\$000
- BARBAROS E EUROPEUS.** Ensaio de philosophia e critica literaria. Prefacio de Victor Vianna. Vol. de 172 paginas, edição de A. Garnier, brochura ... 4\$000
- ESPLENDOR E DECADENCIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA.** Estudo sobre a sociedade brasileira desde os tempos coloniaes até hoje. Vol. de 244 paginas, edição A. Garnier, brochura 4\$000
- O FACTOR GEOGRAPHICO NA POLITICA BRASILEIRA.** Discurso de recepção na Sociedade de Geographia. Vol. de 70 paginas, edição da S. A. Monitor Mercantil, brochura. ... 2\$000
- EM CAMINHO DA GUERRA.** A cilada argentina contra o Brasil. Estudo acerca das relações entre o Brasil e a Argentina. Vol. de 174 paginas, com varios mappas e um appendice, edição da S. A. Monitor Mercantil, 3º milheiro. Ultimos exemplares 10\$000

A' VENDA NESTA REDACÇÃO

Rua Primeiro de Março n. 96, 3º — Rio de Janeiro
Pelo correio, registrado, mais \$500 por cada volume.

BANCO HYPOTHECARIO

DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo
—Deseontos—Operações bancarias
em geral—Administração de
propriedades—Cobrança de juros e
dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio
dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Gerente: CARLOS RUBENS

SUMMARIO DESTE NUMERO

AMERICA BRASILEIRA.....	REDACÇÃO.
MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO.....	REDACÇÃO.
POBRE LIBERDADE	FRANCIS DE MIOMANDRE.
UM BRASILIOPHILIC.....	ALBERTO FARIA.
BALANCETES	CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.
O NACIONALISMO BRASILEIRO E O INTEGRALISMO PORTU- GUEZ	A NAÇÃO PORTUGUEZA.
CHRONICAS DE MALAZARTE	MARIO DE ANDRADE.
A ESTRADA DE FERRO PARACATU'	HONORIO SYLVESTRE.
O PAVILHÃO BRITANNICO	REDACÇÃO.
VARIAÇÕES SÓBRE O NOME DE MARIO DE ANDRADE.....	MANUEL BANDEIRA.
RUFINO BLANCO-FOMBONA	REDACÇÃO.
A NATURALIDADE DE FELIPPE CAMARÃO.....	MARIO MELLO.
O LIVRO DE OURO DO CENTENARIO.....	REDACÇÃO.
BERGSON E SHAW.	TEIXEIRA SOARES.
BANVILLE E RENAN	MICHEL PUY.
SOROLLA	REDACÇÃO.
MAURICE BARRÉS	REDACÇÃO.
PASSIONARIA.	CARLOS RUBENS.
NOTAS & COMMENTARIOS	REDACÇÃO.
PORTUGALIA	REDACÇÃO.
NOTULAS	REDACÇÃO.
REPERTORIO	REDACÇÃO.

EXCERPTOS

DE

Henrick Mann, Marc Lorrain e outros

DESENHOS E PHOTOGRAPHIAS

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil.	10\$000
Para o Exterior	12\$000

VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrasado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

OFFICINAS: Avenida Rio Branco, 117/21

Tel.: Norte 6011

RIO DE JANEIRO -BRASIL

Caixa Postal : 1223

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 24



RIO DE JANEIRO — DEZEMBRO, DE 1923



ANNO II

AMERICA BRASILEIRA

Com este numero encerra-se o segundo anno de existencia desta revista. O triunfo de agora consola das dificuldades vencidas, que, desde o inicio, nos cercaram, tentando perturbar a serenidade e a coragem com que nos dispuzemos a cumprir um programma de patriotismo sincero e a servir á cultura de nosso paiz. Foram postas em nosso caminho todas as armadilhas insidiosas e perfidas; a injustiça andou de braço com a injuria e guiadas pela parvoice, fazendo praça aos imbecis de quanta calumnia lhes brotavam nas cabeças ôcas. Intriga e mentira foram armas usadas e abusadas, de modo a cercar esta revista de um ambiente insupportavel, onde devesse cair asphyxiada, á mingua de ar para respirar. Mas, esqueciam-se esses cavalheiros que envenenavam a atmospheria onde proliferam e não o ambiente superior, limpido e tranquillo, acima de seus ataques e de seus botes, onde nos encontramos. O desdem e a severidade com que os tratamos, desafiando-os e reptando-os, sob pena de os ter como vis injuriadores e calumniadores vulgares, desencorajou-os, tendo-os mais desapontando ainda o desprezo do publico, a cujo apoio devemos o triunfo desta revista.

Agora, quebrados os dentes desses aggressores gratuitos, que poderão, aliás, retomar a sua actividade indigna, a *America Brasileira* procura, sempre e cada vez melhor, servir aos seus idéaes de patriotismo, de crença e de cultura. Não escrevemos nunca a palavra intransigencia e temos buscado, com confiança e coragem, ser justos e verdadeiros, nas contingencias possiveis, analysando, sem paixão e sem odios, os problemas politicos e sociaes do paiz, apoiando ou discordando, indicando ou combatendo, movidos sempre pela mais absoluto boa fé, sem a qual o patriotismo não basta.

Na hora de dificuldades agudas que atravessamos, é preciso acreditar no Brasil. Agora, apuraremos as qualidades de nosso character, melhor do que no momento de abundância e fartura. E porque acreditamos, precisamos ter coragem e energia, combatendo o bom combate, e este consiste na pacificação dos espiritos brasileiros. Ainda perduram, e ainda se acalentam os residuos de odios da ultima e funesta campanha politica, com que tanto retroagimos no progresso e na cultura civica. Fomos assistentes desinteressados, quanto aos nomes em jogo, mas assombrados quanto ás suas consequencias, que são as do quadro actual, de lutas, de descredito, de cambio a 4, de estado de sitio permanente. Os vencedores e os vencidos, ao envés de se lembrarem de que são brasileiros e de que as lutas politicas não são de extermínio, mantêm a mesma hostilidade, irrompendo a cada pretexto e alerta a todos os movimentos. Enquanto isso, a crise financeira, com seus angustiosos reflexos economicos, vae crescendo de intensidade, a moeda se desvaloriza, o preço das especies sobe, a vida encarece assustadoramente e a produção nacional se deprecia na concorrência dos mercados. A vida constitucional do paiz continúa perturbada em dois estados da federação e a capital permanece "sob grave commoção intestina", que é a justificativa do estado de sitio. No Congresso, a elaboração orçamentaria se faz sob o regime da "coragem fiscal", criando-se impostos sobre impostos, afim de minorar o deficit, que, por outro lado, se engorda com as autorizações de cauda e os favores e

concessões, ao apagar das luzes, na barafunda propicia. Ninguém pôde esconder as apreensões do momento e todos indagam a solução. Respondam os avisados e sabios, mas não é mistér desusada experiencia e sabedoria prodigiosa para ver que a solução deve começar pela desmobilização dos odios. Sacrifiquem, de partê a parte, as prevenções, cessem as vinganças, calem as malquerenças, limpem os espiritos, por assim dizer, e verão que será possível trabalhar folgadoamente pelo paiz, com abnegação e confiança.

Notemos de passagem, que esse ambiente é criado pela nação indirectamente, aproveitado pela minoria dos politicos, que vêm dominando successivamente o poder, mas sem força e sem capacidade para enfrentar os problemas nacionaes. Seria ingenuo acreditar que tudo isso reflecte apenas a ultima luta politica. A sua genese é mais remota e as suas causas transcendem de phenomenos mais complexos, de que foi, ella mesma, uma consequencia, com toda a somma de suas funestas experiencias. E' na nacionalidade que reside o mal, na sua falta de vigor e energia, deixando-se levar á mercê dos abusos politicos de uma minoria, a cujas manobras assiste a maioria, indignada quasi sempre, mas de longe, sem pretender a acção. Basta confrontar a população do paiz, mesmo descontada a humilhante percentagem de analfabetos, com o collegio eleitoral e com o resultado das eleições. A interferencia nos negocios publicos do povo, ainda é muito limitada, sobretudo nas elites, ás quaes caberia, de preferência, lutar contra essa onda de decadencia. Mas, parece que essas, o mal é mais agudo ainda, pois, se manifesta num inqualificavel scepticismo, a mais grave das doenças de um povo novo.

Apontando os males, cuja evidencia é irrecusavel, não pretendemos esmorecer, antes revigorar as energias e multiplicar os esforços, afim de que possamos vencer a crise presente, que é uma crise da propria nacionalidade. Temos que nella mesmo aurir as forças para reagir, forças moraes e de intelligencia, animando essa imaginação incontida, que tem sido a nossa mais falsa companheira. Não se trata apenas de uma reacção conservadora, mas de conservação, porque do contrario perderemos o impeto de conquista e minguaremos como nação estagnada e sem finalidade historica. A verdade desta hora é dolorosa, mas, por isso mesmo, devemos encaral-a de frente, na consciencia do perigo tremendo.

A obra deste momento, não só dos governantes, como de todos os que intellectual ou materialmente trabalham e produzem neste paiz, tem que ser um esforço constante, heroico por ventura, de sorte a restabelecer o desequilibrio profundo, cujos indices temos em vista, assombrados e timidos. Para isso é preciso acreditar. E' preciso não esmorecer na peleja e ter no espirito a convicção firme de que todo o sacrificio será compensado pela grandeza de nossos destinos, cuja antevisão nos deve deslumbrar. A crença é o estímulo, o apoio e o alimento, que nos permittirão vencer, dominando todas as dificuldades e todos os entraves.

Na hora de entrarmos na terceira etapa de existencia, a nossa palavra é um appello pela pacificação dos brasileiros e a nossa affirmativa é de fé e de confiança no Brasil. Mais do que nunca o patriotismo é obra de sacrificio.

MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO

Reunindo a correspondência entre esses dous grandes escriptores, o Sr. Graça Aranha acaba de prestar serviço assignalado ás nossas letras. Maior ainda do que esse, do que colleccionar e annotar as cartas que trocaram Machado de Assis e Joaquim Nabuco, foi de prefaciá essa correspondência, com um ensaio admirável, que se conta desde já entre as mais luminosas paginas de critica brasileira. O grande pensador e estheta marcou definitivamente as personalidades singulares e differentes de Machado e Nabuco, e através das suas cartas, as suas expressões psychologicas se fixam, numa analyse intensa e vigorosa. E' um trabalho de sabedoria, feito no dominio das idéas, buscando a origem remota dos escriptores em todas as circunstancias de seus caracteres e do meio que os creou, de sorte que se elevem na sua grandeza, mas sondadas as raizes seculares de onde promanam. Além da obra do pensador, este estudo do insigne escriptor brasileiro, é uma maravilha de estylo, com paginas rutilas e formidaveis, entre as quaes a descripção de "garden-party" de Lord Salisbury, que é uma criação inteiramente nova na lingua portugueza. Movimento e colorido, intensidade e penetração, vigor e sobriedade, tudo enfim se reúne nesse quadro, de uma intensa suggestão. Nessa pagina, disse bem o Sr. Ronald de Carvalho, a historia deixa de ser descripta, para viver no movimento perfeito do impeto vital." Outras são maravilhosas evocações, quaes os funeraes da Rainha Victoria, a visita de Nabuco a Copée, as festas de Nabuco em Roma, a morte de Machado de Assis. Mas, voltando á essencia do livro, vale transcrever as duas paginas em que marca os perfis dos dous escriptores, heroes ambos, um, separando-se da aristocracia e fazendo a Abolição; outro, em marcha inversa pela ascensão espiritual, da plebe á aristocracia, segundo o conceito ao Sr. Graça Aranha, confrontando as personalidades evocadas. "Já na adolescencia, escreve elle, Joaquim Nabuco ergue-se, por entre os excessos e desordens dos tropicos, com aquella expressão apollinea, que é uma libertação de toda a submissão cosmica e que exprime na perfeição da fórma o dominio do espirito sobre a materia universal. Aquelle que realiza esse maravilhoso triumpho contempla as cousas e não pertence a ellas. Durante toda a sua actividade, Nabuco permanece sereno e essa serenidade não o abandona mesmo na sarca da Abolição. José do Patrocínio, Luiz Gama e André Rebouças são o proprio soffrimento escravo, que pede, solicita, reclama a liberdade. Joaquim Nabuco é a razão que esclarece o sentimento. Os jovens daquelle instante tinham ainda a magnifica possessão do romantismo. Em 1863, como precursor de Castro Alves e de Tobias Barreto, havia Pedro Luiz na ode dos "Voluntarios da Morte", á Polonia, soltado o "rugido do leão", na phrase de Castilho. Forrossem retardatarios" pasadistas" como diriamos hoje, em relação ao movimento das idéas. Por esse tempo quando todos esses poetas condoreiros eram tributarios de Hugo, Byron, Musset e Lamartine, já Beaudelaire havia, em 1857, transfigurado a musicalidade da poesia. Verlaine dava rythmo a melancolia universal, Walt Whitman anticipava o fulgor dyonisiaco de Rimbaud. O irremediavel anachronismo da cultura brasileira da á nossa poesia e á nossa litteratura e a nossa arte a sensação singular de inspirar-se de uma sensibilidade. Póde perdurar a admiração pelo talento, mas não existirá a communhão retrospectiva com aquelles que não foram os interpretes do pensamento e da emoção da sua



GRAÇA ARANHA

(Quadro de Vásquez Diaz)

época. No Brasil quando um escriptor, ou artista apparece, em geral a sensibilidade que o inspira já passou. Joaquim Nabuco... permaneceu um classico pelo pensamento e um humanista, cuja visão se alargou pela esphera do incognoscivel até terminar no mysticismo poetico.

A sociabilidade no principio, a religiosidade no fim, são os polos do seu espirito. Os primeiros assumptos de Nabuco, ainda menino, são de ordem politica... ou de preocupação religiosa... A expressão intellectual de Nabuco provem das suas origens, e é por isso que nelle se accentua, mais do que o artista, o pensador politico. E' uma tradição espiritual que elle conserva e eleva a um grão superior, ainda que a essa vocação politica se allie a sensibilidade artistica. Elle não foi artista absoluto e exclusivo: a sua atracção pela historia e o culto do passado são manifestações de um temperamento politico. Nos estudos historicos Nabuco considerava sobretudo a evolução social a directriz politica das sociedades. Herdou do pai o amor da perfeição, o gosto do conceito, a fórmula expressiva e graphica a que elle ajuntou a modernidade do espirito, a curiosidade cosmopolita, o sabor da bondade e o ardor romantico."

Depois, Machado de Assis...

— "Machado de Assis não tem historia de familia. O que se sabe das suas

origens é impreciso; é a vaga e vulgar filiação, com inteira ignorancia da qualidade psychologica desses pais, dessa hierarchia, de onde dimana a sensibilidade do singular escriptor. E por isso accentua-se mais o aspecto surprehendente do seu temperamento raro, e divergente do que se entende por alma brasileira. Ha um encanto nesse mysterio original, e a brusca e inexplicavel revelação do talento concorre vigorosamente para fortificar-se o secreto atractivo, que sentimos por tão estranho espirito. De onde lhe vem o senso agudo da vida? Que legados de genio ou de imaginação recebeu elle? Ninguém sabe. De onde essa amargura e esse desencanto? De onde o riso fatigado? De onde a ineiguice? A volupia? O pudor? De onde esse enjoo dos humanos? Essas qualidades e esses defeitos estão no sangue, não são adquiridos pela cultura individual. A expressão psychologica de Machado de Assis é muito intensa para que possa ser attribuida ao estudo, a observação propria. Cada traço do seu espirito tem raizes seculares e por elle resistirá a tudo o que passa... A viagem espiritual de Machado de Assis foi bem secreta. Veiu do nada e venceu as suas origens modestas, tornou-se homem de cultura, de gosto, e creou a sua propria personalidade. E' um doloroso e bello poema o da elaboração do genio nesse obscuro heroismo. Machado

UM BRASILIOPHILO

Aos Srs. Andrade Muricy e Tasso da Silveira

"Íntima e indestructível antipathia separa portugueses e brasileiros", pése embora a "fingida rhétorica sentimental dos dous povos". Escreveu-o José Verissimo, aliás sem grande exageração (outros avançariam — nenhuma), considerando-se-lhes a psychologia collectiva, linguisticamente florejada em sangrentos apódos e revides. O mais vituperioso documentou-o Filinto Elysis, appendiculando á phrase "do lodo as filhas", na fábula *O sol e as rãs*: "Nascidas e creadas nos lameiros. Filhas, da maneira que dizemos: é filha do Brasil, filho da folha, etc. (1). Importa frisar, porém, que o sujeito real do dizemos não é o annotador, sim os *portugueses*, seus compatriotas de grossa pláda...

Por contra, registam-se casos individuaes, de cem em cem annos, com a brancura da flor do loto; e, entre elles, avulta o do proprio Filinto Elysis, nome poético do clérigo Francisco Manuel do Nascimento, a quem o discípulo Lamartine aprouve chamar *divin Manuel* (2), desaprosando-o da francesia onómico-ecclesiástica *l'abbé François Emmanuel du Noël*. De tamanho prestígio no último quarto do século XVIII e primeiro do XIX, além e áquem-Atlantico, esse português foi no tempo o mais caroavel de brasileiros. A prova de como desqueria ferir melindres genéticos, mediante a inconveniência de generalizações epigrammáticas, resulta do seguinte facto, característico de escrupulosa fineza.

Quando ligado apenas a dous patrícos nossos, chalaceou em carta de 6 de Janeiro de 1788, alludindo a qualquer *dicção trivial, ouca harmonia*:

"Ou trouxe-a do Brasil fôfa e confeita,
Num barril de melação, um carióca." (3);

mas accudiu logo, em apostilla resalvadora:

"Sei que ha muitos brasileiros de bons estudos, que desprezam mômós, e affectações

(1) O abreviado latino concentra a essencia, caustica, ou dissolvente, de *filho das malvas e filho das ortigas*. Afinal, valem todos o mesmo que o consabido *filho... daservas*, da botanica popular e toxicológica.

(2) Lamartine apprendera português com Filinto, cujas obras analysou em sua estréa na prosa, discurso lido á Academia de Macon, por volta de 1817. O *divin Manuel*, porém, encontra-se numas *Stances*, incluídas no t. V das *OBRAS COMPLETAS* do mestre (ed. Bobée). O classico ferrenho ter-lhe-la dado a illusão de um romântico incipiente, devido ás traducções de OBERON e do MARTYRES. Esta agradeceu-a Chateaubriand, em carta de 5 de Setembro de 1812, com amabilidade meo comica: "Eudore et Cymodocée paraitront beaucoup plus nobles et plus touchants sous les habits de Gama et d'Inés."

(3) Designação genérica dos brasileiros, no Continente.

de quatro bandalhos, (4) que por ellas cam-pam: com esses não falo; antes os louvo e estimo."

Havia já um decénio quasi cumprido que, escapo ás garras do Santo Officio, emigrara para a França, interrompendo o doce convívio de cerca de oito annos com José Basilio da Gama, em que conferiam a lição de seus versos. No processo inquisitorial contra o prófugo lisbonense, fr. Plácido de Andrade Barroco, depuzera que lhe vira em mãos a tragedia de Voltaire — *MAHOMET*, ou o *FANATISMO*, traduzida por "um José Basilio, hoje official da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino" O *hoje* do franciscano terceiro, em 1 de Março de 1779, faz crer anterior a 25 de Junho de 1774, data da investidura do mineiro no cargo, a — vista — da traducção, infelizmente perdida. O que não se perdeu foi o testemunho de admiração litteraria, annexo á lembrança affectuosa, do velho exilado pelo moço do "Canto altifloquo", ao qual imita e mesmo copia até n-*Os ultimos adeus ás Musas*.

Tambem o autor do URUGUAY, detractado soezmente na *RESPOSTA APOLOGETICA*, podia bradar aos jesuitas:

Zoilos, tremel! Posteridade, és minha!

Só um lustro depois da chegada de Filinto Elysis a Paris, que se verificou aos 13 de Agosto de 1778, alli appareceu António de Moraes e Silva, este legitimo carióca, pois nascera no Rio de Janeiro, á rua da Gadelha (antigo trecho da actual do Ouvidor, entre as da Quitanda e dos Ourives, *apud* Vieira Fazenda). O diplomata lusitano estabelecido na capital da França, Vicente de Sousa Coutinho, confiou ao recém-vindo o secretariado da legação. Nos largos ócios burocráticos, pôde elle concluir a notavel obra lexicográfica empreendida na da Inglaterra, onde se asylara fugindo á sanha dos inquisidores de Coimbra.

Os análogos trabalhos do presente, bem como os idênticos soffrimentos do pretérito, aproximaram os dous homens illustres, humilhados nos transes da evasão, o primeiro sob disfarce de carregador de laranjas, o segundo occulto numa carrada de feno ou capim... E, porque *duro com duro não faz bom muro*, facilmente se consorciaram o genio atrabiliário de Moraes e a gorda pachorra de Filinto. Este consagrou áquelle ode extensa, cuja estrophe inicial reza:

"Como fuge, Moraes, o veloz tempo,
Unico bem que não sustem resgate:
Das asas só lhe trava quem se arroja
Da honra ao asp'ro cume;
Só della tira lucro

Quem, como tu, em sério estudo o em-
prega."

Ásperos são os versos, mas a intenção é macia...

(4) Synonimo de *pelintras*, ao tempo.

Rodados vinte-e-oito annos, aos outenta-e-dous de idade, quando acabara de refundir o OBERON (1816), invoca-lhe a autoridade philológica, do mesmo passo protestando bemquerença pessoal. Eis linhas do prefácio, na conjugação do texto e nota:

"Algumas expressões parecerão, a alguns críticos, pouco portuguesas, ou desusadas; não as condemnem, sem consultar bem os clássicos..." "E, por poupar leitura, a segunda edição do Diccionario do muito erudito e meu muito estimavel amigo António de Moraes e Silva."

O vácuo da amizade brasileira, deixado no coração do poeta pela ausencia do dictionarista, á volta de 1788, seria preenchido por José Bonifacio de Andrada e Silva, que no meado de 1790 largou do Tejo, demandando a metrópole da civilização onde permaneceu um anno, a aperfeigoar-se no conhecimento da botanica, com Jessieu; da chfmica, com Chaptal e Fourcroy; da mineralogia, com o abbade d'Holvy; todos, luzeiros da época ás margens do Senna. Reavivando e revivendo n'alma paisagem da terra natal, certa occasião descreveu *Uma tarde*, poemeto que agradaria sobremodo ao desterrado, cujos olhos buscavam sempre no horizonte a Ribeira das Naus, de Lisboa, como os delle procuravam agora os Outeirinhos, de Santos. Irmanados pela saudade, a que serviam de expoência as boas-letras, entregalisaram-se por laço duradouro.

Em 1791, insistindo num convite para comerem salada de morangos na floresta, advertia Filinto ao hospede moroso:

"Perdes, Andrada, com a tardia vinda
O mais guapo lavor, os mais amenos
Dias, que inda tesseu a Primavera
Para brio dos campos.

Quanto receio, triste, te arrependas
Das mallogradas horas, que não tornam;
Dês-que escapam no carro despedido
Do flammejante Phebo!

Com mão escassa espargue a Natureza
Dourados dias de aprazivel face
Neste ennuablado e frigido contorno
Em que me poz a sorte." Etc, etc.

Nutria o receio de Horacio, manifesto na od. XI do liv. II:

*Non semper idem floribus est honus
Vernis...*

Na primavera seguinte, José Bonifacio andava de longada, em excursão scientifica á Allemanha, á Italia, á Austria, á Inglaterra, á Suecia e á Noruega, voltando a Lisboa em principio de 1801, já com fóros de naturalista, o que lhe valeu despacho para crear cadeira de metalurgia na Universidade de Coimbra. Filinto Elysis, que lhe auscultara a vocação artistica, anestesiada pelos estudos positivos, tentou ainda excital-a numa carta de 125 decasyllabos, tendente a provar os defeitos da philosophia, erma de consolos poéticos. Abre desta guisa:

"Emquanto nossos paes, nossas avós,
Encostados na fé do padre cura,
Criam fadas, duendes, criam bruxas,
Quão felices que foram! Que sossego
Lhe atormentava então o entendimento!
Não lhe davam tormento as barafundas
Desse fiscal espr'rito, que aforôa,
Que examina hoje tudo, e que amplos gostos
De enfeitadas chimeras afugenta."

E fecha do teor:

"Assim, amigo Andrada, a minha Musa
Em seu veio sagrado divertida,
Com desenfado um dia assim traçava
Esse embryão de ensossos destemperos,
Aceitos com desdem, ou com sorriso,
Segundo te achem, lépido, ou trombudo.

de Assis não revelou nunca esse arduo combate interior, não fez transbordar no odio e no despeito a sua humildade inicial. Aristocratisou-se silenciosamente. O seu heroismo está nesse trabalho de libertar-se da sua classe, nessa tragedia surda do espirito que se eleva, na distincção pessoal, no desdem de ser aggressivo aos poderosos e aos felizes. Da sua angustia intellectual transpira a perenne melancolia da luta. Das tristes fontes da sua intelligencia persiste para sempre o travo da amargura. Mas essa amargura da vida é nobre, é o desencanto do civilizado e não o rancor do escravo e o destempero do selvagem.. "

Está feita a critica aos dous grandes escriptores, fixadas as suas origens e tendencias, explicada a genese de suas idéas e pesada a influencia que têm tido e hão de ter sobre o meio. Além disso, é copiosa a parte informativa do livro, com notas do melhor valor e interesse, a que se junta um appendice com varios trabalhos sobre os dous escriptores, inclusive a conferencia do Sr. Graça Aranha *A mocidade heroica de Joaquim Nabuco*, proferida em S. Paulo, em 1915. E' um grande livro, dos que não passam na nossa litteratura. E para "resistir a tudo que passa" está o admiravel ensaio do Sr. Graça Aranha, que só um grande pensador e um poderoso artista escreveria.

O destinatário da epistola, cujas alternativas de humor, decorrentes da natureza de seu caracter, o epítolographo tão bem conhecia, talvez a recebesse com desdém, convertível em sorriso grato num futuro remoto, quando lhe bateu a porta o infortúnio político. E então meditaria sobre as palavras de Love-True, que inspirando bellas passagens, modestamente auto-ajuzadas *embryão de enossos destempores*:

"On a vu le monde tel qu'il est, et c'est un grand malheur; la fable le plus ingénieux de l'antiquité c'est celle de Psyché: elle voulut voir l'Amour qui la rendait heureux; mais à peine a-t-elle porté sur ses traits la fatale lumière, qui l'Amour n'est plus qu'un songe. La fable de Psyché est l'histoire du siècle dix-huitième.

Só ao ver-se deportado para Bordéas, quando dissolvida a Assembléa Constituinte Brasileira, isso percebeu o Patriarca de nossa Independência; e, no retiro de Talence, voltando ao trato com as feiteiras da imaginação, pseudonymou-se em Americo Elysio, como homenagem póstuma ao sonhador. Nas melhores composições métricas do momento, arguindo accentuado cunho subjectivo, José Bonifácio prenunciava o romantismo. Porém é de lamentar que nas de feição satirico, objectivando cousas e pessoas da patria, revelasse turbacão de animo geradora de injustiças. O labor philosophico, pelo qual abandonara a poesia, durante tantos annos, não o premuniu contra insinuações de orgulho despoletoso.

Parte de sua correspondencia de 1824 desconcerta os leitores, devido a incoherencias de ordem sentimental, reflectindo-se na moral; pois, si escreve ao visconde de Pedra Branca, em agradecimento de summo favor, não deixa de maldizer do fidalgo, alcunhando-o *Pedra Parva*, em carta a Menezes de Drummond. D'além-campa lh'o exprobaria a sombra de Filinto Elysio, que devéras prezara Domingos Borges de Barros, amigo devotado ao perto e ao longe...

Cabe aqui rememorar-lhes a mútua cordialidade.

O bahiano bacharelou-se, como o paulista, em Coimbra, pela Faculdade de Philosophia, no programma da qual figurava o ensino das sciencias physico-naturaes, recebendo gráu a 3 de Agosto de 1804. Como o paulista ainda, resolveu o bahiano ampliar o estudo dessas matérias em Paris, aonde se dirigiu no começo de 1805. Lá frequentou o Museu do Jardim das Plantas, assistindo a cursos de didactas conceituados, Cuvier, Desfontaines, Thénard e Vauquelin.

Mas, pisando solo de França, seu maior desejo, a breve prazo satisfeito, era conversar o mestre da arte poética, o restaurador da lingua camoniana. Filinto Elysio acolheu festivo a Borges de Barros, graciosamente instructo em vernaculo por Antônio de Moraes e Silva, quando juiz-de-fóra na cidade da Bahia, 1782 (anno da edição príncipe do respectivo dictionário). Que melhor carta de crença para "O immortal corypheu dos cysnes lusos", conforme a emphática retribuição de Bocage? E porque o visitante já dedilhava o alaúde, havendo-lhe mostrado incompleta versão de Reynal, cujo proseguimento aconselhou, logo se estreitariam as relações. Um éco dessa primeira entrevista, em que a familiaridade se esboçava risonha, guarda uma das odes ao Dr. Manuel Thomaz de Azevedo e Sousa, assás decantado por Filinto, como o fóra o padre Delphim por Garção:

"Chegou o Borges, que nos trouxe a nova
Da tua lisa, accrescentada calva:
Da calvissima calva, avessa imagem
Da occasião que foge."

Borges de Barros fez uma viagem de instrução em 1807, percorrendo a Alemanha, a Hollanda e a Belgica; regresso a Paris no cabo do anno, sentiu difficuldades financeiras, devido ao Bloqueio Continental. Não podendo receber mesadas paternas, valeram-lhe auxílios do Marquez de Marialva, espostaneamente offerecidos. Mas a crise financeira, assim mincraha a princípio, não

era de matar o gosto da poesia, nem o amor da pátria, como attestam os episódios referidos a seguir.

Na tarde de 5 de Janeiro de 1808, apresentou-se em casa de Jacques Deille, insigne naturalizador francês das GEÓRGICAS e da ENEIDA, pelo que Voltaire o chrismara PUBLIO VERGILIO DELILLE. E tratou de convencel-o da injustiça do autor da HENRIADE, na apreciação dos LUSIADAS, rasgo de juventude audaciosa e nobre, que lhe grangeou a sympathia do poeta, já cégo e paralytico.

A' saída, ouviu apregoar uma gazeta, noticiadora dos successos de Lisboa; lendo-a sofregamente, inteirou-se do embarque da Família Real para o Rio de Janeiro. Pela

A IDÉA — EUROPA

Não mais se póde conceber uma intellectualidade adiantada, aspirações simples e sinceras para a verdade, sem um certo internacionalismo. Não será uma consequencia do nacionalismo? Porque é evidente que a idéa nacionalista já deu tudo quanto tinha de dar, e não promete mais nada. O verdadeiro caracter do intellectual está na sua vontade de ir sempre mais longe, subir mais alto. O homem deve finalmente alargar o seu horizonte, admitir a idéa de justiça para com os seus semelhantes, augmentar conscientemente o numero daquelles que considera como taes. Europa: a idéa contém fins novos, meios novos, quicá uma nova humanidade e por certo novas lutas.

Como os intellectuaes concebem essa melhoria? Pelo desenvolvimento do pensamento. A actividade de nossos paizes deveria ser dominada pela idéa. Acreditamos, cada qual para o seu paiz, que isso lhe é absolutamente particular e necessário. E' que ha ahí um factor europeu. O pensamento e o acto, penetrando-se e determinando-se mutuamente, são europeus. Não se deveria nunca esquecer o e muito menos nos dous paizes que sem duvida foram destinados a se combater, porque estavam fadados a se engrandecer reciprocamente. Desde que as nossas lutas não attingem a fim algum, uma lição se impõe: "Acabemos com elles! Unamo-nos!"

Eis porque devemos, nós e os que nos acompanham — nos entender directamente com as massas, por sobre aquelles que nos têm governado até agora.

Encontral-os-emos promptos a abrir o coração para nelle collocar a verdadeira patria. Compreenderão que a verdadeira patria não quer o odio entre os homens e que, muito ao contrario, permite a cada qual de conquistar, avaliando as suas virtudes, as dos seus vizinhos. Compreenderão que a Europa é o factor que une os homens, que para cada um delles é um augmento de forças, e que saberá criar para todos uma patria nova.

HEINRICK MANN.

noute a dentro, escreveu uma óde celebratória do acontecimento, a que poz de epigraphe, com significativa modificação, um hexametro da égloga IV do mantuano: *Novus ab integro saeculorum nascitur ordo*. Recitada a um grupo de portugueses, dias após, tornou-o suspeito a galfarros napoleonicos, sem comtudo deixal-o insuspeito a esbirros joaninos no Brasil, como além se verá.

Certo livreiro encomendou ao padre Corrêa da Serra e a Borges de Barros, mediante remuneração de 1.400 francos, divisíveis por ambos, a feitura de um dictionário portátil, em dous volumes, francês-português

e português-francês. Em Outubro de 1809 metteram mãos á obra, que ficou prompta em Março de 1810; mas arcando o segundo com toda a cansa, visto o primeiro ter logo adoecido, ou empreguido...

A isso ajudia Filinto Elysio, numa outava jocosa, dizendo o com que *sonhavam* diversas pessoas:

..... Corrêa,
Prazer de preguiçoso e algum bom dito;
Borges, apoquentados dictionários;"

Terminada a árdua faina desses seis meses, o último pensou em rever o paterno Engenho, no reconcaço de Santo Amaro da Purificação; compenetrando-se, porém, de que não obteria o passaporte almejado, em face das circunstancias.

A 14 de Agosto chegava a nova á Thebáida de Choisy-sur-Seine, agitando a melancolica pluma do amigo:

"Com mágua ouvi que partes, caro Borges,
Deixas-me nestes ermos
Saudoso, velho! E ameaçadora a Morte
Brande (não de mim longe!)
A luzida fouce. Agra a Pobreza,
De feia catadura,
Co'as seccas mãos me aperta o' peito ansiado.
Emquanto o allivio tinha
De receber teus versos, tua prosa,
De, em cambio, remetterte
As minhas, sossegava a seva frágua
De atribuladas penas,
Com que o futuro me ennegrece os dias.
Mas tu, que óra te ausentas...
Afasta-te de mim, acerba idéa!
Vae, Borges: brandos Zéphiros
Nas asas teu baixel contínuos tomem
E á Patria te confiem:
A' Patria, que, contente, os braços te abre,
Para te estreitar nelles.
Verás o Pae, que te ama e que respeitas,
Os Irmãos, os Amigos,
O tecto, o berço, onde com raio puro
A ti, recém-nascido,
Deu prima luz o sol. Quanto se prezam
Os bosques, onde, infantes,
Demos os tenros passos mal-seguros!
Com que prazer não vemos,
Depois de longos annos de apartados,
Os que, na verde idade,
Comnosco eram no estudo, eram no jogo!
De tudo vás lograr-te:
E eu, de pesar da dôr da ansiosa ausencia,
Devoto aos Céos t'o imploro."

A resposta não tardou mais que tres dias, colhendo-se della a premeditação de innocente estratagemas, para burlar a desconfiada policia administrativa:

.....vou ver o berço
De Franklin immortal; ficas, Filinto
Eu parto
Alheias terras deixo, alheias busco.
Quando verei os bosques, onde, infante,
Dei os tenrinhos passos mal-seguros,..."

Effectivamente, em companhia de João Pereira de Sousa Caldas, Sebastião e Vicente Navarro de Andrade, partiu de Lorient a 8 de Setembro, no brigue *Souvarow*, que a 25 de Dezembro aportava em New York. E a 16 de Março de 1811, a bordo do brigue *Galeno*, de lá rumaram os quatro para o Brasil. Desembarcando na Bahia, foram presos como bonapartistas, ou simplesmente infensos ao governo de arribação. Excepto um dos Navarros, conservado na cadeia local, todos passaram á do Rio de Janeiro, remetidos no brigue *Tamerlão*. Feito o necessario processo, pelo intendente geral Paulo Fernandes Vianna, apurou-se-lhes a nenhuma culpa, sendo postos em liberdade a 28 de Setembro, com officiaes excusas do incommodo...

Borges de Barros, permanecendo na séde do paiz até 1813, collaborou activamente n-O *Patriota*, quinzenario do conterraneo Manuel Ferreira de Araujo Guimarães, que lhe deu á estampa substanciosas monographias, de interesse pratico, reflectindo conhecimentos adquiridos no extrangeiro. Em 1814 já se achava na Bahia, onde casou com uma bella e rica viuvinha, cujo amor não o fez ovidiar

BALANCETES

Toda theoria social é vã, porque se baseia em fundos instáveis que somos nós mesmos. Não devemos affirmar que, com a realização de uma tal idéa grandiosa, a vida da humanidade melhorará. Si não forem os outros homens que se modificarão com o advento da nova realidade, seremos nós mesmos. Acabaremos por guerrear o nosso proprio acto, porque nós somos o nosso maior inimigo.

Ninguem lucha para crear o bem geral, mas para destruir qualquer cousa, ou para vingar-se, readquirindo aquillo que perdeu ou adquirindo aquillo que nunca foi seu, mas que julga ter perdido. O mais puro dos constructores possui dentro de seu peito, mesmo inconscientemente, uns dentes miudos de intenções á espera do momento propicio para morder e excitar o seu coração.

É um absurdo querer separar de nós, de nosso peso terreno, nossos ideaes. O egoismo é um outro nome do instincto e a nossa propria conservação é a unica força que movimenta nossos braços. E quando nós pensamos no bem de todos é o nosso desejo de gozo que alimenta aquelle pensamento.

Os chamados martyres, os que se sacrificam por uma idéa, não são homens de verdade, porque nada têm que os prenda vivamente á terra. O seu gesto é frio como uma fructa verde. Nada cream. Sómente destroem. E destroem a si mesmos, o que é a destruição mais desolante possivel.

Como é triste colher as bellas maçãs verdes!

Cada passo que damos destróe o que queremos, a nossa alegria quando o demos. A realidade que desejamos, mal chega, destroe o desejo. Logo é uma tolice querer avançar, porque é sempre querer ficar sem a deliciosa cancia de querer avançar.

O sonho collectivo é inutil, porque não alcança a felicidade individual. O individuo tem sempre de lutar contra o que desejou

ou deseja, porque só uns homens é que podem gozar o triumpho. E, talvez, dolorosa a visão do que existe, mas é muito mais doloroso o remorso ou a decepção de se ter revoltado contra o que se destruiu sem proveito.

Os grandes movimentos ideologicos dos homens têm sido para a descoberta de uma liberdade, senão absoluta, o que seria impossivel, como nem precisava provar Montesquieu, ao menos relativa á que se possui.

Ora, se essa liberdade viesse a existir, seria tão grande a parcella de melancolia e desinteresse de ser livre, que ella ficaria inutilizada.

É necessario haver preconceitos e codigos para serem desobedecidos. A unica emoção de liberdade que podemos tirar de nossos actos não é nem a de agir livremente, nem a de movimentar-se sem constrangimento. É apenas a emoção de desobedecer.

Todo o ideal nasce morto. Sua vida é apenas uterina. Desde que se realiza e se liberta do ventre materno das idéas, é já um morto.

O ideal é uma sêde. Quem a tem, procura agua, isto é, mata-a. Existe apenas emquanto soffre-se e procura-se agua.

Os socialistas revolucionarios só poderão ter um objectivo: matar o socialismo.

Só ha falta de equilibrio na sociedade, quando se procura equilibrar-a pelas revoluções. Porque, afinal de contas, é o desequilibrio das condições de vida social o unico equilibrio natural para a sociedade. Procurar remover uma situação, para aplinar as saliencias e igualar os beneficios, seria querer

tirar aos homens essa fórmula congenita e eterna de estabilidade desigual.

A injustiça nas condições de vida é uma perspectiva só attingida pelos olhares contentados dos que sabem vêr nos outros homens o bem que lhes falta. Si o homem conseguisse comprehender-se, não precisaria nunca soffrer de não comprehender a desigualdade social.

A idéa de Igualdade é nociva e desolante. É ella que amollece as energias do homem novo, desvirtua suas tendencias, desvia seu espirito, para promessas sem sentido.

A Igualdade é um ideal que pesa demais. Para poder erguel-o, os homens fracos estragam seus musculos e perdem a agilidade para se mover e andar.

Todo homem luta para conseguir uma vantagem qualquer, intellectual ou material, sobre seus semelhantes. E assim a desigualdade torna os homens movimentados, engenhosos, creadores.

É preciso, pois, systematizar a desigualdade.

Desigualdade?

Todos os homens são iguaes. A Igualdade com I maiusculo, a Igualdade Revolução Franceza, a Igualdade praça publica é uma illusão dos que não chegaram ainda a sentir a verdadeira igualdade.

A interessante Fraternidade não pôde existir emquanto os homens acreditarem na Igualdade com I maiusculo. É preciso que todos se convençam de que a outra, a verdadeira igualdade existe e não acreditem mais na eloquencia de praça publica.

Não seria tão mais commodo o mundo si os homens pudessem — não amarem-se, Jesus, que isso é um absurdo — mas comprehenderem-se uns aos outros, e admittirem-se mutuamente, por piedade ou por temor?

Carlos Alberto de ARAUJO

a amizade do vate solitario e pobre. Nesse mesmo anno, enviava-lhe o conforto de algum dinheiro, mascarando com extrema delicadeza a esmola, no improviso de uns versos saudosos e joviaes:

"Ainda viverá Filinto Elysió?

Dizei-m'o, ó filhas do Parnaso!

A chelpa que a Filinto agora envio,
M'mo de poucos, mas fieis amigos," etc.

Continuariam semelhantes beneficos, até 25 de Fevereiro de 1819, dia em que uma anasarca victimou Filinto Elysió, privando-o de ver a ascenção de Borges de Barros na diplomacia e na politica. Porém, desde Fevereiro de 1824, quando o segundo assumiu a legação do Brasil em Paris, ahí erraria tutelar o espirito do primeiro, influindo nos estudantes que a frequentavam. Maciel Monteiro, que era um delles, encordoou a lyra em 1826, para festejar o natal de Marilla (viscondessa de Pedra Branca (5)). Outro, Joaquim Caetano, adolescente de pouco chegado, breve encetar'a pesquisas vocabulares e subsidiárias do dictionário de Moraes, exemplo do visconde de Pedra Branca, que acabava de enriquecer uma obra geographica de Adriano Balbi, embutindo-lhe o estudo inicial dos *brasileirismos*. Emfim, todos dilata-

tavam, a varios modos, directa e indirectamente, a tradição literaria de Francisco Manuel do Nascimento...

Inspirado quicá na malevolencia de José Bonifacio, Sílvio Roméro tachou de "homem do Paço", como quem diz corteção sobservente, ao visconde de Pedra Branca. Mas tem-se prova documentária do inverso, emergente de um discurso que elle pronunciou no Senado Nacional, sessão de 21 de Agosto de 1833. Dous trechos de estilo lapidario, que fazem ao caso pela altivez irónica:

"Quanto á parte que se me dá no casamento do ex-imperador, tambem não me vestirei com roupas alheias. O plenipotenciário encarregado desse negócio não precisava de ajudante; elle tem as qualidades necessárias para o desempenho das cousas que toma a si. Eu nada mais fiz do que apontar-lhe a princeza que reúne o prestigio, que dá uma série não interrompida de avós, ao brilho da maior gloria de nossa idade.

Todavia, como quizeram attribuir-me serviços, fui *sugaz*, aproveitando o ensejo; e, no mesmo dia em que se assignou o tratado de casamento, dirigi a Sua Magestade, a ex-imperatriz hoje, uma carta, ou petição, primeira e unica que em minha vida enderecei a soberano qualquer. Nella pedi remuneração dos taes serviços, e foram meus pedidos: 1º) Que Sua Magestade mimoseasse o Brasil com a instituição das irmãs de caridade, esmero da virtude das mulheres; 2º) Que estabelecesse, no Brasil, um instituto como o, de S. Diniz, em França, para a educação das meninas brasileiras; 3º) Que creasse uma caixa de resgate para alforria progressiva dos escravos; 4º) Enviei-lhe um exemplar de nossa Constituição, supplicando

que fosse o livro por onde aprendesse nossa lingua. Tudo se me prometteu e nada se fez, e tive de faltar a meus ajustes com as senhores que eu havia decidido a virem trazer-nos aquelles bens. Ora, parece que, em taes condições, não ha saldo contra mim; e, quando houvesse, eu pago as minhas dividas dos meus e não dos dinheiros alheios." (6)

Resentindo-se da escassez de éstro, Domingos Borges de Barros, alma nobilissima sem duvida, foi mais poeta na vida que na literatura. Assim pensaria tambem o velho *brasiliophilo* (7), embora aquinhoando-o invejavelmente no reparte do carinho, que me suggeriu estas páginas de justiça retrospectiva...

Alberto FARIA

(Da Academia Brasileira de Letras).

(6) Filinto Elysió, nascido em 23 de Dezembro de 1734, tinha mais 7, 20 1/2, 38 1/2 e 45 annos, respectivamente, que Basilio da Gama, Moraes e Silva, José Bonifacio e Borges de Barros, nascidos em Novembro ou Dezembro de 1741, 1 de Agosto de 1755, 13 de Junho de 1763 e 10 de Dezembro de 1779. Relativamente aos quatro últimos natalícios, erra a maioria dos biographos, descuidada e repetidora. D'ahi, a razão desta nota, quanto ás datas.

(7) O increpado titular batia-se pelo projecto que arbitrava a D. Amelia de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, as arrhas prescriptas no contracto matrimonial com D. Pedro I.

(5) Trata-se de um soneto, que não figura entre os do barão de Itamaracá, publicados reunidamente em Recife, 1905, no volume POESIAS. Com as iniciaes A. P. M. M., vem no appenso ás NOVAS POESIAS, offerecidas ás senhoras brasileiras por Um bahiano, Rio, 1841.

POBRE LIBERDADE!

(Especial para "America Brasileira")

Parece-me ver desenhada, de ha certo tempo, em nossa Europa occidental, um movimento nefasto de reacção contra a liberdade.

A culpa é do bolshevismo, ou antes da opinião que se formou, na crença de historias terriveis, aliás mais do que provaveis, em todo caso, porém, sem ter para nós o alcance que lhes emprestavamos.

Os partidarios da tyrannia, que sempre se dizem sustentaculos da ordem — é tão commodo! — aproveitaram-se do bolshevismo, como de um verdadeiro espantalho, para impressionar as multidões. Disseram: "Atenção! Em toda parte o homem é um animal selvagem. Não sentindo o freio, precipita-se e tudo destróe. A prova está no sovietismo. E esse perigo nos ameaça tambem, desde que por pouco vos deixardes embriagar pelo amor da liberdade".

E nós acreditamos e nos deixamos seduzir por esses sofismas e quasi teriamos caído sob o jugo de qualquer dictadura, se não tivessemos sido defendidos contro nós mesmos, por alguns homens que lutam para salvaguardar as conquistas do liberalismo, mesmo correndo o risco de passarem por espiritos tendenciosos e máos. Um nada nos separa disso e não quero outra prova a mais do que a sympathia com que se encara a evolução do fascismo. A principio, rimos; depois, a pouco e pouco, habituamo-nos a pensar que essas formas violentas de governo poderiam bem passar do provisorio ao definitivo, e tornarem-se normaes e perfeitamente legitimas.

Cada dia, nos jornaes, lêem-se artigos que, sob uma forma humoristica, propõem o famoso problema da ditadura... O publico considera ainda essa cousa como uma utópia, uma fantasia, mas habitua o espirito nisso e, por tal fórma, que se amanhã surgisse um ditador, "um homem de pulso" como dizem no seu jargão popular, esse mesmo povo, que fez a revolução, diria por algum tempo: "Assim, se está muito bem. Vai-se viver na ordem".

Com effeito, o temor da ditadura está sempre na origem das tyrannias aceitas. Os povos ainda se não aperceberam, a despeito de tantas experiencias funestas, que a ditadura não assegura senão uma certa especie de ordem, toda exterior, mas que favorece uma anarchia moral que é um fermento de dissolução interna, bem mais grave mesmo do que certos excessos da liberdade. Por detraz dessa fachada symetrica e bem regular é que tod. tyrannia começa a sua constru-

ção, dissimulam-se os abusos innumeraes e cada vez mais numerosos, até que o sentimento publico se revolta e então, para readquirir a liberdade, uma nação é obrigada, muitas vezes, a usar meios violentos, que depreciam o liberalismo aos olhos de outros povos, e servir de argumentos dos sustentaculos da tyrannia.

A historia do começo de todas as republicas sul-americanas illustra essa theoria. Foi no tumulto de uma convulsão incessante que nasceu a liberdade de que hoje disfrutam. Mas, essa liberdade, ainda que duramente conquistada, parece definitiva e ninguem põe em duvida a legitimidade do seu principio, e sobretudo ninguem acredita que a sua pratica possa ser perigosa. Para dizer tudo numa só palavra, meus caros amigos da America Latina, ignoraes o fascismo e não tendes no vosso meio esses sofistas, que pullulam deste lado do Atlantico, e que queririam nos fazer retornar, não ao sceptro, o que pôde ter a sua grandeza, mas á espada, o que é baixo e estúpido.

Eu vos invejo e vos admiro. Deveis por certo nos olhar com espanto, porque foi de nós outros que auristes o ideal que acabastes realisando, e deve vos parecer bizarro que se queira entre nós ridicularizar esse liberalismo, depois de se ter obtido tantas vantagens.

Sob esse ponto de vista, creio que estaes mais do que nós perto da perfeição. As rãs, entre vós, acreditam que mais vale viver tranquillamente no charco natal, do que chamar uma garça para fazel-a rainha. A velha fabula perdurará eternamente verdadeira. A garça a pretexto de salvar as pobres rãs, as engulirá muito commodamente.

Não me forceis a dizer o que não quero dizer, não creio que jámais cheguemos a commetter a loucura de acreditar numa ditadura. O que me choca, não é um facto, nem uma ameaça, é um estado de espirito. Não faço politica, mas psychologia, e observo que ha, na Europa occidental, um grande numero de pessoas que sonham com a ditadura, um pouco como uma mulher romanesca que

sonhasse ter um amante, por ser o seu marido enervante. São victimas de uma illusão de optica. Estão obsecados pelos inconvenientes de um regimen liberal e imaginam que, substituindo um pelo outro, á idade de ouro retornaria sobre a terra. Sempre o caso da mulher romanesca, mas essa se retrata singularmente, quando, depois de ter deixado seu placido marido, descobre em seu amante um cavalheiro bruto e feroz, que a surra todos os dias, e não é, por isso mesmo, muito divertido.

E' preciso tambem ajuntar que o verdadeiro amor da liberdade é cousa muito rara. E' certo que, quando se sente o peso da mão do tyranno, se encontram muitos homens furiosos com o jugo e avidos por supprimir as desigualdades sociaes que os humilham; mas esse sentimento é uma forma de egoismo e nada tem que ver com o espirito liberal dos homens promptos a se dedicarem aos seus semelhantes, afim de tornal-os dignos e felizes.

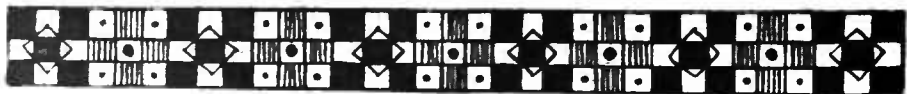
Triste é a lei da ingratição! Os povos pelos quaes esses homens se sacrificaram confundem rapidamente seus heroicos libertadores com immensas partidarios que buscam tirar proveito pessoal das desordens que sabem criar no seio da propria liberdade. A politica, a politica vil, com as suas baixas intrigas, o seu espirito cruel, a sua avidez, o seu cynismo, rapidamente perturbou tudo. Então, os partidarios da tyrannia exclamam: "Vêde bem". E a plebre, espavorida, está sempre disposta a volver ao jugo que a levará de novo ao caminho commum, que passa a se chamar — "a estrada recta..."

Ao fundo, muito ao fundo, talvez o homem não goste de ser livre. O que ama é satisfazer os instinctos. A tyrannia lhe promette a alegria. A liberdade lhe não esconde que exige um esforço moral maior, e para dizer tudo, um ascetismo.

(Então... então as rãs não hesitam. Chamam a garça, cada uma acariciando a esperanza de evitar seu bico terrivel.

Pobre liberdade tão bella e tão querida! O teu reino não pôde ter chegado ainda.

Francis de MIOMANDRÉ.



O NACIONALISMO BRASILEIRO E O INTEGRALISMO PORTUGUEZ

Sob o titulo acima, publicou, no seu numero 9 deste anno, a Nação Portuguesa, o artigo que adiante se estampa com a devida venia. Sabem os leitores que se trata da revista de Antonio Sardinha, uma das mais fascinantes afirmações do consciencia portugueza neste momento agitado da historia do povo irmão, apostolo da obra de renovação da estrutura ideologica de Portugal e poeta que exprime maravilhosamente no rythmo de seus cantos e de seus dizeres a ternura, a melancolia, a fé e o destemor da alma luza. Na actualidade, elle e esse admiravel Afonso Lopes Vieira, orgulho da raça e espelho da sensibilidade lusitana, que entezoura joias modernas buriladas na antiga medida, são, com effeito, duas formosas expressões da intellectualidade peninsular. Transcrevendo as palavras da Nação Portuguesa, tão sobremaneira excessivas na generosidade dos conceitos, nossa maior satisfação reside no facto da coincidência de nossas idéas e na afinidade de nossas aspirações.

“Conhecem os leitores por certo a importante revista do Rio de Janeiro — *America Brasileira*. Dirige-a o espirito brilhantissimo de Elyσιο de Carvalho e toda a sua bella actividade intellectual se desenvolve em torno da bandeira do nacionalismo. Autor illustre de livros como *Os Bastiões da Nacionalidade*, *Brava gente*, *A realidade brasileira* e tantos outros, Elyσιο de Carvalho representa hoje na agitado meio politico e litterario do Rio a personificação de um alto pensamento de grandeza e dignificação patrioticas. Ou pela palavra, ou pela pena, ninguém zela como elle o nome glorioso da terra em que nasceu, defendendo-a da diminuição e do enfraquecimento com uma energia de soldado a que se liga o mais profundo illuminismo de apostolo. Pois nas columnas da *America Brasileira* Elyσιο de Carvalho, apadrinhando a reprodução gentilissima do ensaio *O genio peninsular*, do nosso director Dr. Antonio Sardinha faz a tal respeito declarações que são para nós um estímulo honrosissimo e que cobrem de gloria as nossas campanhas incessantes em defeza do desbaratado patrimonio cultural e historico da raça portugueza. Oçamol-as. (Segue a nossa nota sobre Antonio Sardinha.)

Os leitores descontarão o que ha de amavel e de excessivo nas referencias de Elyσιο de Carvalho. Tambem a verdade manda que se rectifique a attribuição ao Dr. Antonio Sardinha da qualidade de “leader” primacial do Integralismo. Movimento de fé e de idéas, somos uma irmandade, — uma como que Tavola Redonda, a que falta... — porque não dizel-o? — o Rey Arthur. Supremacias pessoais não existem, por isso, entre nós. Existem apenas aquellas que se conquistam pela dedicação, pelo trabalho, pelo sacrificio. Ora em semelhante capitulo somos todos, graças a Deus, soldados de igual capacidade. A extrema generosi-

dade de Elyσιο de Carvalho será a primeira a reconhecer-o, como reconhece em termos tão alevantados e tão sinceros a estreita afinidade do *Integralismo Lusitano* e o nacionalismo sustentado com tanta galhardia pela *America Brasileira*.

Comprehende Elyσιο de Carvalho toda a amplitude da nossa politica hespanica. Com um sentido perfeito do condicionalismo e tradições de Portugal, Elyσιο de Carvalho entende tambem que essa politica advinhada por Camões, é a politica do Atlantico, — *mare nostrum*, em que o Brasil tem uma acção, pelo menos, tão predominante e decisiva como a da sua antiga metropole. Alegria-nos que a *America Brasileira* nos acompanhe em tão ardente aspiração e que, na defeza da civilização hispanica, obscurecida pelas radiações materialistas do *dollar*, possamos contar com o seu apoio e collaboração valiosa. A *America Brasileira* e ao seu eminente director apresentamos as homenagens da nossa admiração e do nosso reconhecimento, considerando de festa este numero da nossa revista em que as suas declarações figuram como moral que mais ardentemente apeteçeríamos.

Mas porque falamos da *America Brasileira* e da posição assumida pela autorizada revista nacionalista em relação ao *Integralismo Lusitano*, justo é que acentuemos um pouco mais os titulos dominantes do alto espirito que é Elyσιο de Carvalho. Aproveitamol-o como autor de dois verdadeiros breviaros de nacionalismo: — *Brava Gente e Bastiões da Nacionalidade*. No discurso pronunciado por Ronald de Carvalho, — o penetrante critico da *Pequena historia da litteratura brasileira*, num significativo banquete de homenagem, offerecido por um grupo de intellectuaes a Elyσιο de Carvalho, disse o orador traçando com sobriedade classica o perfil mental do festejado: — “Tivestes, senhor Elyσιο de Carvalho, a originalidade de acreditar em nós. Cedo vislumbrastes, por entre as sombras em que pretendiam envolver os brilhaes do nosso passado, a riqueza do seu patriotismo. Soubestes ver que não eramos simplesmente um depósito de ouro e pedrarias, entregue a cupidéz dos aventureiros de toda a procedencia. Mostrastes, com infatigavel tenacidade e copiosa erudição, que o Brasil não foi o producto de caldeamentos bastardos, que não foi a escoria dos degradados, a ralé dos criminosos, os restos dos penitenciarios de além-mar que operaram o prestigio de fundar, aqui, uma nacionalidade. Affirmastes que o Brasil nasceu do esforço sincero e persistente de uma aristocracia. Fizestes reluzir ao sol dos nossos tropicos os brazões, os escudos, os sinetes armilares da gente voluntariosa e nobre que assentou os alicerces da nossa patria. Não considerastes os banderantes simples ambiciosos, levados pela miragem da pecúnia, attentos sómente aos guias fabulosos da fortuna. Appreciastes nelles a energia latente de uma

raça varonil. Não enxergastes nelles meros salteadores, escondidos nas forjas e boqueirões do sertão, promptos a trucidar o gentio incauto. Vistes nelle a primeira palpitação, o milagre inicial de um grande povo que surgia. Entre os da vossa geração, artistas requintados, pessimistas elegantes, casquilhos petulantes, fostes um homem. Dominastes os impulsos da imaginação, corrigistes os desvarios do sentimento, ordenastes a vossa vida pela disciplina da logica e da razão.

Tal é a essencia do nacionalismo brasileiro. Tais são as virtudes de Elyσιο de Carvalho, como pensador e como artista. O seu esforço ampla-se no sonho illuminado que o conduz: — acordar no Brasil a consciencia da sua personalidade pelo regresso ás fontes vivas da sua raça e da sua historia. Por isso, com nobre simplicidade Elyσιο de Carvalho respondia ás palavras de Ronald de Carvalho: — “De mim, direi que me sinto cada vez mais feliz em ser brasileiro e que um dos mais fortes motivos do meu orgulho é esta constancia, sem vacillações e sem alardes, que puz na defeza das tradições desta patria que o passado nos legou com o sacrificio dos seus heróes, o pensamento dos seus genios e o esplendor vibrante das suas glorias, e cujo maior encanto estaria em ser uma nação americana, possuindo com os attributos originaes todas as claridades mentaes da latinidade”.

Percorrer a obra já notavel de Elyσιο de Carvalho é abrir um roteiro de perfeito e equilibrado nacionalismo, onde reflecte com a mais dignificadora justiça o amor de Portugal. Na fremente impugnação que a Elyσιο de Carvalho arrancou o libello nativista, contra os portuguezes, a posição do Brasil perante Portugal é definida em termos, que, embora sejam os devidos á verdade, não dão, em todo o caso, a prova de quanto Elyσιο de Carvalho alia ao maximo heroismo das idéas o maior sentido das relatividades. O factor-Brasil apparece-lhe como uma criação constante, e nessa criação não nega ao elemento luziada o papel propulsor que naturalmente lhe cabe. Praticar o contrario importava negar as raizes do Brasil, realizando um acto de criticismo suicida tão condemnavel, pelo menos, como o dos nossos historiadores do seculo XIX, ao negarem-nos a menor identidade com os Lusitanos, — tronco e *substractum* fundamental da patria portugueza.

Senhor de um estylo cheio de retezamentos musculares, ha em Elyσιο de Carvalho, conjuntamente, uma enorme e communicativa capacidade lyrica. Aqui lhe deixamos, bem marcadas, as nossas saudações. Possa o seu labor crescer em seara magnifica, — e que nunca não nos falte com o seu concurso, para que a politica do Atlantico, tão brasileira e tão portugueza ao mesmo tempo, se torne em realidade consoladora para as duas nacionalidades que a lingua e o sangue reúnem no culto de Camões!

A Nação Portuguesa.



CHRONICAS DE MALAZARTE

III

Então pensas que ele havia de ficar atrás! Nunca! Vive em perene transformação. O que não quer dizer renascimento. Não morre e se transforma.

Aquele personagem de Strindberg, que não quis mais ver a filha, não vista durante seis anos, teve alguma razão. "Minha filha é outra!" dizia... No corpo a menina era já outra, ninguém discuta. Eu acho uma empolgante graça nisso do objecto humano ser um forno cremador onde as células se consomem. Cinco annos passam; e nenhuma célula viva ficou. A carne é outra, mas parecida com a de um lustro atrás. Que coisa bonita! Homem! fogareiro em perpetua devastação! O fogo crepita, lambe, tudo amesquinha enfim! "Bichinho que roi, que roi... — Não se confunda! Bichinho que roi, não é o fogo do homem, mas o amor deste pelas suas semelhantes. — Não confundi coisa alguma. Fogo e amor: tudo o mesmo — Camaradas! O homem provem do amor, por ele vive e para ele vai. Amai-vos uns aos outros!

Nesse dia foi uma bacanal terrível na vila. Os coitados não compreenderam a prédica de Malazarte. Resultado: Em vez de amor, pandega. Temporários estupros, corníferos epitalâmios. Oh! minhas alucinações... N. 35: PENSÃO; n. 37: PENSÃO; n. 39: PENSÃO... Tudo virou pensão? Tudo. Si o bem intencionado autor do "Banquete" não disse que a pensão é ara do amor, só não o fez porquê naquele tempo não havia pensões, nem dona Jújú maternal e gordíssima. Ela assina Joujou, mas não vejo necessidade de insultar a lingua francesa. Ha Jújús em todas as linguas; e sou partidario da ortografia fonetica. Em termos, entenda-se. Ortografia fonetica em termos, que comodidade! Aliás o "em termos" é que é comodo. Extraordinariamente. Uma vez, na Faculdade de Filosofia, o lente perguntou ao discipulo:

— O senhor acredita em Deus?

— Sim senhor... Isto é... em termos.

Estão vendo? Convenço-me de que esse aluno genial não irá para o inferno, muito embora vá p'r'o diabo-que-o-carregue. Creio tambem que ele vai ás pensões. Em termos.

Pois na Grecia não havia pensões. Mas sobravam praias e jardins de Academus. Outra coisa bonita!! Oh! praias da Grecia e parques londrinos sem luz!... A excitação vai por conta dum dos caipiras que ouviram o "Ami-vos uns aos outros" de Malazarte. Deste e não de Deus. O Onipotente já ficou muito longe e ninguém mais lê a Biblia. Quando muito se percorre o "Cantico dos Canticos", pelo cheirinho de pensão que lá está. Não está! Mas permanece em nosso nariz. Isso basta para que o sintamos no poema de Salomão. Afinal a culpa nem é tão nossa! A intelligencia não manda no nariz. Você já entrou no Necrotério? Vá lá! E o dia se estraga. Estraga ou sublima, não sei; que ha necrofilos amadores por este mundo além. Mas lês Dickens. cheira a cadaver. Beijas uma mulher nova: beijo de cadaver. Engoles um whisky: bebes cadaver. Tudo: caro data vermidus! Mundo, ah! mundo, que lição de anatomia tu és!...

Malazarte não gosta de Rembrandt nem das luzes artificiais do mestre holandês. Ora bolas! eu quero a luz do Sol, que, mesmo sem falar de insolações, produz o mais estranho dos paraizos artificiais, o dia! E Rembrandt já passou. Eu me transformo. Pensas então que ficaria atrás? Qual! Sou modernizante. Não conto mais a historia da panela, conto a alegria muscular dos cow-boys e me fiz empregario cinematografico. Tanto falaram no "Gabinete do Dr. Galigari" que aluguei o filme. Porcaria! Rembrandt legitimo. Misterios, doenças, nenhuma insolação. Porcaria!

Malazarte não tem razão. Isso acontece ás pessoas que prégam teoria. Escravizam-se a ela e o carvalho enessa com as nuvens. Vem um desses tufões. Tomba o carvalho. Porquê? Porquê o canço não tem

rama e é flexivel. Esta fabula é de La Fontaine. Mas, sem nenhuma intenção pejorativa, digo que é tambem do Sr. Amadeu Amaral. Carvalho no Brasil traduz-se por palmeira; e uns nobres versos das "Espumas" contam-lhe o caso. E como cem vezes sem terror ela enfrentou o raio e jamais se curvou, percebe-se que o poeta gosta da palmeira e dá como exemplo a palmeira. Mas estou pensando que o snr. Amadeu Amaral gosta de canço tambem... Ha na maturidade que transmonta uma suave, sorridente piedade, que leva certos homens a olhar com olhos de luz melhor, a impaciencia, os excessos, as pesquisas dos jovens. Ora isto é propriedade do canço, que sabe a—tempo se curvar. Os vendavais passam. De novo em calma os ares, soergue o canço o hastil e guarda seu legitimo lugar. Nada perdeu, nem foi ridiculo. Ora, o snr. Amaral teve muito do canço quando escreveu aqueles dois artigos da *Gazeta de Noticias*, sobre os modernistas do Brasil. Isto vem aqui como elogio. Eu já admirava "Espumas" e "Dialecto Caipira". Com os tais artigos minha admiração cresceu. Não ha dúvida: o poeta de "Jardim fechado" soube realizar um "Estuario" muito mais intelligente que o de Bilac. Sofrer todo o infinito, universal, pezar é belo em decassilabo, mas quasi uma ararice. Como si não bastara o meu figado a reinar, essa que não me quer e o to-be-or-not-to-be!... Muito mais que sofrer pelos outros (que é inutilmente perder tempo) vale compreender esses outros. Isto praticou o snr. Amadeu Amaral na frutifera poesia dos seus artigos. "Frutifera" é o termo. Agora estou a pensar que o nobre academico foi habilitissimo ao traduzir carvalho por palmeira... A palmeira é tambem flexivel e sabe se amoldar á exigencia das ventâneas. Mesmo se o raio vem: queima-lhe a umbela, mas o estipe fica pelos seculos a gritar: Estou aqui! O carvalho quebrou. Desapareceu. Quando muito sobra uma raiz entre-escondida. Malazarte passa. Dá uma topada. Vira-se indignado. — E' uma raiz apenas, Malazarte! Ele gargalha e cospe na raiz: Arara! E segue para adiante seu caminho. Não haverá jámais, neste Brasil, raises que impeçam as avançadas de Malazarte. Amen.

Malazarte avança, mas erra ás vezes. Errou bastante não gostando do "Gabinete do Dr. Galigari". Uma das milhores obras até agora aparecidas no cinema. Representada por um grupo admiravel de artistas, que conseguem mover-se em scenarios augustos, atinge grande potencia de horror e misterio. Tanto misterio e horror... Algum de vocês ri: Misticismo alemão!... Nem tanto assim. Esse gosto do misterioso e de assombros nem é tão alemão assim; e quem melhor o expressou foi um americano.

Para indicar as paisagens e os tipos criados pela imaginativa do louco os enscenadores se serviram do expressionismo. Antes: imitaram o expressionismo. A cidade, por exemplo, é um mau arremedo da maneira de Kandlt. Arremedo ou sinceridade, atingem ás vezes grande fôrça de expressão. Numa iluminação extraordinaria. Infelizmente: objectiva fixa, anticinematica, sem dinamização fotografica. Muito de teatro, pouco de cinema. Af Cendrars teve razão. Mas a primeira das causas que o impediram de gostar do filme é impagavel. Diz que o emprêgo do expressionismo para dar idéa do que pensa um louco desacredita a arte moderna. E' verdade: desacredita. Mas si acaso aparecer uma obra-prima, um "Dom Quixote", por exemplo, ou "Seis Personagens a procura de Autor" (que a seu modo é um Dom Quixote tambem, metendo no ridiculo o teatro psicologico do sec. 19), si essa obra-prima apparecesse ridicularizando o modernismo, não gostaríamos dela só por isso? Razão sentimental.

Isso traz á balha um dos problemas mais importante da modernidade. Eu

justifico o emprêgo da deformação sistematica, tal como a usam expressionismo, futurismo, etc., para exprimir a fantasia dum louco. Essa utilização se justifica porque tais deformações, sob o ponto de vista vital, são inegavelmente alucinatorias. Vem mesmo d'aí o mal-entendido, pelo qual os modernistas são chamados de loucos. A objectiva visual jamais nos deu o bandolim fraccionado de Picasso ou as confetizações de Severini. Questão de angulo de vista. O que nós buscamos e vemos numa obra de deformação não é a representação realistico-visual do mundo exterior, sinão equilibrios plasticos de volumes, linhas, cores e sínteses, novas ordenações artisticas, arte pura enfim. As sensações procuradas e obtidas apresentam pois um caracter de inteiro desinteresse, verdadeiramente artistico; e creiam a imagem prodigiosamente atrativa dum vida heroica ideal. Mas dessa deformação sistematica nasceu o mal-entendido que separa hoje o palco da platéa. O artista chega e mostra seu quadro ou recita seu verso. Mostra ou diz uma deformação. O espectador, hereditariamente conduzido por seculos de erronea visão e audição, imediatamente compara os cavallos de Brecheret com os favoritos do Clube Derby. Mas Brecheret deformou as pernas dos seus ginetes. Alongou-as, musculou-as em excesso. Produzem assim a sensação pura, artistica: síntese de velocidade e fôrça consciente. Brecheret recitou quasi em espiral o larguissimo péscoco dos seus cavallos. Poderá receber-se pois a sensação pura de graça e bizarria. João Bard quis recitar o "Vento" de Verhaeren e deformou. Fez do corpo uma lufada e fala soprando tais golpes de palavras que quasi não se entendem os versos. Quem quisesse receberia uma sensação pura de vento. Que vento? Certo: nem dos nossos alisos nem de brisas flamengas. Deformação que nos conduzirá para platós hercolcos de planetas invisos, ninho de estonteantes eolos, nova rosa-dos-ventos, síntese de todos os simuns. Mas que foi feito das palavras do poeta e dos tufões de Copacabana? O espectador compara. Não viu seu favorito, nem se lhe crestaram os labios ao pluvigero noroeste. Que horror! Esta perna está errada e esta dicção falsa! Brecheret e João Bard são loucos! São. Não ha dúvida nenhuma. E o palco separou-se da platéa. O palco virou hospicio. A platéa viveiro. Viveiro de araras. — Sou arara, mas tenho senso comum, seu louco!

Malazarte pegou dum bandolim — não do bandolim de João Gris, que não dá sons terrestres — o bandolim de esquinla, nobre amigo do farrista. Pegou do bandolim, preludiu e se pôs a cantar uns versos daqueles deliciosos tempos em que Osvlado de Andrade, Brecheret, Menotti e eu viviamos numa Cadillac verde:

"Eu tenho um orgulho louco
De ser louco-varrido!

.....
Quem é louco não canta versos broncos;
Suas idéas têm o gemido
Mais simples e mais vertical!
Eu sou o mais louco dos loucos!
Louco entre loucos, sou Parsifal!"

A confusão aumentava. Os espectadores fremiam de raiva. Gritos, insultos, ararices. A' saída um senhor lido em Mario Pilo e Guyau, pincenezmente pontificou: Tudo malquice! "O Gabinete do Dr. Caligari" é obra dum louco.

Teve razão. E o enscenador do filme tambem. A Musa Cinematica realiza a plastica da vida real com muito mais aproximação que suas irmãs mais velhas. Eminentemente vital, pois. Tomando como sistema, nessa fita a deformação expressionista conseguiu realizar a sensação desinteressada de loucura e objectivar as ficções alucinadas do louco. Essa a intenção. Alcançou-a. Muito bem.

Malazarte é que não teve razão de detestar o filme. Caçoando ele murmura: Não tenho razão, mas tive senso-comum. E nada mais delicioso que afogar-se na inconsciencia transcendental do senso-comum. Imaginem que nisso o meu amigo Graça veto encontrar no Brasil 30 milhões de adeptos precursores!...

Mario de ANDRADE.

A ESTRADA DE FERRO PARACATU

As imprudentes concessões de estradas de ferro a certas entidades industriaes, sem que estas preencham todos os requisitos condizentes com a parte financeira, têm na maioria dos casos dado máos e funestos resultados, acarretando prejuizos economicos aos interesses geraes da nação. Os factos são patentes.

No entanto, não ha que condemnar de modo absoluto a acção legitima dos poderes publicos, quando as concedem em boa fé; porquanto taes actos são plenamente justificados pela necessidade imperiosa de attender ao desenvolvimento ferreo-viario, na immensa superficie do nosso paiz.

Todavia, é lamentavel que os governos sejam trabalhados por uns tantos elementos deleterios da condemnavel advocacia administrativa, que tudo conseguem, escondendo interesses secundarios com as roupagens dos interesses collectivos, isto é, prejudicando estes em proveito d'aquelles. São os eternos arranjadores de negociatas excusas, perturbando as administrações honestas.

Por isso as concessões, na generalidade dos casos, são dadas a umas tantas sociedades de falsos capitalistas que não as exploram directamente.

Apenas anhelam passal-as a outras mãos mediante preços absurdos, estabelecidos sob a allegação de privilegios de zona ou em troca de avultadas garantias de juros, decretados pelos governos interessados visando a uma finalidade superior.

Quando, porem, não logram vender as concessões pelo descabido das exigencias, surgem os impertinentes pedidos de successivas prorogações afim de iniciar os estudos dos traçados ou começar as construcções ligeiras que justifiquem a percepção dos juros das garantias. Esgotado, pois, o remedio das sedicões e prejudiciaes prorogações descabidas, não se demoram os pleitos alicerçados na deslavada chicana ou na desavergonhada rabularia, proprias da nossa desacreditada advocacia indigena, de conluio com a assáz conhecida politicagem de campanario que acoberta deshonestidades. Todos os pretextos apparecem, susceptiveis de justificação.

Ora, é a violação calculada de uma das clausulas contractuaes pelo governo; ora são os espertos e velhacos concessionarios entre si na eterna disputa da partilha dos interesses oriundos da possível exploração ou da problematica venda do privilegio e das garantias de juros.

Ora, é a difficuldade de importar materiaes pela alta do cambio; ora é a avelhacada espera de abusiva isenção de impostos alfandegarios, conseguida do congresso federal.

Ora, são os avarentos proprietarios das terras atravessadas pela linha, exigindo vultosas e inaceitaveis indemnizações por umas tantas nesgas de terrenos de minuscuro valor venal e de prestimo problematico.

Tal é, em regra geral, a sorte das concessões dadas de mão beijada e em paga de favores eleitoraes, em virtude de actos legislativos, a umas tantas empresas que, á mingua de grandes capitaes e desprovidas de credito nas praças nacionaes e nos meos financeiros do exterior, se aventuram a tamanhos empreendimentos como o de construcção e exploração de estradas de ferro nos territorios de futuro desenvolvimento economico.

Como é natural e os factos demonstram, a companhia da estrada de ferro Paracatu' não podia fugir á quasi regra geral, estabelecida para umas tantas empresas de reputação duvidosa e credito limitado, operando dentro das fronteiras do nosso paiz em virtude, ás vezes, da tolerancia da nossa ultra liberal legislação. Conseguindo a concessão privilegiada da construcção do alongado trecho ferreo-viario de *Martinho de Campos a Paracatu*, cerca de 900 kilometros de extensão, era de esperar que em breve fosse jugulada a falta de transporte rapido de que tanto carecem as terras agricolas e pastoris das bacias hydrographicas dos rios *Lambary, Indaya, Abaeté e Paracatu*, graças ao racional systema de communicações por estradas de ferro.

Mas, infelizmente, as esperanças acalentadas durante tanto tempo não se realizaram e por alguns annos ficará como que entorpecido o progresso material das ricas regiões desta parte da bacia do rio S. Francisco, tão dignas das vistas interessadas e das attenções carinhosas dos esforçados governos de Minas Geraes.

Estabelecido o prazo certo e improrogavel para começar as construcções exigidas pela letra contractual, sobrevieram no entanto as ameaças dos inevitaveis pleitos e demandas baseadas em questiunculadas e sophismas de

somenos impertancia. Eram, como taes, fundadas tão somente nas interpretações sibyllinas desta ou d'aquella clausula, cousa aliás remediavel por via administrativa ou pela vontade de ambas as partes contedoras.

Mas, infelizmente, as cousas não se passaram assim, por isso que aos tribunaes foram parar os pleitos, demorando dest'arte a construcção da estrada de ferro tão necessaria aos interesses legitimos de importante zona do vasto territorio mineiro.

Procurava assim a companhia evitar a caducidade, ganhar tempo e vender a concessão com a proposição dos pleitos judiciaes.

Tal estado de cousas não podia continuar nem ser tolerado, visto que prejuizos enormes e irreparaveis sobrevinham á collectividade. Além do mais ficava, totalmente, manietada a acção directora e previdente do governo estadual todas as vezes que, usando de um direito incontestavel, pretendia ouvir e remediar as justas reclamações de tão notavel região territorial, atravessada pela estrada de ferro e em relação mediata com o tronco da *Oeste de Minas*. Felizmente chegou o momento decisivo.

O eminente Dr. Arthur Bernardes, quando com real tino administrativo dirigiu os destinos do Estado de Minas Geraes, conseguiu liquidar a irritante questão judicial entre o governo mineiro e a companhia concessionaria, assumindo por isso o difficil encargo de construir tão importante via de penetração aos invios sertões dessa parte da bacia hydrographica do rio S. Francisco, preparando tambem facil saída á producção do territorio goyano confrontante.

Avaliando com clara visão o extraordinario alcance economico e politico da estrada de ferro Paracatu' e a necessidade urgente é inadiavel de recuperar o tempo perdido com os infundaveis pleitos judiciaes e compreendendo as vantagens da bem orientada politica dos caminhos de ferro em nosso paiz, não se demorou o digno estadista em ordenar a construcção immediata do primeiro trecho que se estende desde *Martinho de Campos até Bom Despacho*.

Iniciou, pois, com elevado criterio, a exploração economica de certa parte do trecho do alongado tronco *Martinho Campos — Paracatu*.

Ao deixar a suprema governança da terra mineira, logrou ver a estrada de ferro atingir quasi que as margens do magestoso rio S. Francisco, facilitando-se assim o transporte, para a linha da Oeste de Minas, de certa parte da producção agricola e pastoril da uberima e futura região occidental.

Passando a direcção do Estado de Minas Geraes ao eminente Dr. Raul Soares, forçoso é confessar que o programma, longamente traçado e estabelecido quanto ao proseguimento indispensavel das construcções de estradas de ferro, não teve solução de continuidade.

Foi em parte bastante ampliado, de accordo com as necessidades occasionaes e previsão calculada do futuro economico desta parte da terra mineira.

Atravessando a estrada de ferro, em construcção adiantada, o rio S. Francisco, cerca de alguns kilometros á montante da barra do pequeno rio do Veado, a linha já alcançou a cidade de *Dores do Indaya* e procura vencer os obices da região, alicerçados nos prolongamentos septentrionaes da serra da Saudade.

O accidentado do solo de feição geologica complexa tem embaraçado em parte a construcção de alguns trechos tornando-se de custo elevado.

No entanto, jamais foram sacrificadas as boas condições technicas á mesquinhez do barateamento da construcção da estrada.

Tem havido, pois, notavel equilibrio entre os gastos e a necessidade tecnica de se construir uma estrada de trafego efficiente e rendoso.

Ha, evidentemente, severa economia nas despesas relativas ás construcções já iniciadas com certa urgencia.

Norteado por este criterio consciente, passando a estrada pela garganta aboqueirada e asperrima do Quebra Cangalha, evita demasiado desenvolvimento á linha e a consequente perfuração de respeitavel tunnel, economizando assim avantajada quantia aproveitavel nos gastos dos prolongamentos, além do rio *Indaya*, em procura das margens fertéis do rio *Abaeté* e a quasi caminho da prospera cidade de *Patos*.

Apraz-nos ver que o avanço dos trabalhos preliminares continuará, com segura e proficua actividade.

Consoante as sinceras promessas do eminente homem de Estado, Dr. Raul Soares, exaradas em linguagem de lidima franqueza na sua patriotica mensagem "de 14 de Julho de 1923," os trabalhos de construcção continuarão sempre dentro dos recursos financeiros, até que a via ferrea possa servir de aparelho de comprovada efficiencia ao pleno desenvolvimento economico das terras d'além rio S. Francisco.

E' de esperar da clarividencia e do des-cortino superior do governo estadual que não haja fataes esmorecimentos em tão necessario empreendimento que, de futuro, engrandecerá o patrimonio da grande unidade politico-administrativa da União.

Acreditamos, sinceramente, nas firmes palavras patrioticas do illustrado presidente do Estado de Minas Geraes, por isso que a politica mineira actual é de larga visão administrativa, como que procurando resarcir os erros deploraveis e a inercia palpavel dos governos anteriores á presidencia Bernardes.

Minas Geraes atravessa, desde o quadriennio transacto, uma phase de flagrante e pleno soerguimento, caracterizada nas obras e empreendimentos de elevado alcance e na reconstituição da parte financeira, permitindo assim que se encare com sobrada confiança o futuro immenso desta unidade da nossa Federação.

Orientado por estas noções precisas e fundamentaes oriundas dos ensinamentos seguros da sã politica, mui bem andou o presidente Bernardes quando, em 1919, em boa hora enfrentou o vital e palpitante problema das communicações ferreo-viarias, decretando a construcção immediata dos primeiros kilometros da estrada de ferro Paracatu'.

Conhecendo mui bem as necessidades de transporte rapido desta parte do sólo mineiro, percebeu que com o desenvolvimento da linha de *Martinho de Campos a Paracatu* não só iria servir aos legitimos interesses da immensa e exuberante região mineira, como tranquearia á terra goyana commoda saída em procura das populosas cidades e dos centros commerciaes desta parte leste do Brasil.

Desta maneira, o empreendimento mineiro, nas suas linhas geraes, tambem serviria, generosamente, aos interesses economicos de avultada fracção territorial de Goyaz.

Não houve, pois, a pratica condemnavel da politica de egoismo e de exclusivismo, tão ao sabor de uns tantos agitadores que vivem criando incompatibilidades entre os Estados.

O entroncamento com a linha da Oeste de Minas na estação *Martinho de Campos* foi, tambem medida de a'to alcance politico-administrativo, porque facilitou sobremodo as rapidas communicações das terras d'além rio S. Francisco com a cidade de *Bello Horizonte* e, por *Barra Mansa* ou *Sítio*, com as cidades do Rio de Janeiro e S. Paulo. Sendo a Oeste de Minas uma linha ferrea de avantajada kilometragem, com as imperiosas construcções dos *Ramaes de Lavras a Tres Corações* e de *S. Pedro de Alcantara a Uberaba*, ficarão estabelecidas francas, perennes e com-



modas communicações entre as populações sul mineiras, paulistas e do Triangulo Mineiro com as regiões que tem por centro de convergencia a cidade de Bello Horizonte e expansões pelos valles dos rios S. Francisco, das Velhas ou Guaicuby e do Doce.

Todo o conjunto formará um rigido systema ferro-viario, que ao lado das soberanas vantagens de ordem politica, administrativa e associativa, traz a importancia de ordem economica.

Va'orizará as terras atravessadas pela linha e facilitará sobremaneira o transporte dos productos agricolas e pastoris de uma immensa região de innegavel futuro, já em comecços de franca exploração.

No entanto, á conta do pequeno trecho ora em trafego corre o desequilibrio entre a despesa e a receita, facto explicavel na exploração dos caminhos de ferro dentro de certos limites da linha percorrida pelos trens, bastando para isso que se possuam apenas breves noções da materia pertinente á industria dos transportes ferro-viarios. Não ha que desanimar, porquanto a vasta zona atravessada é rica e pelo plantio extensivo dos cereaes nas terras abeirantes dos rios e do algodoeiro nos *carrascaes* e *caatingas*, fartamente poderá offerecer trafego de resistencia, permitindo a exportação lucrativa destes productos de facil consumo para os centros consumidores das l'nhas da Oeste de Minas, da Sul Mineira e da Central do Brasil.

Poderá o arroz, produzido nas margens do alto Paranyba e nos varzedós marginaes dos affluentes do rio S. Francisco, competir com a produção paulista no commercio do Rio de Janeiro.

Afim de corroborar as nossas asserções fundadas em elementos de apreciação numerica, tenhamos em vista a situação prospera e invejavel do commercio do arroz goyano no Rio, producto este procedente de Aragua'y, cerca de 1.300 kilometros da bahia de Guanabara, longe por'anto, do centro consumidor.

Os campos de boas e gordas pastagens facilitarão sobremodo o rapido desenvolvimento da pecuaria com a criação extensiva do gado Zebu, a exemplo do que se pratica, commummente, em identicas condições de meio geographico, nas terras sertanejas comprehendidas entre os caudalosos rios Grande e Paranyba, no assáz conhecido Triangulo Mineiro.

Não ha contestar que as terras d'além do rio S. Francisco são, evidentemente, sob o ponto de vista geologico e biogeographico, a continuação das terras ataboleiradas e dos chapadões acarrascados do vetusto sertão da Farinha Podre.

Ha, por isso, plena coincidência de condições mesologicas, permitindo por consequencia a adaptação da pecuaria lucrativa do gado indiano. Além do transporte intenso do gado bovino para os mercados consumidores do Rio e de S. Paulo, concorrerá como elemento de preponderancia no trafego de resistencia de toda a linha-tronco a exportação do gado suino e dos seus productos, em virtude da facilidade da engorda, graças á abundancia do milho plantado nas margens humosas dos seus affluentes da concha do rio S. Francisco.

É dest'arte a exportação dos suinos compensará, sem duvida, os possiveis prejuizos que por acaso possam recahir sobre o commercio do milho. Será um derivativo intelligente e aconselhavel, com o fim de amparar os preços baixos deste cereal.

Pesadas as cousas, ha por isso probabilidade de ser a estrada de ferro do Paracatú uma via de trafego intenso e de apreciavel interesse á economia do Estado de Minas Geraes.

Assim pensamos, escudados nos algarismos das estatisticas parciais.

Além desta face utilitaria, necessario nos parece en'fatar a estrada de ferro Paracatú sob o ponto de vista do immenso futuro do solo mineiro, pois que não é uma via ferrea de interesses regionaes.

É, antes de tudo, um caminho de ferro de frisante penetração, e que, ao longo da linha vai fixando no solo fecundo o colono emprehendedor e progressista. Chamará as populações sertanejas ao gozo dos recursos da civilização nos centros de cultura.

Terá a função de distribuir as populações ruraes derivantes da immigração seleccionada.

Com o fim de attender aos interesses geraes, o Governo deve mandar estudar as possibilidades da immediata navegação do rio S. Francisco, desde a ponte da estrada de ferro Paracatú até os lagados areníticos da cachoeira de Pirapora.

NÉO-OPTIMISMO

O néo-optimismo nos apparece como um systema ao mesmo tempo pratico, idealista e espiritalista, á maneira das grandes doutrinas empiricas que, longe das complicações da metaphysica allemã, vigorosos pensadores como Emerson e William James abriram caminho fecundo. Com effeito, o néo-optimismo é antes de tudo como demonstração do primado de idéa sobre todas as reacções physiologicas e psychologicas do ser humano. Ora, qualquer interpretação que se possa dar da natureza das forças espirituales implica reconhecer o seu dominio sobre a materia: é fazer obra altamente espiritalista. O néo-espiritalismo se apresenta por igual como uma moral muito pura fundada sobre a distincção essencial do prazer e da felicidade, sobre a pratica do altruismo e de todas as virtudes estimaveis que, impondo a felicidade em torno de nós, a reflectem em nós mesmos. Foi nesse sentido elevadissimo que Jean Finot pode falar com tanto acerto do "direito á felicidade", que se torna a mais humana das moraes. Fundamento de uma ethica completa, o direito á felicidade não se separando nunca de acção do progresso na consciencia individual e collectiva, torna-se, dest'arte, no néo-optimismo, a base de uma sociologia abrangendo todas as relações humanas. Destruindo os preconceitos de origem, de raça, de sexo, oppondo-lhes argumentos positivos tirados da faculdade de adopção e perfectibilidade commum a todos os homens, essa doutrina generosa dá a cada um o seu lugar mais amplo na vida, na sociedade e na familia.

MARC LORRAIN.

Será mais um meio que virá facilitar o intercambio economico, como via subsidiaria da estrada de ferro.

Assim permittirá as communicações commerciaes entre os dous extremos alcançados pelas ferro-vias.

Ficarão lançadas as bases dos melhoramentos de que por acaso careça a grande caudal potamica do Brasil Central.

Ao menos, os estudos serão as bases de futuros emprehendimentos referentes á navegação fluvial. Serão contribuições valiosas aproveitaveis em qualquer tempo.

Com os nossos sinceros votos de que o Governo mineiro jámais se entibie em meio das realizações praticas do seu immenso programma de sãs e progressivas medidas, aprounos dizer que, quando de futuro o Governo Federal emprehender a tão demorada e adiada mudança da capital da União para a área demarcada no planalto goyano, caberá indubitalmente á estrada de ferro Paracatú notavel função politico-administrativa, porque será a via de mais facil e pratico accesso ás terras das cabeceiras remotas do rio Tocantins, em pleno coração do Brasil.

Por isso alvitramos que, de futuro a estrada de ferro, seja prolongada da cidade de Paracatú. Atravessando a fronteira mineira e passando por Crystallina e S. Luzia, irá com a ponta dos trilhos até Planaltina, lugar que será escolhido, sem duvida, para sede da futura metropole de toda a nossa Federação.

Embora, presentemente, cogite o Governo Federal de unir e amarrar as estradas de ferro já construidas sem planos preconcebidos e orientados com o abandono provisorio dos planos do prolongamento da E. F. C. do Brasil do porto fluvial de Pirapora á barraçolodosa da bahia de Guajarã no Pará, forçoso é convir que pelo menos até Formosa, nas margens do rio Paranyba da bacia hydrographica do Tocantins, irá a grande ferro-via, tributando assim ao rio S. Francisco as ferreis regiões orientaes do planalto goyano.

É, pois, razoavel que a estrada de ferro Paracatú se conjugue á E. F. C. do Brasil no povoado sertanejo de João José, na confluencia dos rios Paracatú e Preto, a caminho das chapadas goyanas.

Deste modo, as regiões goyanas têm mais uma sahida em direcção ás terras orientaes descambantes em procura do littoral atlantico.

Aqui ficam expressos os nossos calorosos votos de pleno e justificado applauso ás iniciativas progressistas e uteis dos preclaros Presidentes Bernardes e Raul Soares que, rompendo com a rotina secular e com o comodismo condemnavel da inercia, encararam com desassombro e patriotismo o magno problema do soerguimento das forças vivas da terra mineira, preparando-lhes assim grandioso futuro economico com o notavel desenvolvimento politico, administrativo e social, de que tanto é carecedora esta parte immensa do generoso solo patrio.

Temos lidimas esperanças, sobejamente fundadas, nestes benemeritos administradores da terra de João Pinheiro, visto que as suas plataformas e mensagens, expondo iniciativas e realizações praticas, são documentos de alto valor e criterio que attestam a directriz segura e honesta dos que, eleitos pelos suffragios populares, dirigem os destinos desta importante unidade federativa com mão segura e visão patriótica.

Temos fé e absoluta confiança na obra iniciada, pelos preclaros estadistas, que em plena harmonia de vistas velam pelos destinos da terra mineira.

Por isso é de crer que, havendo continuidade de governos progressistas em Minas Geraes, em breve, com a valorização das suas colossaes riquezas em estado latente, poderá o grande Estado attingir a prosperidade economica da terra paulista.

Assim esperamos e assim auguramos.

Honorio SILVESTRE



O PAVILHÃO BRITANNICO

A Inglaterra tornou uma realidade o gesto admiravel de cortezia e amizade, que tivera para com o Brasil, offerecendo ao nosso Governo o magnifico palacio que erguera na Avenida das Nações para seu pavilhão de honra na Exposição do Centenario. Em solemnidade que ficará tradicional na historia das relações anglo-brasileiras, S. Ex. o Embaixador Tilley fez entrega ao Governo brasileiro do sumptuoso edificio, um dos mais grandiosos e perfeitos entre quantos se levantaram para attestar os esplendores artisticos e a grandeza industrial dos differentes paizes que concorreram ao alludido certamen. De accôrdo com o que se affirma, o majestoso palacio vai ser occupado pelo Serviço do Algodão, pensando o Governo que assim lhe dá o destino mais adequado, não só por se tratar de um departamento instituido para promover a defesa de um artigo do maior futuro em nossa vida economica, como tambem porque a Inglaterra é o nosso maior cliente desse artigo. Como quer que seja, porém, destine-se o bello palacio ao Serviço do Algodão ou a outro qualquer departamento do Governo, o que ha a fazer no momento é registrar o grande gesto de sympathia e amizade da velha e gloriosa nação ingleza, que, dessa fórma, mais aprofunda os laços seculares que a unem ao Brasil.

O discurso, com que o illustre embaixador de S. M. britannica offereceu o sumptuoso palacio, em cuja portada se lê — *Britannia Brasiliae* — foi uma peça invulgar, no commum das festas diplomaticas, e pela sua significação e pelo tom carinhoso como que rememorou nossa historia iniciada pelo sonho dos navegadores lusos, constitue uma prova eloquente e viva da amizade tradicional britannica, que, desde a Independencia, e mesmo antes della, cultivamos com sinceridade e devotamento.

Depois de mostrar que o Pavilhão offertado era não só obra do governo, como de amigos do Brasil, sir Tilley evoca o passado e, reflectindo na amizade das nações brasileira e britannica, pensa na antiga amizade de seu Paiz e de Portugal, povos de navegadores e creadores de patrias. Recorda a epopéa dos descobridores portuguezes e depois diz que os brasileiros não se contentaram com a costa maritima e, como os inglezes da America do Norte, avançaram para o interior de seus domínios, apesar das difficuldades e dos perigos immensos. "As proezas dos Bandeirantes, exclama, formam um soberbo romance"

Depois S. Ex. passou a rememorar, nestes termos, a amizade do seu paiz pelo nosso, quando da independencia:

"Durante as festas solemnes do Centenario, fallou-se muitas vezes da Histo-

ria do seculo passado. Lembrou-se o papel de Cochrane nas proezas das esquadras brasileiras e o papel de Canning na Historia politica da Independencia. A Grã-Bretanha foi, desde ha muito, um paiz de liberdade. Um estadista dos nossos dias, disse: "A influencia da Grã-Bretanha sustentou poderosamente, muitas vezes, no passado, a causa da liberdade humana, e ella não cessará de sustentar a mesma causa. Canning foi inspirado por esse sentimento e, para materializar as suas idéas, tentou sempre meios conciliadores. Elle quiz fazer comprehender á Europa, e ao proprio Portugal, como os brasileiros eram dignos de ser reconhecidos como povo soberano e independente.

Em Londres, durante as negociações de 1824, Canning esforçou-se por conciliar os interesses do Brasil e de Portugal. Graças em parte aos seus esforços, encontrou-se uma solução honrosa. Essa solução tornou possivel a leal amizade que une hoje, um ao outro, o Brasil e Portugal, e que justifica o entusiasmo notavel com que foi recebido aqui, ha um anno, o eminente Presidente da Republica Portuguesa

Não é sem razão, tenho a certeza disso, que a decoração principal do "bureau" do Sr. Ministro das Relações Exteriores, é um quadro que representa a audiencia concedida pelos Soberanos do Brasil ao emissario de Canning, Sr. Charles Stuart.

Agrada-me acreditar que, no futuro, o Brasil e a Grã-Bretanha, que já se viam aliados para fazer a guerra, se acharão aliados para manter a paz do mundo e para fazer respeitar os principios da justiça internacional, de que o Brasil é um dos defensores mais valiosos.

Não quero, hoje, fazer larga referencia a todos os momentos em que a Grã-Bretanha collaborou para o desenvolvimento do Brasil e de todas as multiplas fórmas sob as quaes essa collaboração se manifestou. É uma narrativa que já foi ouvida muitas vezes, a historia da collaboração no desenvolvimento das estradas de ferro, dos portos, das cidades, dos telegraphos, dos transportes maritimos. Fallarei de boamente da collaboração futura dos dous paizes, do auxilio mutuo que elles se poderão prestar no porvir. Possuis, no vosso paiz, riquezas naturaes, cuja abundancia é tal que a imaginação não as póde conceber, e, entre essas riquezas, ha muitas materias primas de que as grandes industrias do nosso paiz necessitam, a ponto de se acharem carecedoras dellas. Os peritos nos asseguraram, por exemplo, que a Inglaterra, por si só, poderia comprar 20.000.000 libras por anno de algodão brasileiro. Sem duvida, o Brasil será um dia um grande paiz industrial, mas o vasto commercio que elle



Embaixador John Tilley

poderá desenvolver com os seus productos manufacturados, não deve impedir que elle mantenha sempre relações estreitas com as industrias seculares do Imperio Britannico"

Mostra, a seguir, as possibilidades de intenso intercambio mercantil entre o Brasil e as possessões britannicas: o Canadá, as Indias, a Australia, a Africa do Sul, mas, para isso, para que possam ser mantidos e melhorados dia por dia os laços da velha amizade dos dous povos é mister que se conheçam mais intimamente. E accentua a necessidade das visitas frequentes de brasileiros á Inglaterra, com o que muito lucrariam as boas relações entre as duas nações. E faz um appello á opinião brasileira, principalmente á imprensa, para que volva com mais frequencia sua attenção para as cousas inglezas, seu progresso material e o seu mundo de idéas, não só incentivando as visitas de brasileiros á Inglaterra, como divulgando as obras e iniciativas do pensamento inglez: "Verieis, diz Sir John Tilley, que sobre multiplas questões que nos interessam, as opiniões de todas as nações do Imperio Britannico se approximam das vossas. A nação britannica pensa como vós em tudo o que se relaciona com a justiça, a liberdade e a humanidade, que devem prevalecer no governo do mundo"

A impressão causada por esse discurso foi a mais profunda e intensa, sendo a palavra justa para tão alta offerta. Sir John Tilley, cuja acção diplomatica tem sido tão efficiente no desenvolvimento das nossas relações com a sua grande Patria, no testemunho dessa oração revelou-se um grande amigo do Brasil, fiel interprete do sentimento de cordialidade que une o Reino-Unido á nossa Republica, num grande desejo de contribuir para o bem commum da Humanidade.



Andrade
1923

Variações sobre o nome de Mario de Andrade

Mário.

Inteligência.
SABOR.
SURPRESA.

As neblinas paulistas condensaram-se em ácidos sarcásticos
E queimaram a epiderme azul dos aços virginiais.

Mas nas sombras mais fundas ficaram os docementes dos nanquins
[mais melancólicos!...

Como será S. Paulo?...
O Paraná com os pinhais intratáveis?
(Não servem para uma exploração regular da industria do papel) —
Goiás! Ilha do Bananal!
Matas húmidas que são como os seios do nosso amor...
Mas os índios? Os mosquitos?
Os botocudos e os borrachudos...
Como será o Brasil?...

Como será S. Paulo?

São Paulo era a Sé Velha
Cercada, de sobradinhos coloniais...
Na rua de S. João a escala cromática dos para-sóis dos engraxates:
Progrédior. Foliteama.
A casa Garraux vendia também objectos de arte.
Camilo Castelo Branco não sabia ainda da existência dos piraquaras
[do Paraíba.

Não havia ainda Vasco Porcalho, livreiro-editor, encomendando
[a todo mundo uma novela safada.
Havia, sim, a Avenida Tiradentes, espapaçada como um feriado
[nacional.

E o edificio do Liceu pedindo baixinho que o deixassem em tijolo
[aparente.
(Lá dentro eu, desenhando a bico de pena motivos architectónicos
[do Renascimento...

As minhas architecturas corruídas!...)
Duas vezes por semana, música no jardim da Luz.
A banda do maestro Antão!
(A primeira da América do Sul.)
O samba de Alexandre Levi.
(Bis! Bis!)
O namorozinho nacional! passando cheio de dengue entre os zincos
[lambusados de cerveja...

NÃO HAVIA GUARANA', bebida depurativa e tónico-refrigerante.
(Seguem-se atestados medicos.)

Quem fazia o policiamento era a torre da Inglesa.
O relógio grande batia os quartos, um, dois, tres, quatro, e recomen-
çava, indefinidamente, sem compreender como aquela
gente podia ainda ouvir Puccini.
E em torno dele a garoa paulista, irônica, silenciosa, encharcava todos
os minutos...

Mas as garoas condensaram-se em ácidos sarcásticos
E queimaram a epiderme azul dos aços virginiais!...

Mário de Andrade!

Como será S. Paulo?

Não havia mais bandeirantes.
Nem a lembrança de Alvares de Azevedo.
O antigo Largo de S. Bento, com as arvores nuas e magrinhas,
Pedia tanto um pouco de neve que lhe desse um arzinho de Paris...
Os filhos de Bernardino de Campos faziam parte do cordão.
Nem Teatro Municipal, nem Esplanada-Hotel.
Só havia um viaduto.
Anhangabaú dos suicídios passionais!...

Ponte Grande!
Cambuci!
E o cemitério da Consolação...

Mário, um cigarro!
O punho forte do sub-consciente campeia e conjuga os relâmpagos
mais díspares.

Os ritmos mais dissolutos.
Raivas.
Testamentos de Heiligenstadt.
Amores. Fantasmagorias. Carnavais. Porrada.
COUSAS ABSOLUTAMENTE INCOMPREHENSIVEIS.
Como as obras de Deus.
Dinheiro. Bond. Café. Cigarros.
Inteligência. Afecto.
Raivas. Raivas.

MAIS RAIVAS.

Bondade.

A girândola do ultimo dia de novena!
Tudo. Para todos os lados.
C A T Ó L I C O.

Mário, um cigarro.

Positivamente esta quarta-feira está quotidiana demais.
O leite da manhã tinha mais agua...
O sol está banal como uma taça de campeonato.
Como os bronzes comerciais que representam O Trabalho.
Eu não sei latim.
Não sei calculo diferencial e integral.
Não sei tocar piano, — por causa de uma sonatina de Steibelt!
Não compreendo absolutamente Fichte, Schelling e Hegel.
Victor Hugo é pau.
Byron é pau.

Mário, um cigarro.

C A P O R A L L A V A D O !

Numa pia da igreja em Bisâncio estava gravada esta inscrição:
NI(PS)ONANOMHMATAMHMONANO(PS)IN

Soletrada da direita para a esquerda recompõe o mesmo sentido:
LAVA OS PECADOS NÃO LAVES SÓ A CARA.

Mário, eles não lavam nem os pecados nem a cara!

Os homens são horríveis.
Por isso, — HA QUE OS AMAR.

Com os docementes dos nanquins mais melancólticos...

(As categorias gramaticais são artifícios didáticos.)

ALLE GUAP, GUAP, GUAP!
ALLE GUAP, GUAP, GUAP!
HURRA!
HURRA!
Os brasileiros bateram os paraguaios por 2 a 0.
Pennafort é um assombro!

E' impossível fazer poesia no Brasil sem falar em foot-ball.

Brasil...

Como será o Brasil?...

E como será S. Paulo?...

M A R I O D E A N D R A D E.

Manuel B A N D E I R A

RUFINO BLANCO-FOMBONA

Philéas Lebesgue, cuja forte e bella personalidade estudamos em um dos numeros anteriores desta revista, continuando a série de estudos sobre escriptores latino-americanos, consagra, na interessante *Revue de l'Amérique Latine*, um artigo vigoroso e profundo a Rufino Blanco-Fombona, nosso eminente collaborador

Reclamando, em primeiro lugar, justiça para o grande escriptor venezuelano, que conquistou, não só entre os escriptores de lingua espanhola, como nas letras mundiaes, situação de especial destaque, Philéas Lebesgue rende homenagem aos criticos que melhor souberam julgar Fombona, entre os quaes, segundo elle, se deve principalmente citar Mario Puccini, na Italia, e Elysio de Carvalho, no Brasil. Estes foram os primeiros a proclamar a impressionante grandeza do escriptor americano, cuja originalidade reside essencialmente no amor á liberdade e no culto heroico da verdade. "Eis porque, escreve Philéas Lebesgue, um Elysio de Carvalho, cuja carreira intellectual é toda uma obra de fé ardente, devia ratificar com toda a sua autoridade de pensador americano o juizo pronunciado a seu respeito pelos seus pares da America Hespanhola, os Garcia Godoy, os Delesito y Piñuela, os Francisco Valdés, que o compararam aos homens da Renascença italiana."

No dizer de Ruben Dario, Fombona tinha nascido para executar grandes cousas, graças á sua combatividade extraordinária, que tinha algo de explosivo. Fombona tem nas velas o ardente e generoso sangue peninsular que a sua vontade excessiva e intransigente de ser um homem da America não consegue fazer esquecer, lembrando antes, em cada linha que escreve, a indole atavica de Camões, de Cervantes e de Lope de Vega, cujo pensamento jámais se pôde separar da acção. A belleza para elle deve ser viva e dinamica. "Nelle, escreveu Elysio de Carvalho, resuscitam todos os

atavismos, todas as aspirações do espirito peninsular, modificadas pela influencia do meio americano."

Blanco-Fombona, no juizo de Philéas Lebesgue, é homem culto demais para não ter adquirido consciencia absoluta dos caracteristicos do seu temperamento. A experiencia da vida fê-lo o que é; e a sua obra não é senão uma esplendida transposição do pensamento e do sentimento deste homem destemido, que viveu varias vidas, em luta aberta com a natureza, nas selvas americanas, — e com os homens, no labyrintho equivoco da politica venezuelana.

Todavia, se o poeta vibrante de *Trovadores y trovos*, de *Pequena Opera* e do *Cancionero del amor infeliz* projectou em seus versos a vibração que nos vem das lutas do coração e das maguas da vida, se o infatigavel viajante resumiu em *Lámpara de Aladino* as sensações que colheu no correr das suas peregrinações, se o prisioneiro politico de Ciudad Bolivar clamou a sua indignação no *Hombre de hierro*, indignação que o tempo não pôde apagar e que se patenteia com renovada força no *Hombre de oro*, "seria injusto sustentar que Blanco-Fombona seja incapaz de outra cousa do que não um subjectivismo exagerado. Pelo contrario, a riqueza maravilhosa da sua sensibilidade torna-o apto a tudo comprehender, tudo reviver, tudo adinhar."

Seus *Contos americanos*, que foram traduzidos para o francez, são aguafortes de incomparavel realidade, evocações possantes da vida do rancho e dos llanos. Forçado pelos caprichos da vida politica a viver unicamente no dominio literario, Fombona, verdadeiro paladino do ideal, continúa sendo o defensor exclusivo da Justiça e da Verdade. Continuador do pensamento de Bolivar, sonha com a unidade intellectual e moral da America Hespanhola, proseguindo essa cruzada em grandes obras de critica literaria e social, como *Gran-*

des Escriptores de America, Evolução politica e social da America Espanhola, Letras e letrados da America Espanhola, chamando a attenção da Europa sobre esse mundo immenso e apenas conhecido pelos trabalhos conscienciosos de Felix Contreras.

"Não lastimemos muito as miserias politicas de Fombona, escreve ainda Philéas Lebesgue; ellas nos deram o interprete genial de uma America que o estadista, mesmo se tivesse vencido, não teria podido crear tão grandiosa, fosse o proprio Bolivar. Obrigado a abandonar a espada para dedicar-se exclusivamente ao verbo, Fombona engrandeceu-se pelo estudo."

Notamos no escriptor venezuelano uma transformação importante: no seu ultimo livro *O conquistador espanhol do seculo XVI*, já não é mais o lyrico ironico e fogoso que escreve. Fundando a *Editorial America*, Fombona revela novas preocupações; procurando elevar um monumento á gloria dos creadores do verdadeiro espirito americano, elle vai ás fontes em busca de uma explicação. Analysando os espanhóis do seculo XVI, Fombona defende a sua intransigencia, o seu orgulho excessivo e os seus crimes, pois, diz elle, "seria absurdo julgar os homens desse seculo pelo criterio do seculo XX."

Ao lado desses homens perigosos, mas varonis, como parecem mesquinhos os actuaes hispano-americanos, com suas preocupações miseraveis e suas baixas intrigas, Fombona põe um ferro em braza nessa chaga (*A mascara herofica*), e as perseguições recomeçam contra elle. Seu livro é prohibido em Venezuela e até na propria Espanha. Não importa. Fombona continúa a sua grande obra de saneamento.

"E' tempo de reconhecer nelle um grande homem do Universo, termina Philéas Lebesgue. E' um caracter."

O heroísmo de Blanco-Fombona resgata a covardia contemporanea.

A NATURALIDADE DE ANTONIO FELIPPE CAMARÃO

O artigo que abaixo divulgamos é da lavra do historiador pernambucano Sr. Mario Mello, que reivindica para a sua terra a gloria do nascimento do bravo Felipe Camarão, que tanto se distinguiu na guerra contra os holandezes.

Desde 1860 se discute se o celebre indio Camarão, que tomou parte tão saliente na guerra hollandeza, teria nascido no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Parahyba, em Pernambuco ou em Alagoas.

Em 1909 Pereira da Costa publicou uma exaustiva monographia, ampliação de um trabalho anterior apparecido na Revista do Instituto Archeologico, provando, sem deixar duvidas, que o indio Poty, mais tarde D. Antonio Felipe Camarão, era pernambucano. Fel-o fundamentado, além de outras provas, no depoimento do proprio Camarão, num processo em que figurava como testemunha e cujo original existe na Torre do Tombo, de Lisboa. Alfredo de Carvalho denominou esse trabalho de Pereira da Costa "ultima verba" sobre o assumpto.

Julgar-se-hia que a questão estava morta. Entretanto, como houve no Rio Grande do Norte um velho indio Potyguassú, que viveu ao mesmo tempo de Camarão, os potyguares continuaram a considerar como nascido na terra do Potyngy o grande cabo de guerra que tanto illustrou o seu nome.

Ainda agora, recentemente, o venerando padre Dr. Soares de Amorim publicou aqui uma monographia tendente a provar que Camarão — o grande — era filho do Rio Grande do Norte.

Quando iniciei a leitura do exemplar desse trabalho com que gentilmente me distinguira o autor, fil-o na esperança de ter se enganado Alfredo de Carvalho em seu conceito, sobre a obra de Pereira da Costa. Ha poucos mezes o Padre Amorim discutira com o velho historiador pernambucano sobre a naturalidade de Frei Vital, e, embora possua o Instituto Archeologico uma carta do proprio Frei Vital dizendo-se pernambucano, nascido em Pedras de Fogo, e cujo original tive entre mãos, apresentou elle argumentação que me abalou, deixando-me na duvida se o grande bispo de Olinda teria sido conterraneo de André Vital ou de Henrique Dias. Ao terminar, porém, a leitura da ultima monographia do Padre Amorim, fiquei plenamente convencido de que o Camarão lendario é pernambucano. A documentação de Pereira da Costa não foi, sequer, abalada.

Varios foram os indios Poty que no baptismo christão tomaram o cognome de Camarão. Um delles, chefe da tribu Potyguar, do Rio Grande do Norte, conhecido entre os seus como Potyguassú e entre os civilizados como Antonio Camarão, já era citado na historia em 1598. Para ter façanhas dignas de renome, nessa época, como chefe de uma tribu, deveria conter, no minimo, vinte annos de idade.

Depondo como testemunha no processo a que foi submettido pela Inquisição o padre apostata Manoel de Moraes, o lendario Antonio Felipe Camarão, declarou a 23 de Março de 1647, que contava então quarenta e seis annos de idade, isto é, que nascera em 1601.

Vê-se, evidentemente, que esse Camarão de quarenta e seis annos de idade em 1647, nascido em 1601, não podia ser o mesmo Camarão que os portuguezes conheciam desde 1598, pela simples razão de que nessa época ainda não era nascido.

Diante disso não ha mais necessidade de demonstração de outra natureza. Está evidente que o Camarão do Rio Grande do Norte é um e o Camarão de

Pernambuco é outro. Esta distincção já fôra feita pelo Padre Simão de Vasconcellos, autor coevo, quando enumerara os chefes indigenas convertidos á fé christã:

"Da mesma maneira dos Potyguares, um antigo Potyguacú Gkkráopina, Araruna, Cerobabé, Melruguaçú, Ibatatã, Abaijujá, todos famosos e principaes de grandes povos, dos quaes se affirma puzha em campo cada qual delles de vinte a trinta mil arcós; que foram grande presidio nosso na capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande.

"Não fallo aqui doutro Potyguacú, mais que todos estes assombro que foi dos holandezes, em nossos tempos, nas guerras do Brasil; porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume".

Vê-se, evidentemente, que o Padre Simão de Vasconcellos conheceu dous Potyguacús; um antigo Potyguacú, que é o da capitania de Rio Grande, que já figurava em contacto com os portuguezes,

desde 1598, quando ainda não viera ao mundo o indio heroe da guerra hollandeza, e outro, Potyguacú, maior do que o antecedente em façanhas guerreiras, assombro que foi dos holandezes e cujas proezas não poderiam ser contadas num volume. Dous Camarões bem distinctos, que o Padre Amorim, como seu coestadano Dr. Luiz Fernandes Sobrinho anteriormente tentara, quiz confundir num só, para attribuir ao antigo chefe Potyguar os rasgos de heroismo do outro, muito mais joven que aquelle.

Sinto-me perfeitamente á vontade para discordar do Padre Amorim quanto ao seu esforço sobre a naturalidade de Camarão nesta contenda com Pereira da Costa, porque, não obstante a minha veneração, acatamento e apreço pelo velho historiador pernambucano, a quem Oliveira Lima chamou "mestre de nós todos" confessei, linhas acima, terem me abalado os argumentos com que o venerando sacerdote disputou, para a Parahyba, a honra de ter sido berço de Frei Vital.

Mario MELLO.

O LIVRO DE OURO DO CENTENARIO

Esta notavel publicação do *Anuario do Brasil* é uma das maiores contribuições para os estudos brasileiros, feitos no Centenario. Antes de dizer do texto, devemos uma referencia á factura material, que é maravilhosa e muito honra aos estabelecimentos graficos da casa editora, que o Sr. Alvaro Pinto dirige com rara competencia. Os annuncios, ao revés da banalidade commum e dos desenhos de carregação, são lindas trichromias, com passagens de elegancia, bom gosto e simplicidade, além de serem da mais intensa suggestão. O trabalho de gravuras é modelar e as photographias da Exposição, sobretudo as feitas á noite, estão reproduzidas com uma nitidez e perfeição inulgares. A apresentação do *Livro de Ouro*, em summa, é magnifica sob todos os aspectos.

O texto divide-se em duas partes: a de collaboração e a chronica do Centenario, de 7 de Setembro de 1922 a 7 de Setembro de 1923, quando se encerraram as festas commemorativas da grande ephemeride. A primeira, confiada a escriptores illustres, contém varios ensaios, que traduzem a evolução intellectual, politica e material do paiz, nessa centuria de vida independente, sendo os assumptos versados com grande brilho e indiscutível competencia pelos Srs. Capistrano de Abreu (Vaz Caminha e a sua Carta); Mario de Vasconcellos (Confins Territorias do Brasil); Rocha Pombo (Noticia Historica); Julio do Carmo, pai (Propaganda Republicana); Ronald de Carvalho (Literatura Brasileira e Artes plasticas no Brasil); Raul Pederneras (Caricatura no Brasil de 1822 a 1922); Renato Almeida (Ensaio sobre a Musica Brasileira e O Pensamento Philosophico no Brasil); Nestor Victor (Evolução Religiosa no Brasil); Jackson de Figueiredo e Perillo Gomes (Organização Religiosa); A. Austregesilo (Escola Medica Brasileira); Moraes de los Rios (Resumo Monographico da Evolução da Architectura no Brasil); Afranio Peixoto (Ensino Publico no Brasil); Elycio de Carvalho (Aspectos da Sociedade Brasileira); Chrysolito de Gusmão (Bases Geneticas do Direito Constitucional e do Liberalismo Patrio); Heitor Lyrá (Como o Brasil entrou para o concerto das Nações); Hildebrando Accioly (Diplomacia na Independencia); Gustavo Barroso (Padre Cicero e o Folk-Lore); Victor Viana (Evolução Economica do Brasil); Elycio

de Carvalho (Finanças Brasileiras); Barbosa Lima Sobrinho (A Imprensa na Independencia); Raul Tavares (Synthese Historica da Marinha de Guerra Brasileira); e Rodrigo Octavio Filho (em 1822.) Ha ainda artigos confiados á redacção do *Livro de Ouro*, como sejam O Thesouro no Brasil, Cem Annos de Engenharia, Academia Brasileira de Lettras, A Viação-Ferrea no Brasil, Cem Annos de Commercio Exterior.

A chronica do Centenario é um resumo completo dos festejos, congressos, conferencias, publicações, enfim de todas as commemorações havidas na celebração da grande data brasileira, de sorte que nella se encontra a synthese de tudo quanto se fez nesse anno glorioso. Ha ainda artigos sobre os estados da Federação, de grande interesse e utilidade, pela copia de informações que trazem, firmados por pessoas illustres e conhecedoras da situação de cada uma das unidades brasileiras.

Felicitemos vivamente o illustre editor, que é o Sr. Alvaro Pinto, pela notavel obra que acaba de publicar, digna da reputação que cerca o *Anuario do Brasil*, casa que não procura ser apenas uma officina de fabricação e venda de livros, mas um centro de cultura e de trabalho intellectual, prestando os mais estimaveis serviços ás nossas lettras. O *Livro de Ouro*, mesmo em competição com as publicações officiaes, é o maior e o mais completo esforço para marcar numa grande obra a passagem do centenario de nossa independencia. E esse esforço o Sr. Alvaro Pinto transformou numa victoriosa realidade, nesse admiravel repositório de cultura, de informação e de belleza.

Maurice Barrés

Ao encerrarmos este numero, chega-nos a noticia de morte de Maurice Barrés, uma das mais poderosas expressões do espirito da França contemporanea. A influencia de seu pensamento e o prestigio de sua acção politica foram profundos e intensos em toda a mentalidade moderna, de que foi um dos maiores mestres. Afim de melhor estudar a sua empolgante personalidade, *America Brasileira* consagrará a Barrés o seu proximo numero.

Tenho um amigo exquisito e metaphisico que admira Shaw. Duvido que elle goste realmente. E isto por varios motivos uteis e inuteis como todos os motivos. Então, com o fim de lhe envenenar a admiração shaviana, escrevi estas phrases...

Bergson e Shaw são os dois grandes Mysticos do seculo. Tambem o podiam ser Ghandi ou o Sr. X., da Academia de Letras e Cheques. Póde ser que haja outros. Mas esses outros são importantes demais para que possam ser citados. Digo-os "mysticos" porque ambos acreditam ferozmente em muitas cousas. Bergson crê no "élan vital", na separação da memoria (alma) da materia, nos dados immediatos da consciencia, na evolução creadora e na mobilidade dos phenomenos (da Consciencia e da Evolução biologica) dentro do vir-a-ser continuo. Dizer-se em que B. Shaw acredita é muito mais difficil. Shaw nega quasi todos os systemas philosophicos, que lhe são reles embellecos ou que têm o valor da moeda de um paiz fallido, com a mesma facilidade das mulheres ingenuas (que não existem) e dos politicos serios (que tambem não devem existir). Na sua ultima obra, *Voltando a Mathusalem* ("Back to Methuselah"), faz-me acreditar no seu néo-vitalismo (evolução creadora de Bergson) como antes me fizera acreditar na sua evolução néo-darwiniana em *Homem e Super-homem*, no seu puritanismo tanto que declara — "outra observação que fiz foi que os homens benevolos desambiciosos são covardes quando não têm nenhuma religião" — *B. to M.*, pag. X), e no seu socialismo... Por isto Shaw ás vezes é o peor dos orthodoxos, porque abandona systemas para crer noutros com uma firmeza bem argamassada. A's vezes dá-me a impressão de não admittir a vida como systema tacito de axiomas e postulados, quer derrubal-os e se esquece de construir...

— Ambos são optimistas? — perguntou-me um cavalheiro, olhos confusos e redondos, alheado ao que escrevi atraz.

— Perfeitamente ou quasi. Bergson num esforço de optimismo restituiu-nos (a mim pelo menos) o livre arbitrio, que uns homens perigosos nos andavam negando com grande vilipendio, e com elle nos completou a liberdade moral. Shaw, como humorista, é um expansivo, um desses homens que, sentado num banco povoado de gordos e magros se põem a cotovellar inquietantemente o visinho, acabando por contagiar os outros do seu riso. Shaw tem um desses humorismos sonoros que ecoam tanto que dão a impressão de abalarem tunnéis.

Mas o cinzento cavalheiro meu amigo não se conteve que não me searedasse:

— Ambos não são immoraes?

— Decerto. Tremendamente immoraes. Demolem preconceitos, logo vão de encontro á moral commum, moral a 100 por cento ao alcance de todo o mundo. Um, com o dogmatismo abala e rue muralhas chinezas para erguer um muro de cimento-armado; outro, com o humorismo, destróe o muro e ri sobre elle. Em *Homem e Super-homem*, o Diabo diz a D. João: "a medida da força do homem é a sua capacidade de destruição... A forma mais elevada da literatura é a tragedia, onde todos morrem no fim". *Man measures his strenght by his destructiveness... The highest form of literature is the tragedy, a play in which everybody is murdered at the end*", acto III).

A "duvida" shaviana (existirá ella realmente ou será uma maneira lateral de mostrar o ridiculo das institui-

ções sociaes?) é uma manifestação de optimismo Shaw; ao contrario dos que duvidam ou não, transforma o que para outros é scepticismo numa intenção ironica de fé e de belleza. Quando Shaw se põe a martellar cyclopicamente uma certa instituição social ou certo preconceito — "a situação miseravel dos foreiros, o Amor livre doutrinario (pseudo ibsenismo), a prostituição e militarismo, o casamento, a historia, politica, christianismo, caracter nacional e individual, caça aos maridos, questões de consciencia (*B. to M.*, p. LXXXV)" — mesmo que elle não dê a solução apparente, subconscientemente ella nos vem á memoria com os seus contornos bem definidos. Porque? Por que elle talvez acredita mais em "valores" do que em logica: prefere o concreto ao abstracto (*Pygmalião*, p. ex., onde trata do problema da phonetica). Parece-se com um disparate logico. Tem-se ás vezes a impressão de que todo o shavinianismo de certas peças, como na *Outra ilha de John Bull*, é uma "maneira interina". Dá-me a falta de uma philosophia verdadeiramente shaviana. A que elle tentou levantar em *Homem e Super-homem* (1901) e que tinha algo de Schopenhauer e Nietzsche: o Super-homem dependendo da Vida-força, atravez de uma Evolução progressivamente melhoradora — foi plenamente adoptada em *Back to Methuselah*. "I am not, I hope, under more illusion than is hurriedly inevitable as to crudity of this my beginning of Bible for Creative Evolution". (*Id.*, pag. LXXXVII). Isso por causa da necessidade de construcção da sente Shaw, como todos os optimistas. Ardendo em desejo de actividade, em vez de ser accumulativo e ascendente, elle é dispersivo e descendente. Os seus prefacios de peças são um modelo do quanto elle é fecundo dramatico na plenitude de sua acção.

Bergson reconhece que no estado actual da sciencia uma philosophia unificadora não é attingivel. A unificação será apenas um ideal de que nos aproximamos lentamente. Poder-se-á dizer que chegar á unificação é como querer furar uma muralha de cimento-armado com um prego rombudo... Espirito e materia continuarão separados apezar da sua interacção caracteristica no cerebro e systema nervoso; liberdade e necessidade oppor-se-ão sempre. Como resolver? Com o bom senso talvez... Mas Bergson suppor, atravez de longa evolução aceitavel ou não, pouco importa, que a relação e a interacção entre materia e espirito estão contidas na idéa de que ambos estes têm uma commum ancestralidade, estão relacionados tanto quanto os animaes ás plantas. A consciencia bruxoleante dos primeiros tempos e os rudimentos fundamentaes da materia — posteriormente divergentes como estão hoje, de modo que é surpreendente não haver relação alguma entre espirito e materia — poderiam ter sahido de coisa que não era nem consciente nem material, mas que tinha em si a potencialidade de ambos os attributos. Da separação de ambas as entidades ou constituintes do universo, liberdade e mechanismo, resultou o conflicto, isto é, appareceu a vitalidade neste planeta (Oliver Lodge). Para se admittir este ponto de vista é preciso ter em conta a Evolução com uma realidade a 100 por cento, o Tempo como outra entidade, e o terceiro elemento, a Duração ("durée"). Por ahi se vê que o Bergsonismo, como todas as doutrinas néo-vitalistas, é acção. Todas as construcções são efeitos

volitivos. A vontade é puro optimismo. O bergsonismo é optimismo.

Shaw parece ter applicado o bergsonismo (pelo menos a Evolução creadora com o seu "élan vital" em *Back to Methuselah*. Tendo começado como darwinista, em 1906 dirigiu-se aos néo-darwinistas da seguinte forma: "a Seleccion natural não tem nenhuma significação moral: trata da parte da evolução que não tem nenhum proposito, nenhuma intelligencia, e que podia ser chamada mais apropriadamente seleccion accidental, ou melhor ainda, seleccion innatural, desde que nada seja mais innatural do que um accidente. Se se provasse que todo o universo foi produzido por tal Seleccion, somente os doidos e os sacripantes podiam continuar a viver" (*Id.*, pag. LIV). Aliás a Evolução sob o ponto de vista shaviano já está exposta em *Homem e Super-homem*. Mas na sua ultima obra, adoptou a Evolução creadora: "A Evolução creadora já é uma religião, e é agora innegavelmente a religião do seculo XX, surgida recentemente das cinzas do pseudo-christianismo, do mero scepticismo e das affirmações desalmadas e das negações cegas dos Mechanistas e Néo-Darwinistas" (*Id.*, pag. LXXVIII). Mais adiante elle explica porque é que adopta a Evolução creadora: "porque sempre comprehendí-me toda civilização precisa de uma religião como questão de vida ou morte; e como a concepção da Evolução creadora se desenvolveu, vi que por fim atingimos uma fé que nos proporcionava a primeira condição de todas as religiões que se apoderaram da humanidade: isto é, que devia ser, primeira e fundamentalmente, uma sciencia de metabiologia" (*Id.*, LXXXV). Em *Back to Methuselah* elle explora o eterno interesse pela pedra philosophal que facilita aos homens viverem para sempre.

Donde concluo que o humorismo shaviano é uma funcção economica — porque explica e economiza theorias — do bergsonismo.

Shaw, ebrio de optimismo, ajustado com o seu diabo-razão, disse em *Homem e Super-homem* que "activity is the only road to knowledge." Actividade no elevado sentido goetheano, no sentido schopenhaueriano, ou no sentido pragmatista? Creio que no sentido schopenhaueriano do "Mundo como representação e vontade" isto é, o "querer viver". O encarecimento com que Shaw lisongeia a actividade é bem digno de um pragmatista. A vida não é um sonho endymionico nem uma inerte beatitude, é criação e renovação. A sua doutrina pretende, para usar de uma phrase da "Evolution créatrice", "remonter et resdescendre le cours de l'universel avenir". Mas todo o shavinismo se reduz a levantar ao céu — "Estar no Céu é viver e trabalhar", diz elle em *Homem e Super-homem*, acto III —, num mysticismo incansavel, um monumento de vontade acima desta pobre calmaria chamada civilização...

— Não ha lotus sem haste... A philosophia de ambas é apenas uma razão de optimismo, uma intenção incompleta que nos deixa insatisfeitos... E quem sabe se Shaw não fez a sua "religião" por blague? — Foi o que eu disse ao cavalheiro cinzento, tão nacional que ainda veste o fraque metrico, isto é, o soneto...

Rio, Novembro de 1923.

Teixeira SOARES.

DOIS CENTENARIOS

BANVILLE E RENAN

Theodoro de Banville nasceu em Moulins, a 14 de Março de 1823, alguns dias mais tarde do que Renan, nascido em Tréguier, em 27 de Fevereiro de 1823, tres annos depois de Leconte de Lisle — dous annos depois de Flaubert. Estes cinco escriptores ficaram, na historia da litteratura franceza, como os cinco principaes representantes do segundo romantismo.

Os primeiros românticos tinham sido educados num periodo inteiramente consagrado á accção. Transviados para a poesia, são tumultuosos e effervescentes. Vigny é um revoltado, Hugo um propheta, Lamartine só espera uma occasião para ser tribuno.

A attitude desses jovens, que abandonam as cousas da vida para se volver ás do pensamento, não é feita sem um grande desencanto. Leconte de Lisle e Flaubert, são profundamente pessimistas, não imaginam a felicidade senão em épocas remotas e longínquos paizes. Baudelaire, depois de uma fugida nos tropicos, soffredor, desabusado, se refugia em idéa, não importa onde, fóra do mundo. Renan e Banville, que não guardaram mais illusões sobre a vida, se inclinam diante da fatalidade e se resignam á renuncia. Esses dous filhos de marinheiros se contentam, de bom grado, com a vida sedentaria; sceptico um, ironico o outro, oham as cousas sorrindo.

Esse sorriso dissimula uma tristeza fundamental. Renan não é resignado assim, senão porque nada tem a fazer contra o destino. Banville recusa tomar ares tragicos e, voivendo-se para a graça e para a belleza, lhes pede um pouco de consolo para todas as amarguras. Ora, ambos estavam animados por uma mesma fé romântica, uma fé cujo catechismo se resumia nesta phrase de Renan: "E' mistér crear o reino de Deus, isto é, do ideal, dentro de nós, mesmos", ou nesta outra: "A felicidade é a dedicação a um sonho ou a um dever". Essas duas maximas parecem convir tanto a Banville como a Renan. No entanto, se o primeiro merece o titulo de romântico, estaríamos inclinados a recusar-o ao segundo. Mas, elle proprio o reivindica: "Realmente, tudo me predestinava ao romantismo, não digo ao romantismo de fórmula (compreendi rapidamente que o romantismo formal é um erro; que, se ha duas maneiras de sentir e de pensar, não ha senão uma unica fórmula para exprimir o que se pensa e o que se sente), mas ao romantismo da alma e da imaginação ao ideal puro."

O romantismo, assim entendido num sentido moral ou espirital, se alarga. Corresponde a essa exaltação dos espiritos, anciano para se elevar acima da realidade, que marcou a historia nos cem ultimos annos.

O romantismo, para Renan e para Banville, é antes de tudo o que o primeiro chama o idealismo e o segundo "l'ettrat du gouffre d'en haut".

Neste anno de 1923, em que cahe o centenario de seus nascimentos, parece que a philosophia de Renan seja muito sabia, a poesia de Banville muito natural, para não estar fóra da moda. Observa-se, constantemente, nos artistas e escriptores de hoje, um enorme desprezo pela arte. Trazem nas suas profissões as preocupações de homens de negocios ou de desporto, muito mais do que de homens de pensamento. A vida de estudo e de meditação de um Renan, ou de um Banville, lhes offerece um exemplo do que mais detestam.

A critica, de 30 annos a esta parte, julgou Banville, principalmente pelas *Odes funambulesques*. E' dar muita importancia a uma obra, sobre a qual escreveu: "Deveria ter deixado no jornal esses folhetins escriptos ás pressas e nunca impôr-lhes a uma prova de livro."

Os contemporaneos de Banville, mais perspicazes, o julgaram definitivamente. "De nascimento, disse Gautier, teve o dom dessa admiravel lingua que o mundo entende, mas não falla; e da poesia, possui a nota mais rara, a mais alta e mais alada, o lyrismo". Baudelaire tinha uma opinião analogá: "O talento de Banville é essencialmente, decididamente e voluntariamente lyrical". Em seus versos não tem um ar de festa e de innocen-

cia, mesmo a volupia. A sua poesia não é apenas uma saudade, uma nostalgia, é tambem uma volta muito voluntaria ao estado paradisiaco."

Além disso, Banville se definiu nesta *Ballada sur lui même*, que principiou com este verso:

Assembleur de rimes, Banville, e assim termina:

*Prince, voilà tous mes secrets,
Je ne m'entends qu'à la metrique.
Fils du dieu qui lance les traits,
Je suis un poète lyrique.*

Os criticos têm por habito reprochar certos poetas de não pensar, de não terem idéas; reconhecendo o valor da fórmula, negam a do fundo.

O Sr. Lusson, no seu manual, acredita ter reparado essas injustiças passadas, proclamando que um poeta não é obrigado a pensar e que Banville é um verdadeiro artista.

Ah! é muitas vezes a ambição de se tornarem pensadores, que prejudica os poetas. O que resta do pensamento de um Victor de Lagnade, ou de um Sully Prudhomme? Que não quizeram ser unicamente poetas! Os seus bellos dons se teriam desenvolvido, ao invés de empobrecerem. As obras de um poeta verdadeiro como Banville trazem uma philosophia expressa indirectamente e por allusões; muito mais rica do que a que quizeram exprimir com precisão.

Jámais o fundo de tristeza que se discerna em Banville lhe tira a coragem de sorrir. Tem uma surpreendente constancia de espirito, um coração puro, chelo de innocencia. Não quiz olhar de perto a realidade, e é isso que diminue talvez o valor do seu romance, *Marcelle Rabbe* e dos *Souvenirs*. Mas na poesia, esse preconceito é de todo legitimo e Banville é poeta antes de tudo. Os seus versos não são mais do que effusão de ternura e "élan" para a graça e para a belleza. Diante das misérias e das durezas da vida, defende-se por uma zombaria ligeira e nunca cruel. Ao seu amor do bello, á sua ironia espirital, se junta uma extraordinaria virtuosidade da factura. Não ha poeta que maneje o verso com tanta facilidade e destreza. Salvo nos seus melhores poemas, os seus confrades, junto delle, tem um ar contrafeito, e mesmo as mais admiraveis paginas de Victor Hugo appare-

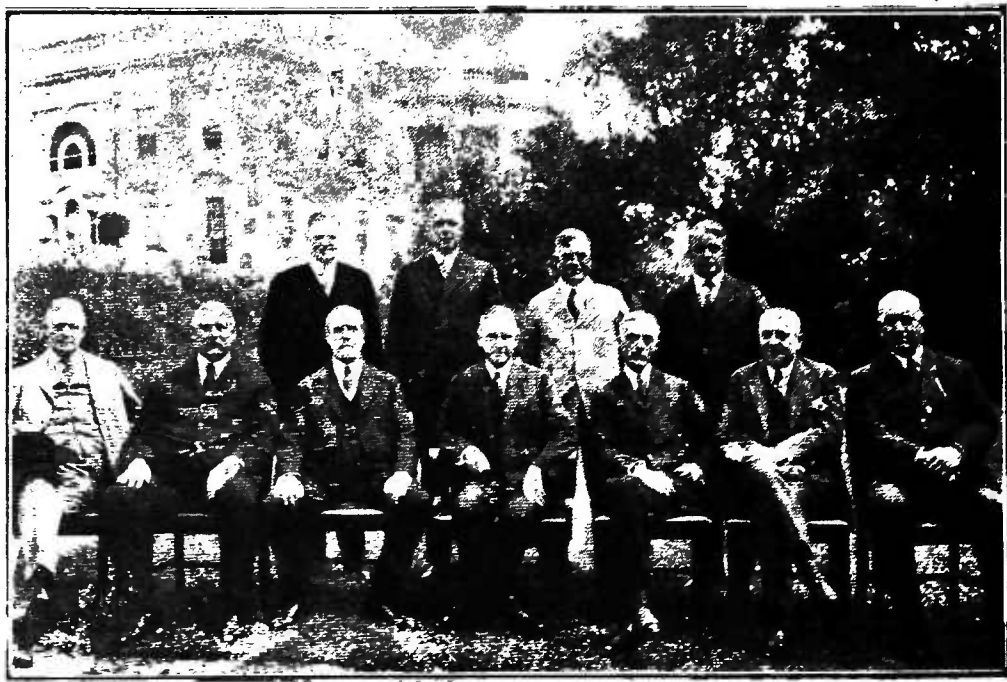
cem como exercicios poeticos. Talvez de nenhum poeta francez, mais do que de Banville, se possa dizer que a poesia é a sua lingua natural.

Pureza, espirito, ausencia de emphase, gosto, habilidade em apresentar as idéas e empregar as palavras, eis o que caracteriza Banville. Para convencer-se disso, basta lê-lo, ao mesmo tempo que Rostand, que, sem duvida, é visto como o seu melhor discipulo, ftostrand, que teve pelo menos o merito de se entregar inteiramente á poesia — tal como a concebia, perdeu de vista o céu, e, nelle, tudo é preparado para o effeito theatral da peça a representar, e procura impressionar os ouvintes tomados de sentimentalismo e sensíveis ao jogo das palavras. As intenções de Banville são muito mais altas: dir-se-hia que se dirige sempre a uma assembléa de poetas e o espirito, nos seus versos, se é servido pela habilidade no emprego das palavras, se subordina ao movimento rapido e gracioso do pensamento e a um juizo ironico das cousas, nascido de uma philosophia da vida, mais sabla e elevada, do que se acreditaria á primeira vista.

Os Goncourt, neste *Charles Demally*, talvez a sua obra prima, mostraram Banville, sob o nome de Boisgontier: "Négligeant et méprisant, escrevem, cette verve d'occasion, et cet esprit des mots, il éclatait et pétillait de ce meilleur de l'esprit de la France, l'esprit des idéés". E acredita-se vel-o, tal qual nos apparece, no Luxemburgo, no seu retrato de Renoir: "Son petit œil, vif, inquiet, clair, furetait comme le regard d'un acteur par le trou de la toile."

Em torno de Banville, ficou uma grande irradiação de sympáthia, e os editores francezes fariam bem se pensassem neste poeta admiravel, de uma leitura deliciosa, que tem esquecido nas suas colleções de bellos livros.

Renan foi visto como um dos mestres do pensamento moderno e essa fortuna lhe veio de ter sido combatido. Cada vez mais se lhe fez a injúria de misturar o seu nome ás lutas politicas e falla-se em transportar as suas cinzas para o Pantheon, cuja crypta é o mais triste dos tumulos e o ultimo dos refugios, a que póde aspirar um poeta.



O Presidente Coolidge e os membros do seu ministerio, vendo-se, sentados, da esquerda para direita, Harry S. New, ministro dos Correios; Jonh W. Weeles, da Guerra; Charles E. Hughes, secretario de Estado; Presidente Coolidge; Andrew W. Mellon, secretario do Thesouro; Heny M. Dangherty, ministro da Justiça; e, em pé, na mesma ordem, Herber C. Woover, secretario do Commercio; Herbert Works, do Interior; Henry C. Wallace, da Agricultura e James J. Davis, do Trabalho

Não seria inteiramente injusto, recusar valor scientifico á obra de Renan, como á de Sainte-Beuve. A historia, como a comprehendem, é de segunda mão. Mas, utilizando-se de investigações, que conduzem outros a descobrir ossaturas e destroços, tiveram a arte de dar uma nova vida ás idéas e aos homens de antanho. E' nos de todo indifferente que pouco se dê a Renan historiador. Para nós, o que interessa é o critico, no sentido mais lato da expressão, que é a de ensaista e philosopho familiar.

Como escriptor, se lhe pôde censurar a sua formação de escola, ou de seminario, que o leve a gostar de uma fórma convencional e preparada. A sua famosa *Prière sur l'Acropole* não é mais do que um perfeito exercicio de rethorica.

Feitas essas concessões aos seus detractores, pôde-se admirar-o á vontade. Pertence a essa familia de escriptores que, mesmo nos enganando, nos dão sempre prazer e proveito intellectuaes.

Escrevia, no começo do seu *Examen de conscience philosophique*: "Le premier devoir de l'homme sincère est de ne pas influer sur ses propres opinions, de laisser la réalité se réfléchir en lui comme en la chambre noire du photographe, et d'assister en spectateur aux batailles, intérieures que se livrent des idées au fond de sa conscience." Este preconceito de ser espectador lhe perturbou todo o espectáculo da vida.

Aquella, que quer avaliar a existencia por seu valor real, chega fatalmente á mesma conclusão de Ecclesiaste: *Vanitas, Vanitatum!* Mas, resta ao individuo uma inestancavel fonte de alegria nessa realidade segunda, creada por elle, que se fez com os seus sentimentos, os seus instinctos, as suas paixões e tambem com as suas idéas e crenças.

Nada é mais differente do Renan sceptico, reflectido, indulgente, que nós conhecemos, do que este mundo celta adormecido, immovel, vivendo com um unico pensamento, que evocou em seus *Souvenirs* e que encarnou em algumas mulheres do seu paiz, como a pequena Noémi e Emma Kosilis; e, no emtanto, nada lhe fica mais perto. Nada o impacienta mais do que o dogmatismo religioso, com as suas intolerancias e os seus erros, e ninguem prestou mais bella homenagem á fé, nem fallou com mais comprehensão do mundo religioso. Nega a divindade de Jesus e, quando o pinta, morrendo, no seu soffrimento sobre-humano, restitue-lhe a sua grandeza divina.

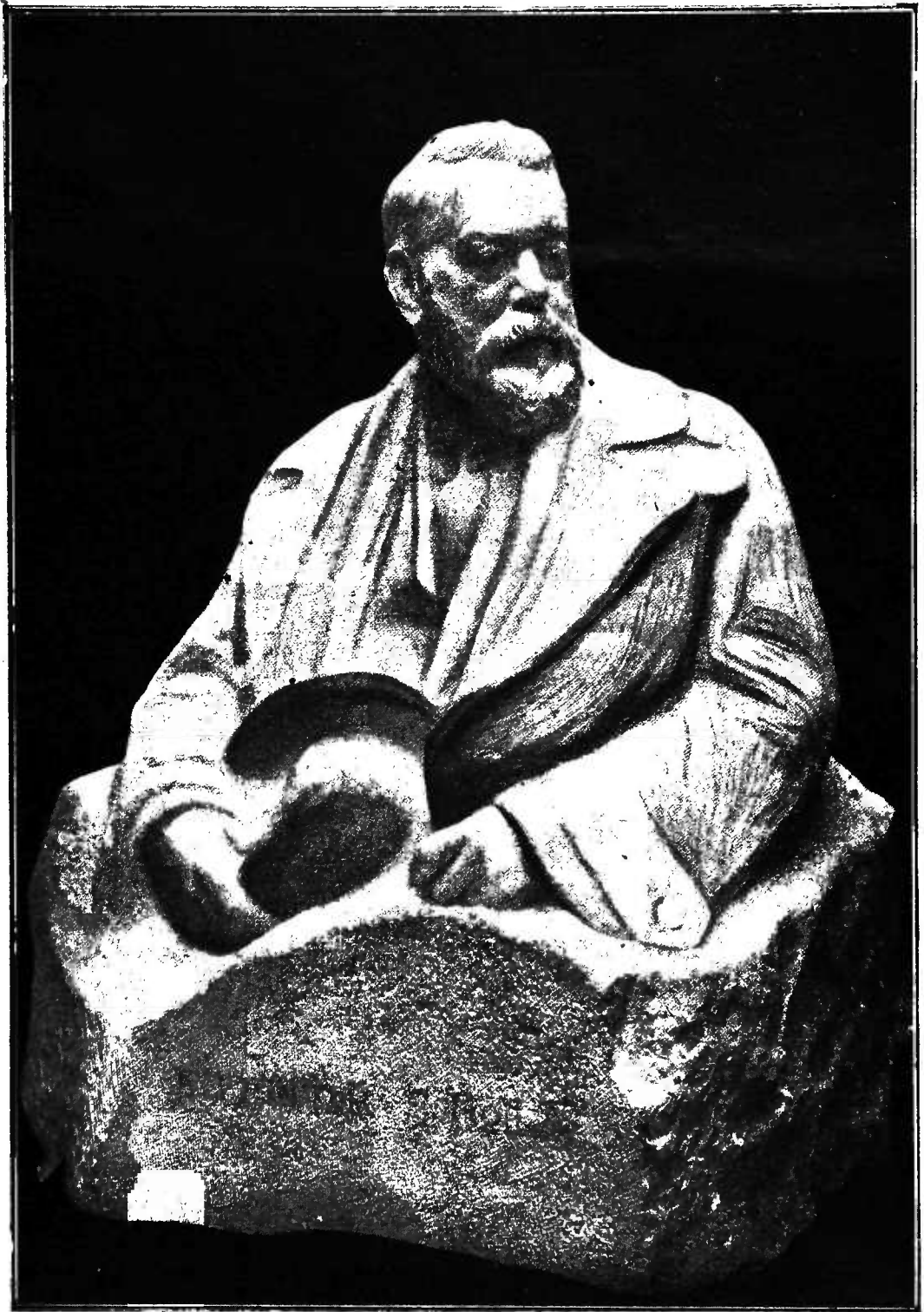
E' que, obrigando-se a viver na realidade, creou como que uma vida multipla. Cada caminho que trilhou o conduzio á estrada mais larga. Estudos estreitos do clero o levam á tradição; as suas indagações philologicas e historicas findam em visões philosophicas; e, enfim, as suas idéas geraes, desenvolvendo-se, cercam-se de poesia.

Este erudito historiador, este pensador attinge á expressão total do seu genio nos *Dialogues*, *Drames*, *Souvenirs*, isto é, quando se approxima dos artistas e dos poetas.

Michel PUY



SOROLLA



O grande artista espanhol, que morreu recentemente, cercado de gloria, como uma das mais altas expressões da pintura contemporanea, foi por excellencia um renovador. A sua visão pictorica e o seu colorido surpreendente chocaram o ambiente, quando appareceu, mas vencendo a hostilidade contra todo o artista independente, Sorolla triumphou, e rapidamente até. Em 1879 e em 1880 era premiado em Valencia e, quatro annos depois, obtinha a 2ª medalha na Exposição Nacional de Madrid, onde obteve o maior successo em 1892 com o quadro *Otra Bargarita*. Em 1895, no Concurso Nacional, impoz-se com o quadro — *Y aun dicen que el pescado es caro...*, que marcou o seu nome entre os grandes pintores do seculo XIX.

'Sorolla, escreveu Contreras y Cármino, foi o artista das scenas marinhas,

dos panoramas luminosos, dos nús fortes, da realidade sobria, como a luz nua apresenta, e por sua claridade e vigor não só surpreendia, como emocionava profundamente pela propria inspiração de natureza com todas as suas realidades como os seus contrastes incisivos" Em 1897, expoz *Cosiendo a vela* no Salão de Paris e obteve o mais completo triumpho, conseguindo, com o mesmo quadro, a medalha de ouro da Exposição de Viena. Já havia então conquistado a celebridade, que augmentou sempre, sendo um dos artistas mais admirados em todo o mundo, onde as suas télas, pelos museus ou pelos colleccionadores, são disputadas e vendidas a alto preço. Sorolla perpetuou o seu nome, como uma das glorias dessa surpreendente pintura espanhola.

N O T U L A S

Foi concedido a Camille Mauclair o premio litterario das Bellas Lettras, de Outubro, pelos seus livros *Princes de l'Esprit e Grandeur et Servitude Litteraires*. O nome do homenageado, que temos a alegria de contar entre os nossos collaboradores, é um dos mais admiraveis na critica franceza, a que deu um brilho invulgar.

No grande inquerito litterario da revista norte-americana *International Book Review*, sobre os 10 melhores livros do seculo, ainda não encerrado, está em primeiro lugar o romance de Arn. Bennett, *Historia de Velha*. Entre os escriptores estrangeiros os mais suffragados são D'Annunzio, com *O Fogo* e Maeterlinck, com *O Passaro Azul*, citando-se ainda os nomes de Pierre de Coulevin, Rostand e Roman Rolland.

O Comité de Americanização nos Estados Unidos, verificando que é de 1.500.000 o numero de bolshevistas em actividade, envolvendo sua intensa propaganda no exercito, na armada, nos meios proletarios e escolas, com o que foram gastos mais de 3 milhões de dollars no anno passado, resolveu, de accordo com a indicação do Sr. Powell, seu presidente, propor a suppressão por cinco annos da immigração, o que permitiria *americanisar* os estrangeiros ainda não assimilados.

O Sr. William Acworth, perito britannico em assumptos de estradas de ferro, depois de ter estudado a situação da Austria, concluiu que Vienna readquire a sua posição de centro commercial para a bacia do Danubio e Sudoeste da Europa, bem como que se torna de novo um centro de intercambio para todo o antigo territorio do imperio austro-hungaro e dos paizes balkanicos. Acredita que, com o apoio do povo, o systema ferroviario austriaco em 2 annos estará solvente.

O Visconde de Burnham, que esteve recentemente nas Indias Occidentaes inglezas, communicou á Camara dos Lords

serem pessimos os serviços de communicações, telegraphico e jornalístico, sendo que este era feito por americanos. Pediu que o assumpto fosse levado á Conferencia Imperial. O Duque de Devonshire, replicando, disse que estava tranquillo quanto á lealdade das colonias, a qual não seria quebrada por qualquer influencia extranha. Quanto ao estado dos serviços de communicações, estava certo que a Conferencia Imperial lhe daria a maior attenção.

O nascimento de um filho dos Reis da Yugoslavia, Alexandre I e Maria, assegura a successão do throno da dynastia Karageorgevitch.

A producção do papel de impressão, no Canadá, foi nos annos abaixo, a seguinte:

Annos	Tons.
1910.....	215.000
1913.....	350.000
1914.....	415.000
1915.....	489.000
1916.....	608.000
1917.....	684.289
1918.....	734.783
1919.....	794.567
1920.....	875.696
1921.....	805.134
1922.....	1.086.551

Está convocado para Maio de 1924, o primeiro Congresso Internacional de Auto-Transportes, que se reunirá nos Estados Unidos, em Detroit, sob os auspícios da National Automobile Chamber of Commerce. Os convites foram feitos a todos os funcionarios de governos no estrangeiro, associações de auto-locomoção, representantes de fabricas de automoveis no estrangeiro e redactores de jornaes e revistas commerciaes, que se dedicarem a transportes a motor, nos 114 paizes que usam automoveis.

O Dr L. Cose annuncia, na *Revue Mondiale*, que o Corpo de Bombeiros de Paris possui a mais formidavel bomba de incendio, feita por engenheiros francezes. O seu aspecto é de uma grande *limousine*, na qual ha lugar para 11 bombeiros. Entre as rodas trazeiras está corpo da bomba, que pôde aspirar e expelir, com a pressão de 5 a 12 kilogrammas 300 metros cubicos de agua por hora, ou 86 litros por segundo. A auto-bomba pôde alimentar, ao mesmo tempo, 24 mangueiras de 14 m/m de diametro; 12 de 18 m/m, 3 de 30 m/m e uma de 50 m/m.

Durante o primeiro semestre do corrente anno, registrou a Directoria do Serviço de Povoamento a entrada, pelo porto do Rio de Janeiro, de 18.032 immigrantes, como taes considerados os passageiros de segunda classe e de terceira, sendo 3.730 em Janeiro, 2.202 em Fevereiro, 3.267 em Março, 3.439 em Abril, 2.789 em Maio e 2.605 em Junho.

Esses immigrantes eram das seguintes nacionalidades: allemães, 2.003; argentinos, 115; armenios, 42; austriacos, 409; belgas, 26; bolivianos, 3; brasileiros, 557; bulgaros, 17; chilenos, 18; chinezes, 3; dinamarquezes, 22; egypcios 15; equatorianos, 2; estonianos, 25; finlandezes, 11; francezes, 208; gregos, 19; hespanhoes, 683; hollandezes, 35; hungaros, 148; inglezes, 191; italianos, 1.791; japonezes, 23; lettões, 61; luxemburguezes, 7; marroquino, 1; mexicanos, 7; noruegueses, 41; norte-americanos, 133; paraguayas, 3; panamaenses, 6; peruanos, 5; polonos, 354; portuguezes, 9.205; rumenos, 125; russos, 306; servios, 20; suecos, 12; suissos, 217; tcheco-slovacos, 206; turco-arabes, 773; ukrainianos, 106; uruguayos, 48; venezuelanos, 5, e yugoslavios, 19.

Está em construcção o primeiro dirigivel destinado ao serviço entre Nova York e Hamburgo, dispondo de uma locação para 300 passageiros, com salões, salas de jantar, fumoirs, tombadilhos, cabines, etc.

A illuminação e a cosinha serão electricas. Foram tomadas providencias especiaes contra incendio e explosão e cada balão de hydrogenio será separado do

OFFERECEMOS AOS HOMENS:

Uma Alfaiataria que talha e coze com perfeição e rapidez, e por preços ao alcance de todos.

Uma secção de roupas brancas com todos os artigos, desde o mais fino ao mais vulgar, desde o mais dispendioso ao mais barato.

CHAPÉOS, CALÇADOS, ETC.

VISITEM TODOS O **PARC ROYAL**

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

exterior por um segundo envolvero, cercando uma espessa "couche" de azoto. A propulsão será feita por 12 motores de 260 H. P., com commando independente. Calcula-se a duração da viagem Hamburgo-Nova York em 45 horas. O autor dos planos é um engenheiro hollandez Borner

De accôrdo com o ultimo Boletim relativo ao movimento mundial do café, publicado pela Casa Mortz & C., de Nova York, o "stock" mundial visivel, do café, subia a 5.792.000 saccas, tendo sido de 5.889 a 1 de Setembro findo. Em igual periodo do anno passado, porém, este "stock" attingia a 8.579.000 saccas. No começo de Outubro, a que se referem as noticias do Boletim os preços que vigoraram em Nova York eram de 8.92 a 7.92. O boletim annuncia igualmente que a futura safra em Santos está calculada em cerca de 16.000.000 de saccas.

Segundo as declarações, em Paris, do Ministro das Finanças, Sr. de Lasteirt, feitas á Comissão de Finanças da Camara, a receita produzida peios impostos geraes augmentou em 1921, comparativamente ao exercicio de 1920, de 14.000.000.000 de francos, a que devem ser accrescentados 2.000.000.000 da receita ordinaria. O papel moeda em circulação no paiz elevava-se em 1920 a 39.645.000.000 de francos, baixando em 1923 para 37.850.000.000. No tócate ao orçamento especial das despesas com a reconstrucção das regiões devastadas, ou sejam despesas reembolsaveis, o Ministro acredita que dentro de tres annos elle estará completo, necessitando ainda mais a despeza de 24 billiões de francos para restauração de diversas propriedades. Esses 24 billiões reunidos aos..... 52.580.000.000 já empregados nas reconstrucções sobem a um total de cerca de 80 billiões que representam o montante dos adiantamentos feitos pelo Governo francez por conta da Alemanha para os trabalhos de reparações, não incluídas, porém, as sommas emprestadas para o serviço de pensões.

A Russia continua a estender os seus tentaculos commerciaes para o Sul. Uma empresa mercantil — a Trans-Caucasion Trading Company, — acaba de organizar-se com o fim declarado de estimular o commercio entre a Russia e a Persia. O controle persa da companhia está nas mãos de commerciantes particulares. O controle russo pertence a uma sociedade dirigida pelo Governo. Em anticipação do apogeo commercial, que se espera dessa e de outras aventuras, a marinha mercante de propriedade do Estado, enviou uma commissão ao occidente, afim de adquirir oito navios de carga. Os russos allegam que o seu é o unico Governo capaz de empregar maior tonelagem maritima.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de mandarem reformar suas assignaturas para o anno de 1924 até o dia 10 de Janeiro vindouro, afim de que não lhes seja suspensa a remessa desta revista. A importancia da reforma da assignatura (dez mil réis), póde ser enviada em vale postal, cheque, ordem, etc., dirigida á S. A. Monitor Mercantil, rua 1º de Março, 96-3º andar — Rio de Janeiro.



Reproduzimos aqui o admiravel retrato que Van Dongen fez, e expoz no Salon de Paris, de Geneviève Vix, em *Salomé*. Conhecemos a extraordinaria criação da artista franceza, na opera de Strauss, e dahi podemos avaliar a prodigiosa obra do grande mestre. A gravura sacrifica o colorido e dá apenas idéa pallida do quadro desse pintor surpreendente, cujo triumpho foi conquistado pelo prestigio de sua estranha personalidade, lutando contra os preconceitos e as fórmulas passadistas Segundo Max Da-

neaux "este retrato merece uma época na carreira de Von Dongen. Até agora o pintor preferia pintar as figuras varonis. Parecia temer a sua propria crueldade; e pensava que não basta augmentar o volume das perolas e o esplendor dos brilhantes para agradar as mulheres pintadas por elle e por ellas. Mas, em vista do entusiasmo com que as senhoras americanas sollicitam ser retratadas por elle, Von Dongen perdeu um pouco de sua timidez e se deixa dominar pelo furor da moda"

NOTAS & COMMENTARIOS

O discurso do Sr. Altino Arantes

Teve grande repercussão o discurso com que o illustre Sr. Altino Arantes, na Camara dos Deputados, analysou as condições geraes do paiz, nos seus aspectos economico e financeiro. A autoridade incontestavel de ser um dos nossos mais esclarecidos estadistas, que na administração do maior Estado da Federação impoz seu nome ao conceito de toda a Republica, e a circumstancia de alliar a isso uma intelligencia forte e uma solida cultura, deram á sua oração um enorme prestigio, quer na parte de analyse, suscita e firme, quer na apresentação da defesa das medidas que reputa urgentes e necessarias á solução da crise actual. Com effeito, tendo vindo da administração de um Estado, que é como uma nação, e no trato de cujos negocios revelou qualidades excepcionaes de estadista, resolvendo problemas economicos e financeiros que pouco differem, pela amplitude, dos nossos problemas maiores, o Sr. Altino Arantes tem a situação de quem, pela autoridade e valor, imprime aos conceitos que emite toda a significação, real que elles possam ter. Por taes factos, a que traz inestimavel esforço a circumstancia de se tratar de um politico de verdadeira mentalidade, que se especializou, desde cedo, no estudo das questões financeiras, de cujo sentido nunca se desviou a sua cultura, nem antes nem depois de ser governo, a sua palavra é sempre ouvida com o maior acatamento e as suas observações são sempre encaradas como as que nunca deixam de reflectir, com fidelidade, a face perceptível e exacta dos assumptos. Dahi o grande exito e a grande impressão, no Congresso e na imprensa, do seu notavel discurso, que ficará nos annos do Parlamento como um dos trabalhos mais eloquentes e completos em que se faz o estudo das condições geraes do paiz.

No meio corrente de nossa depredação politica, que os discursos apaixonados e inuteis do Congresso reflectem como espelho fiel, a oração ponderada e serena do illustre estadista ecoou profundamente na mentalidade do paiz. Delle pôde se discordar em principio, mas é irrecusavel a segurança de seus altos conceitos, o prestigio de suas opiniões, o acção esclarecida com que aborda e versa os problemas de maior interesse nacional. As bases de toda a politica financeira do paiz reduzio a duas: — economizar e produzir. Devem essas duas preoccupações guiar os homens de governo, oriental-os e a elles serem fieis, uma vez que trilhar caminho opposto, ou ladeal-as timidamente é comprometter os destinos nacionaes. Reduzir os males causadores da crise ao desequilibrio orçamentario e ao "deficit" das contas internacionaes, porquanto a inflacção do papel-moeda não é mais do que uma consequencia do proprio equilibrio orçamentario, chegando o governo a buscar nesse expediente o meio de supprir as deficiencias da receita. Economizar, sem duvida, é tudo, mas precisamos meditar no aviso prudente do illustre representante de S. Paulo, porquanto sem essa politica energica e vigorosa, não conseguiremos nunca remediar essa persistente crise que nos assoberba.

"Pratiquemos, sem tergiversações, a politica methodica dos cortes profundos nos dispendios, de fôrma a reduzi-los ao minimo possivel e a applical-os exclusivamente aos serviços indispensaveis e ás obras de caracter urgente e inadiavel.

Libertemos a União, que já não teve o melhor quinhão na partilha constitucional das rendas da Federação, de um sem numero de encargos e de subvenções que, evidentemente, escapam á orbita de suas attribuições. Suspendamos todas as obras em andamento e que não se relacionem com as necessidades mais impozias da vida e do desenvolvimento nacional. Ponhamos de parte, resolutamente, tudo quanto é sumptuario ou de resultados duvidosos

para o interesse publico. Sejam rigorosos, sem injustiças, na reducção dos quadros do functionalismo publico, cujo estipendio — já houve quem frizasse esta clamorosa, insupportavel anomalia — consome, quasi integralmente, a renda-papel do paiz, ou cerca de seiscentos mil contos de réis. Deixemos o fausto as liberalidades, as installações luxuosas, as representações deslumbrantes para épocas de menor abertura para o Thesouro e de menores privações para o povo.

Precizamos não perder de vista taes condições, por cuja realidade devemos nos empenhar a todo custo. Não sabemos até que ponto o Congresso ouvirá essas palavras do Sr. Altino Arantes e acreditamos mesmo que se percam, na base dos favores e da disputa do eleito. Mas, ainda assim, a semente ficará e mesmo entre pedras a planta brota, muitas vezes para arredar depois as proprias pedras e se libertar. Quanto á necessidade de produ-



Dr. Altino Arantes

zir, o Sr. Altino Arantes explicou que a moeda sendo padrão, se representa pelas especies e seria rico o povo que pudesse pagar mercaderia com mercaderia e não com papel usado. Pela harmonia desses dous principios — economizar e produzir — poderemos estabilizar o cambio, cujas oscillações reflectem os "deficits" orçamentario e das contas internacionaes. Ao invéz de procurar uma medicina de symptomas, busquemos resolutamente atacar na raiz os males perturbadores de nossa vida e de nossa prosperidade.

Em taes principios, expostos no seu brilhante discurso, o Sr. Altino Arantes resumio a politica a seguir. Não ha outros rumos e S. Ex., com a sua capacidade de estadista, experiencia de governo e tino politico, mostrou e demonstrou que fóra delles toda a caminhada será perdida. Mas, para trilha-los é necessario resolução e coragem e esperemos, se não é utopia ou ingenuidade, que os nossos governantes, pesando as palavras do illustre ex-Presidente de S. Paulo, se decidam a enveredar por elles. Felizmente, nesta hora inquietante da vida nacional, em que as difficuldades se reúnem para desafiar a argucia e capacidade de nossos dirigentes, a voz do Sr. Altino Aran-

tes se apresenta como a de um seguro e esclarecido mentor.

Outro ponto de especial relevancia do discurso do ex-Presidente de S. Paulo é o referente á operação da valorização do café e transformação do Banco do Brasil em banco emissor. Os dous assumptos são ahi altamente discutidos, sob aspectos novos, firmando-se a sua defesa em argumentos que se podem contraditar, mas cuja legitima procedencia não é licito desconhecer. O pensamento do Sr. Altino Arantes chega á conclusão de que tudo favorece a instituição do banco emissor, até mesmo a circumstancia de não termos sido felizes, na pratica, com essa instituição, em tentativas anteriores, porque ainda ha a lição do passado, que nos aproveita, evitando que cheguemos a erros perniciosos. E quanto á defesa da valorização, o eminente representante de S. Paulo faz demonstrando que com essa operação nos livramos da possibilidade de um prejuizo de 16 milhões na safra actual, e que a restricção das entradas regulariza, pelo menos, a existencia de letras da exportação, evitando a sua plethora nos primeiros quatro mezes da colheita, e verdadeira penuria nos mezes subsequentes.

Registrando, sem pretender commentar, esse discurso, cujo valor não precisamos accentuar, queremos mostrar que não será por falta de conselhos prudentes que errará o Governo. Volva-se quanto antes á pratica resoluta de que prescreveu o Sr. Altino Arantes — economizar e produzir — e verá que muito contribuirá para de um modo decisivo e forte, restabelecer o equilibrio financeiro, imprescindível ao desenvolvimento da grandeza do Brazil.

Obra de cultura

Ha pouco um dos nossos jornaes chamou a attenção para o facto do governo argentino, por intermedio da Universidade de Buenos-Aires, distribuir premios ás obras scientificas apparecidas nesse paiz, como incentivo á cultura, sendo que esses premios constam de quantias avultadas, o primeiro delles de 30.000 pesos, ou 150.000\$000, em nossa moeda. No entretanto, entre nós, o estímulo aos intellectuaes é nullo, por assim dizer, não encontrando os scientists e escriptores facilidades, para não falar em auxilios, por parte do Governo. Brasileiros illustres, com publicações notaveis, não têm conseguido sequer que o Governo as imprima e divulgue, deixando-as no mais lastimavel olvido. Ainda agora, se promoveu um concerto em favor de publicação das obras musicas desse poderoso artista, que foi Glauco Velasquez, as quaes, apesar do Congresso ter autorizado, não conseguiram a publicação, sobremaneira honrosa para a nossa cultura artistica. Outro caso, e quantos poderíamos citar? — é o do eminente mestre de nossa historia, Sr. Rocha Pombo, a quem o Governo nunca premiou, apesar de ter escripto o mais notavel repertorio da historia patria, num tratado digno da maior estima. As concessões e os favores para sociedades vagas de philanthropia mais vaga ainda, enchem todo o anno os orçamentos, mas, quando se trata de auxiliar á obra dos escriptores, dos scientists e dos artistas, a costumada liberalidade se transforma em avara prudencia.

Emquanto a Argentina incentiva os seus homens de saber e artistas, nós os esquecemos. Não se citam os premios de viagem, fruto dos cursos academicos, obtidos não sempre por um criterio de justicia, mas pelas notas aleatorias dos exames, onde triumpham os mais esportos, antes de que os mais preparados. Sobre os jures da Escola de Bellas Artes é preferível não fallar muito... Portanto, falta-nos esse estímulo aos estudiosos, no qual poderiam encontrar, muitas vezes, elementos para mais applicação, quando são enviados para affazeres diversos, afim de buscar os meios de subsistencia.

Nisso, como em outras cousas, temos muito que aprender e imitar...

A Republica fez annos

Com as salvas de estylo, a 15 de Novembro, a Republica fez annos. Anniversario banal, em dia chuvoso, que pouca gente se apercebia, se não fosse um amavel feriado, quando se tem mais tempo para pensar na obra idealista dos homens de 89. Como a Republica é o mais definitivo dos factos, não pôde haver mais entusiasmo e o dia de seus annos passa, como um outro dia qualquer, ou antes, como um domingo qualquer. Este anno, pouca gente sahio á noite, para ver illuminadas as fachadas dos edificios publicos. Houve quem visstasse o Sr. Lopes Trovão, mas o culto dos symbolos tambem já vai diminuindo. Os jornaes se preocupam mais com o anniversario, no mesmo dia, do Governo, uns para dizer muito bem, outros para dizer muito mal... E, confundindo as cousas, aquelles se fizeram apologistas do regimen, estes o julgaram em máo caminho. Todos tem razão, porque estão todos com os seus interesses e não se os deve censurar por isso... Mas, pensando um pouco, nessas opiniões divergentes, lembramo-nos daquella phrase celebre de Joaquim Murtinho — "precizamos republicanizar a Republica" Porque não se aviva a chamma ateadá pelos propagandistas por um novo ideal, pois estamos tão longe delle, mais talvez de que no imperio, estavamos longe da Republica. Compare-se a propaganda e veremos quaes as accusações formuladas contra o regimen deposto. Qual dellas não se poderá repetir hoje? e quantas novas não ha que fazer? Se logo no começo, Benjamin Constant julgou que a realidade não correspondera aos seus sonhos, que diremos nós hoje, diante de tanta cousa que a lei de imprensa nos obriga calar! Se a Republica fez muito, dando sobretudo um admiravel feito progressivo ao paiz, é cousa incontesté, mas, noutros pontos, seus erros tem sido tantos e taes, que em nada nos honra o seu advento. O remedio não está em carpir, mas em trabalhar, procurando tornar a Republica uma fórma moderna e liberal de estado, para isso, o mais necessario é a revisão constitucional. Precisamos deixar a pasmaçeira actual, ou a luta de interesses e competições, e procurar engrandecer o paiz. O dia 15 de Novembro deste anno foi um dia feio, de chuva e de lama. E necessario sol, muito sol, que é vida e alegria,

Situação Instavel

E' uma desolação para quantos se interessam seriamente pelos problemas nacionaes e reconhecem a gravidade inilludível do momento, assistir ao espectáculo de discordias internas, de rivalidades chocantes, odios intransigentes, cujas razões impiedosas são as seguidas e preferidas, tornando cada vez mais complicada a situação actual. Já dissemos que deveria partir do Governo, pela sua propria autoridade e por ser o contendor mais forte, a palavra de concórdia, que procurasse a pacificação dos espiritos, ainda alvoraçados pelas ultimas e irritantes lutas politicas. Não é demais que se insista. Em face de uma crise economica alarmante, quando o cambio cõe ás ultimas casas e a moeda se desvaloriza, encarecendo a vida, por um lado, e despreciando o valor do trabalho e da producção nacionaes; em face de perigos iminentes, necessario se torna uma acção forte e energica do Governo, appellando para a nação, afim de que nella firmado e nelle fiando, possa tentar a obra mascula, talvez herculea, do soerguimento das nossas finanças. Mas, como pôde o Governo achar esse firme apoio, se persiste o ambiente de mal-estar e desconforto, com a capital do paiz sob um persistente estado de sitio preventivo? Não ha de ser mantendo e fomentando as odiosidades, que deparará essa harmonia collectiva capaz de ambientar esse esforço inaudito, em que estado e acção têm de porfiar. Antes de reintegrado o povo na sua tranquillidade, por uma concessão mutua dos antagonistas e divergentes, não se poderá acreditar no exito desse tentame. A exigencia do sacrificio, aliás nobre e patriótico,

sobre ser humano, é imperioso e sem elle todo successo será precario, porque sem paz não ha meio de conjugar esforços para uma obra que necessita de todas as energias e de todas as vontades, sem vacillar, nem temer. E a base ha de ser a confiança. No entretanto, essa confiança é que desapareceu. Basta fixar um instante da vida actual, para que logo se verifique a sua inexistencia, testemunhada á evidencia tal, que dispensa provas e argumentos! Sentimos todos. No entretanto, já é tempo de nos lembrarmos que somos brasileiros e irmãos; que prolongar esse estado de cousas é obra impatriotica; que o Governo deve ser o primeiro a se interessar pela pacificação nacional, sem o que será inutil confiar na sua acção, pois que lhe falta o apoio da opinião publica, em sua totalidade retrahida e desconfiada. Esqueçam-se os homens do governo, da politica, da imprensa, das finanças de tantos odios e resentimentos e, pelo Brasil, reintegrem a nação no ambiente propicio de calma e de labor.

Leão Velloso

O poderoso jornalista, recentemente fallecido, era uma das mais significativas figuras de nossa imprensa, onde deixou o traço vigoroso de sua passagem. Effectivamente, Gil Vidal foi um dos nossos mais brilhantes polemistas, tendo sido dos primeiros a innovar na imprensa brasileira, os artigos ligeiros e incisivos, com argumentação convincente e logica accessivel, em estylo simples e sem inu-



Gil Vidal

teis atavios literarios. Por largos annos, a sua columna num de nossos diarios teve as melhores preferencias do publico e Gil Vidal foi um dos grandes mentores da opinião publica. Na campanha civilista, quando Ruy Barbosa agitou a consciencia nacional, numa reivindicacão sem precedentes, Gil Vidal foi um dos mais insignes generaes dessa peleja admiravel, a que deu um brilho desusado. Os artigos e sueltos dessa época são depoimentos vivos da memoravel luta, que se contará entre um dos raros exemplos de civismo na nossa Republica quieta e despreocupada. Era Leão Velloso tambem politico e professor de direito, mas a imprensa é que foi o seu grande ambiente e nella buscou a floração de seu formoso espirito.

A Industria em Sergipe

E' verdadeiramente promissor o desenvolvimento industrial em Sergipe. A industria extractiva no municipio de Aracajú, a fóra a dos oleos, é representada, sobretudo, pelas suas sa-

linas, as quaes, installadas, muito rudimentarmente permittem, mesmo assim, regular producção annual, como será facil verificar pelo quadro adiante exposto. As madeiras do municipio, sendo escassas, não permittem installações de serrarias, existindo uma unica, de propriedade do Sr. José Alcides Leite, com regular capacidade de producção, embora sejam as tóras e taboados importados de outros municipios e mesmo de Estados, principalmente do Paraná. A industria de tecidos é a que exerce influencia sobre a actividade dos habitantes, principalmente dos menos abastados. Dentre as principaes fabricas podemos destacar a denominada "Sergipe Industrial", com um capital de mil contos de réis. Esta fabrica, que emprega sobretudo, algodão do Estado, trabalha dia e noite, com cerca de 320 teares e 10.820 fusos, accionados por machina a vapor. Produz a "Sergipe Industrial" principalmente tecidos tintos e crus, occupando um total de 1.480 operarios. A fabrica "Confiança", com um capital de 1.800.000\$, distribuiu o ultimo dividendo á razão de 15 % Só trabalha em algodão e possui 300 teares, dos quaes, 260, com 8.300 fusos, occupando 600 operarios. As salinas resumem-se em pequenas barragens destinadas a reter as aguas das marés. São localizadas, sobretudo, nas margens do rio Sergipe e de seus braços, nos terrenos alcançados pelas altas das marés. No municipio existem 112 salinas, distribuidas em Getimana, Camarão, Toque, Barbosa, Candieiro, Cacimba, Sacco, Pouso d'Anta, Ilha do Rocha Bugio, Palame, Varzea Grande, Tramandahy, Gragerú, Raposa e Barra dos Coqueiros. Durante os ultimos quatro annos estas salinas produziram as seguintes quantidades de sal:

	Kilos
1918	8.000
1919	28.000
1920	5.100
1921	3.500

Durante o ultimo decennio o municipio e particularmente a cidade de Aracajú, capital do Estado, progrediu consideravelmente, contribuindo, para isso, entre outros factores, a alta dos productos agricolas e o augmento da exportação pelo seu porto, o de maior movimento de Sergipe. O porto de Aracajú exporta annualmente quantidade consideravel de productos agricolas, mas são productos vindos de outros municipios do Estado e não do municipio de Aracajú. Por esse porto são exportados: assucar, algodão em rama, arroz pilado e em casca, aguardente, côcos, couros, tabaco em corda, gado vaccum, oleos de algodão, de ricino e de côco, sabão, sal e tecidos de algodão, attingindo o valor do assucar e do algodão exportados a mais de quinze mil contos de réis. As feiras semanaes que existem no municipio são muito concorridas e nellas são expostos, desde os principaes productos de consumo forçado, até quinquilharias e artefactos curiosos.

Concurso litterario

O Sr. Samuel Nunez López, proprietario da acreditada "Libreria Espanola" acaba de abrir um concurso litterario, cujas bases damos a seguir. Antes, porém, queremos dizer todo o nosso entusiasmo e expressar todo o nosso louvor, a essa iniciativa, que visa estimular os novos escriptores, cooperando nobremente para o maior desenvolvimento das letras nacionaes. São estas as bases do concurso:

Themas:

a) Trabalho de imaginação: — Novella de typos e costumes brasileiros.

Extensão: de 160 a 200 folhas escriptas a machina, por um só lado, em papel de 28 x 21 1/2 centimetros cada uma, com 30 linhas de duplo espaço e tendo ao lado esquerdo uma margem de tres centimetros.

No thema de imaginação não serão admitidos senão os novos escriptores iniciados ou inéditos.

b) Trabalho de investigação: — Estudo crítico-litterario a respeito de escriptor brasileiro dos ultimos cincoenta annos, que tenha exercido influencia positiva na evolução da mentalidade nacional.

Extensão: nunca maior de 80 paginas, escriptas a machina, nas mesmas condições determinadas para os "trabalhos de imaginação".

Idioma — Os trabalhos apresentados só poderão ser em lingua portugueza.

Prazo — Para ambos os themas encerrar-se-á o prazo ás 6 horas da tarde de 30 de Abril de 1924.

Admissão — Os trabalhos apresentar-se-ão:

1) Caracterizados por um lemma e encerrados num enveloppe que traga o mesmo lemma pertencente a um intelligivel, por fóra, além de um simples declaração que indique a qual dos themas pertence: se ao de imaginação, ou se ao de investigação.

2) Acompanhados de outro enveloppe fechado, onde se escreverá o mesmo lemma por fóra e que contenha o nome e o domicilio do autor. (Não se permitem pseudonymos).

Assim individualizados, os trabalhos receber-se-ão na "Libreria Espanola", á rua da Alfandega n. 47, em qualquer dia util, das 10 da manhã ás 6 da tarde, mediante recibo, em que figure o lemma distinctivo e a data da sua entrega.

Classificação — O proprietario da "Libreria Espanola" nomeará um jury, composto de brasileiros, ou de brasileiros e um hispano-americano ou hespanhol, para que sejam examinados os trabalhos apresentados e conferidos os premios a quem de direito.

Premios a) Imaginação — premio unico: um conto de réis.

Esta quantia não será conferida a ninguem se o jury julgar que nenhuma das novellas apresentadas o merece.

b) Investigação: Premio unico: quinhentos mil réis.

Não será conferida esta quantia a ninguem se o jury entender que nenhum dos trabalhos apresentados a merece.

O premio que não fôr entregue a alguns dos concurrentes, entretanto, distribuir-se-á entre o Hospital Pro-Matre e o Hospital Hespanhol.

Direitos — O proprietario da "Libreria Espanola", Samuel Nunez López, ao premiar o trabalho de imaginação adquire o direito de propriedade sobre a sua traducção para o idioma castelhano e o fará traduzir por um litterato hespanol. Esse direito de propriedade perd-o-á, se dentro dos 12 mezes seguintes á data em que foi entregue o premio não der ao publico a citada traducção.

O autor premiado pelo trabalho de imaginação obrigar-se-á a ceder ao proprietario da "Libreria Espanola" um exemplar da novella que apresentou, escripto á machina ou impresso, para a sua traducção.

Abertura de envelopes — Ao serem entregues os premios abrir-se-ão os envelopes que contenham os nomes dos autores dos trabalhos premiados.

Os lemmas desses trabalhos, nomes de seus autores e premios conferidos publicar-se-ão em parte da imprensa carioca, logo que o permitta definitivamente o jury.

Devolução de envelopes — Uma vez publicada a entrega dos premios, os trabalhos não

premiados poderão ser retirados por seus autores.

O direito de retirar os trabalhos não premiados caduca ao fim de seis mezes, a contar da data da publicação dos premios.

Os direitos autoraes

Ha tempos o Sr. Xavier Marques, escriptor, academico, deputado pela Bahia, offereceu ao projecto definindo os direitos autoraes, uma emenda no sentido de se amparar e proteger o proletariado intellectual do paiz, que tem vivido ao desamparo, á mercê de exploradores de toda a sorte. Num dos ultimos dias do mez findo, encaminhando a votação do referido projecto, o illustre homem de letras e legislador pronunciou um magnifico discurso em defesa dos direitos sagrados de quantos tentam viver da penna neste paiz.

Depois de se referir ás relações jurídicas entre autores e editores, pergunta o Sr. Xavier Marques: "Mas em materia de contrafacção, que é que a lei considera como tal, podendo dar lugar a indemnização por perdas e damnos e a applicação das respectivas penas do Código? Contrafacções, no regimen da lei n. 496, de 1 de Agosto de 1898, são apenas: a) traducções em lingua portugueza de obras estrangeiras quando não autorizadas; b) reproducções, traducções, execuções, representações de obras já cahidas no dominio publico, nas quaes se façam alterações, acrescimos ou suppressões sem o formal consentimento do autor."

Eis o maximo de protecção concedida aos direitos do autor prepuamente de autor estrangeiro; porque ao nacional, como está claro na disposição acima extractada, o que se lhe garante é simplesmente um direito moral contra qualquer alteração que ferindo a integridade de sua obra poderia sacrificar-lhe a reputação litteraria, scientifica ou artistica. E essa mesma garantia se não é um lapso de legislador é uma burla da lei: pretendeu-se com ella escudar contra alterações, acrescimos ou cortes não consentidos formalmente pelo autor de obras que já transpuzeram o prazo da garantia legal, o que só se verifica depois de cincoenta annos a partir de Janeiro do anno em que se fez a publicação, isto é, quando o autor provavelmente já não existe."

Diz em seguida que o "Codigo Civil, menos lacunoso, tem o defeito de abstrahir dos direitos do autor para zelar muito mais os interesses e direitos do editor. Não desconhece o contrato de edição, mas parece ignorar que "a publicação de uma obra litteraria interessa o mais das vezes não menos á fortuna que á fama do autor, e que os interesses deste são algumas vezes oppostos aos do editor". O Codigo Civil dilatou o prazo da protecção legal aos direitos autoraes. Reconhece ao autor o direito exclusivo de reproduzir a sua obra e aos herdeiros e successores o gozo desse direito pelo tempo de sessenta annos a contar do fallecimento do autor.

Arma o autor ou o proprietario da obra contra as reproducções fraudulentas, dando-lhe o direito de requerer a apprehensão dos exemplares reproduzidos sem prejuizo da indemnização de perdas e damnos. No conceito de reproducção fraudulenta não estão, porém, com-

prehendidas as fraudes que mais frequentemente victimam os direitos e interesses dos autores. Se a retribuição destes fica dependendo do exito da venda da obra, é obrigado o editor a apresentar-lhes a sua conta; e se esgotada a ultima edição, o editor com direito a outra, não a leva a effeito, póde o autor intermal-o judicialmente a fazel-o dentro de certo prazo, sob pena de perder aquelle direito.

Refere-se á partilha dos editores, um dos capitulos mais tristes das relações affirmativas que "não são essas as unicas vantagens asseguradas aos editores; a sua maior protecção está no silencio da lei. E' nesse silencio que se consummam os grandes abusos lesivos dos direitos autoraes. Affirma que o maior defeito da nossa legislação é não ter no devido apreço as garantias pecuniarias do autor." Diz que "ainda hoje, entre nós, verificam-se casos de cessão de direitos autoraes que são perfectas trocas. Escriptores altamente reputados e pobres se despojaram assim do unico bem que lhes poderia mitigar a pobreza".

"Nem o Codigo Civil assegura aos autores os meios tendentes á verificação da tiragem das obras contratadas com o editor."

Refere-se ao registro das obras na Bibliotheca, lembrando uma entrevista de Pedro Lessa sobre o abuso das tiragens superiores ao ajustado nos contratos de edição, dizendo-se de accordo com o saudoso jurista.

Voltando a fallar do parecer de Pedro Lessa, que estava de inteiro accordo com o orador, o Sr. Xavier Marques estuda o que a respeito tem firmado a legislação comparada. E conclue: "Ainda não é tudo quanto a pratica, a doutrina e a jurisprudencia aconselham ao legislador actual em materia de propriedade litteraria. Haveria que regular outros pontos para que a nossa legislação especial correspondesse á importancia e complexidade do assumpto. Assim, dado que o objecto do contrato de edição é, não a obra, mas o direito de publicação com a obrigação correlativa de publicar, cumpriria impedir, para garantia do autor, que o editor cessionario daquelle direito pudesse procrastinar indefinidamente a publicação do manuscrito. Concedido o direito de publicar, conviria distinguir as varias formas de publicação, de sorte que uma edição popular, ainda quando inesgotada, não fosse obstaculo a que o autor contratasse uma edição illustrada ou uma edição de luxo. Nos proprios casos de venda da propriedade devia ficar estatuido que ao adquirente não assiste a faculdade de guardar a obra, de subtraí-la á publicidade, o que importaria a sua suppressão, e com isto, parece-me, a maior lesão que poderiam soffrer os direitos moraes do autor, que os não renuncia em caso algum.

Mas seria avançar muito. E eu tinha que respeitar a seára dos competentes.

Acredito, entretanto, que no pouco a que se reduz a emenda com que me permite colaborar improvisadamente no projecto n. 256, está o essencial e o que mais urge, entre nós, no tocante aos direitos pecuniarios dos autores."

O discurso do Sr. Xavier Marques é uma peça notavel e que impressionou vivamente as rodas intellectuaes do paiz.



A VICTOR VICTROLA

REPRESENTA UM THEATRO

Adquirindo um destes instrumentos fechará um contrato permanente com os mais afamados artistas do mundo. Peça uma demonstração pratica.

UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRASIL

PAUL J. CHRISTOPH & C^{IA}

98 RUA DO OUVIDOR, 98.

RIO DE JANEIRO

Portugal

Momento português

Do discurso de posse, perante o Parlamento, do Presidente Teixeira Gomes, extrahimos estes trechos, cuja importancia não é preciso encarecer:

"A politica externa, adoptada pela Republica, tem merecido o applauso da Nação inteira. A mais e mais nos temos approximado do Brasil, cujo povo, pela consaguinidade e pelo sentimento, é o mais afim do povo português. Não se têm poupado esforços para que as nossas relações com a Espanha se estreitem, como deve succeder entre nações limitrophes e amigas, sobretudo nos casos, como este, de reciproca e sincera estima. Com a França e a Italia a nossa participação na guerra creou essa nobre camaradagem que garante as amizades eternas. Mantemos excellentes relações em todas as nações do mundo e nos Estados Unidos da America os densissimos nucleos de emigração portuguesa consolidam a profunda sympathia que sempre nos ligou á grande Republica. Quanto á Inglaterra, cuja alliança tem por muitos seculos servido de base á nossa politica externa, as provas de estima, recebidas ultimamente pelo paiz, nas honras prestadas á pessoa do Presidente eleito bas-

pelo constitucionalismo e pela Republica, que a crise politica em Portugal nunca attingirá nem de leve, o exercicio das instituições parlamentares. Fio tambem desse mesmo povo que trabalhará sem descanso para fortalecer essas instituições, dignificando-as."

A proposito do novo presidente, a *United Press* forneceu o seguinte e interessantissimo communicado:

"Teixeira Gomes, o novo Presidente da Republica, marca um lugar á parte na galeria dos Chefes do Estado. A sua figura, sobre a qual politicos e jornalistas desenharam um grosso e talvez, negro ponto de interrogação, começa a ser conhecida pelo paiz.

A principal disposição do novo presidente, é intervir tanto quanto as funções do seu cargo lhe permittem na vida politica do paiz!

Quer ser, supponho, não um presidente decorativo, bom para os dias de regosijo nacional, bom para os dias de gala, festas na Ajuda e vinda de Reis, mas sim como presidente que quer conhecer a vida do paiz, guiando-a, aconselhando-a, dirigindo-a.

A sua estada em Londres, junto da corte de S. James, deu-lhe aquella linha de elegancia diplomatica, de finura, de corre-



Julio Dantas, novo ministro dos Estrangeiros de Portugal

lo, procura-o em casa e tanto lhe disse, que um quarto de hora depois o ministro mudava de opinião.

Recebeu já os directorios de todos os partidos politicos. Um delles — o radical — que não tem representantes no Parlamento, apresentou-se-lhe devéras numeroso, ainda que a maioria dos membros que o constituíam, ignorassem da politica o que ella tem de mais profundo e de mais necessario. Teixeira Gomes não se satisfez com as explicações de um só delegado. Quiz que todos falassem.

Deram-lhe respostas interessantissimas, porventura, não despidas de comico e de ignorancia que elle annotou em canhenho.

Teixeira Gomes não deixou de ser diplomata. Apresenta-se sempre elegantemente vestido, falando como se ainda estivesse em Londres, nas Secretarias do Ministerio dos Negocios Extranjeros.

Antonio José d'Almeida

Numa das suas chronicas enviadas para *O Imparcial*, o Sr. João de Barros escreve, a proposito da attitude politica do Sr. Antonio José d'Almeida, mostrando que Portugal reclama o estadista illustre que acaba de presidir os seus altos destinos, para governar e orientar a Nação. Desse interessante artigo extrahimos os seguintes trechos que bem fixam o ambiente que cerca o preclaro cidadão:

"O Dr. Antonio José d'Almeida, desde que deixou a presidencia da Republica, está mais do que nunca — ou, melhor, continúa a estar — em evidencia politica. A maneira como esse eminente cidadão dirigiu o paiz durante o seu difficil e arduo quadriennio, a sympathia unanime que a sua attitude conquistou em todas as classes sociaes, o carinho que envolveu o seu nome nos tempos da propaganda republicana e que não afrouxou ainda — collocam-no numa situação especial e excepcional. Elle demonstrou uma tão equilibrada e justa visão dos homens e dos acontecimentos, como Presidente da Republica, que não é de extranhar que desejem vê-lo outra vez numa posição de mando — governando e orientando a Nação. E' o que, segundo creio, acontecerá. E nada me admirarei se, em breve, dentro de tres, quatro, cinco mezes, o telegrapho para ahí levar a noticia de que o Sr. Teixeira Gomes encarregou o Sr. Antonio José d'Almeida de organizar ministerio, com plena liberdade para escolher os seus collaboradores e para traçar as directivas da sua acção.

A propheta, pôde, talvez, deixar de realizar-se. Mas as suas probabilidades de realização accentuam-se dia para dia, porque, de facto, o paiz reclama e exige um governo de altas personalidades republicanas, com um programma de rapidas soluções para a crise economica e financeira. E, para presidir a esse governo, ninguém, melhor do que o Dr. Antonio José d'Almeida, está indicado e é desolado."



(«Croquis» de Menezes Ferreira)

PRESIDENTE TEIXEIRA GOMES

(Desenho de Menezes Ferreira)

tariam, se outras razões não houvesse, para provar os excellentes termos em que os dous paizes vivem. E' esperanza minha, é certeza minha, que esta alliança continuará indefinidamente a servir de base á nossa politica externa e ufana-me que o meu paiz trabalhe para o progresso e a civilização da humanidade de mãos dadas com a Grã-Bretanha.

E' quasi angustiosa a crise que atravessam todas as nações europeas que entram na Grande Guerra: crise financeira, crise economica, crise politica; de todas essas crises padecemos nós tambem. Tão vastos são, porém, os recursos naturaes da nossa abençoada Patria, que se me afigura facil vencer as duas primeiras, por pouco que nos unamos para as debellar. Fio do patriotismo do povo português, do seu ardente amor á liberdade, da sua coragem em defender as regalias conquistadas á força de sacrificios e á custa de tanto sangue

ção, que o fizeram o digno successor de Soveral, que muito o ajudou no seu posto.

Para que o publico do Brasil comprehenda o novo presidente, necessario se torna analysar-lhe o feito em dous ou tres factos interessantes. Uma das caracteristicas do Chefe do Estado: é a pontualidade.

Nas festas de 5 de Outubro, houve uma recita de gala no theatro de S. Carlos. Era ás 21 horas. A essa hora, mathematicamente, o novo Chefe do Estado entrou, verificando que a pontualidade portugueza tem sempre mela hora de atrazo. A sala de espectáculo estava quasi deserta.

Teixeira Gomes gosta de andar sósinho. De manhã, dispensando os ajudantes que o protocollo lhe concede, sahe de Belém e vai para a Tapada da Ajuda, falar com os jardineiros, perder-se em longas meditações. Ha tempos, como um ministro quizesse comprometter o Governo com uma decisão forçada, Teixeira Gomes contra o protocolo

REPERTÓRIO



A frota mundial

O Lloyd's Register para o anno de 1923 a 1924, traz curiosas informações sobre a marinha das principais potencias maritimas. Em Junho de 1923, a frota commercial mundial compunha-se de 33.500 navios de mais de 100 toneladas brutas e deslocando 66.166.000 toneladas. Em 1922, o total da tonelagem era de 64.271.000 e em 1921 de 61.975.000. Assim, a frota mundial augmentou de 795.000 toneladas durante o anno terminado a 30 de Junho e de 3.191.000 nos ultimos dois annos. Na tonelagem total registrada a 30 de Junho, os veleiros não representavam senão 2.850.000 toneladas, havendo uma diminuição de 200.000 toneladas. Em 1914, a marinha á vela ainda era de 4.000.000 de toneladas; hoje é de menos de 1.500.000. Os Estados Unidos ainda possuem 1.260.000 toneladas de veleiros; depois vem a França com 284.000; a Noruega com 176.000; a Grã-Bretanha com 166.000 e a Italia com 153.000. Quanto aos navios a vapor e de motor, contando sómente os de aço e ferro, o seu total é de 57.939.000 toneladas em 1923 contra 54.217.000 em 1920 e 42.514.000 em 1914. Assim, apesar de todos os prejuizos da guerra, o augmento total foi grande devido ao desenvolvimento das marinhas dos Estados Unidos, Japão, França, Italia, Hollanda e da Inglaterra, que manteve um total maior do que antes da guerra. Damos abaixo o quadro do total da tonelagem dos navios de ferro a vapor, de pelo menos 100 toneladas, antes da guerra e em Junho ultimo:

Em milhares de toneladas:

	Junho		Diferença
	1923	1914	
Grã-Bretanha e Irlanda	19.077	18.877	+ 200
Estados Unidos	12.416	1.837	+ 10.579
Japão	3.402	1.62	+ 1.760
França	3.265	1.918	+ 1.347
Italia	2.788	1.428	+ 1.360
Hollanda	2.606	1.471	+ 1.135
Allemanha	2.496	5.098	- 2.602
Noruega	2.299	1.923	+ 376
Dominios Britannicos	2.219	1.407	+ 812
Hespanha	1.169	883	+ 286
Suecia	1.092	992	+ 100
Dinamarca	920	768	+ 152
Grecia	743	820	- 77
Belgica	600	341	+ 259
Austria		1.052	- 1.052
Outros países	2.847	2.057	+ 790

A proporção do augmento da marinha inglesa foi apenas de 1%, quando a dos Estados Unidos atingiu a 575%. É preciso, entretanto, não esquecer que a Inglaterra teve de reparar os prejuizos da guerra submarina, tendo intensificado sua construção para não perder sua antiga posição. Um facto importante que merece um registro especial é o augmento do uso do petroleo e portanto, dos motores de combustão interna. A tonelagem dos navios de ao menos 1.000 toneladas

destinados ao petroleo em cisterna, elevava-se a 30 de Junho de 1922 a 5.160.973 toneladas, sendo 312 unidades, representando 1.691.257 toneladas registradas na Grã-Bretanha e 399 unidades e 2.497.625 toneladas nos Estados Unidos. Para avaliar a importancia crescente de uso do petroleo, o declinio da vela e a decadencia relativa do carvão, basta comparar as cifras reproduzidas a seguir:

Porcentagem da tonelagem mundial

	1914	1923
Propulsão a vela	8.06	4.34
Navios de petroleo com motores de comustão interna	0.45	2.56
Combustivel liquido nas caldeiras	2.65	24.23
Emprego de carvão	88.84	68.87

Assim, ha uma transformação que se accentua e que esse confronto revela. Vê-se assim, o grande esforço de reconstituição e se registra o emprego crescente de novos combustiveis. O Brasil é tambem uma potencia maritima, a primeira da America Latina, com cerca de 500 mil toneladas. Isto mostra as nossa responsabilidades no fomento e protecção da nossa marinha mercante.

A authenticidade dos Rembrandts

O critico norte-americano, John C. Van Dyke, professor de arte e de archeologia do Rudger College do Estado de Nova York, acaba de afiançar que dentre os numerosos Rembrandts, cuja posse enche de orgulho muitos paizes e colleccionadores, apenas 35 seriam authenticos, não passando os outros de quadros de discipulos, ou mesmo falsificações. Assim, o Museu Metropolitano de Nova York, dos seus 15 Rembrandts, só possuía um verdadeiro; a National Gallery, de Londres, 4 sobre 21; o Louvre, de Paris, 4 sobre 24. O Kaiser Friedrich Museum, de Berlim, não possui nenhum authentico. A opinião do professor yankee foi recebida com reservas, uns a julgam menos autorizada, outros a envolvem em zombaria. O problema não é sem difficuldades e a maior dellas está, porventura, na sinceridade com que os "logrados" confessariam o seu logro...

Os partidos políticos na Allemanha

Emquanto nós brasileiros vivemos attribuindo muitos de nossos males á falta de partidos politicos, os allemães se queixam do excesso, confirmando mais uma vez a realidade de todas as cousas... No Reichstag, dos 469 deputados, apenas um não tem partido, dividindo-se ou outros 468 em 11 partidos, mais ou menos intransigentes, procurando os politicos mais cordatos fundir os grupos mais aproximados, de sorte que possa haver melhor harmonia e mais forte cohesão. Ha mesmo um constante appello para a "união das frentes", até agora perdido na diversidade dos grupos partidarios. Pela constituição actual do Reichstag, os partidos estão assim representados:

Nacionalistas allemães	3
Nacionaes allemães	67
Populares allemães	65
Allemaes de Hanower	2
Populares bavaros	20
Centro	72
Liga dos camponeses bavaros	4
Democratas	40
Socialistas unificados	180
Socialistas independentes	2
Comunistas	13
Sem partido	1
Total	469

Nenhum partido tem, pois, maioria no Reichstag, estando mesmo os socialistas unificados, que dispõe de maioria em relação aos outros grupos, em grande maioria, no computo geral. De sorte que os Governos, para se manter, precisam de uma politica de alliança, sendo-lhes impossivel viver com uma exclusiva cor partidaria.

Potencialidade militar aerea

Em Julho deste anno, era a seguinte a força militar aerea das grandes potencias:

França:

Aviões de primeira linha, 1.562; esquadrihas, 174; e pessoal, 37.730 homens.

Estados Unidos:

Aviões de primeira linha, 630; esquadrihas, 48; e pessoal, 14.446 homens.

Inglaterra:

Aviões de primeira linha, 408; esquadrihas, 34; e pessoal, 29.306 homens.

Italia:

Aviões de primeira linha, 370; esquadrihas, 37; e pessoal, 8.000 homens.

Japão:

Aviões de primeira linha, 330; esquadrihas, 33; e pessoal, 5.000 homens.

A esquadriha norte americana é de 12 aviões, no Exercito, e de 18, na Marinha; a italiana, de 10; a inglesa, de 12; a japonesa, de 10; e a franceza de 9. Faltam dados sobre a Russia, mas sabe-se que a sua força é poderosa. São as seguintes as encomendas para 1924 e 1925, conhecidas:

França:

Aviões de primeira linha, 1.800; esquadrihas, 200, para o anno de 1924. Para o anno de 1925, mais 2.000 aviões de primeira linha; esquadrihas, 200.

Inglaterra:

Aviões de primeira linha, 600; esquadrihas, 50, para 1924. Em 1925, mais 1.000 aviões de primeira linha; esquadrihas, 84.

Italia:

Aviões de primeira linha, 720; esquadrihas, 72, para 1924.

A França emprega quatro esquadrihas de aviões, ou sejam 36 aparelhos com a esquadra. A Inglaterra emprega quatro esquadrihas, ou sejam 48 aviões. Os Estados Unidos empregam 9 esquadrihas com sua esquadra, ou sejam 108 aviões. O Japão tres esquadrihas, ou 30 aviões. A Italia nenhuma.

A revolução na Hespanha

Qual o seu significativo? Eis a ardente indagação em torno de cuja resposta os sociologos e politicos porfiam, nesta hora inquietante, em que os acontecimentos violentos e rapidos desconcertam todas as formulas pré-fixadas, numa aparente violação da theoria dos pactos historicos. É que ainda não se encontrou a resultante das forças esparsas e fortes que actuam sobre o mundo, na grande renovação moderna, que assistimos assombrados. A Italia, a Turquia, a Hespanha, a Allemanha, soffrem nesta hora transições violentas, na ancía de uma perfeição, que as deslumbra e apavora porque ha temor de que a visão do horizonte seja ape-

nas miragem... Que significa esse golpe de Primo de Rivera? que pretende o emulo de Mussolini e de Mustaphá-Kemal? Foram essas as perguntas que o Sr. Joaquim Manso, do *Diário de Lisboa*, formulou a Ortega y Gasset, o poderoso escriptor hespanhol, que é hoje uma das expressões mais fortes da mentalidade do seu paiz. Dessa interessante e suggestiva entrevista, transcrevemos esse trecho, que revela, aliás, a incerteza do illustre ensaista, quanto ás perspectivas do novo estado de cousas:

— Como vê este predomínio das espadas?

— Eu lhe digo... Os nossos generaes ignoram o alcance do seu gesto. O que elles fizeram excede talvez as suas intenções.

— Em vez de mandar, foram mandados...

— Aproximadamente. Julgam que obedeceram a uma livre determinação, revoltando-se, mas não é assim. Toda a Europa perdeu o seu equilibrio com a guerra. A civilização subverteu-se. Os povos necessitam de estabilizar-se noutras bases, por enquanto problematicas. O nosso movimento militar é um simples episodio, um arranque para vencer uma situação penosa, mas geral.

— Ainda ninguém me apresentou a questão sob este aspecto. Os seus generaes estão convencidos de que guardam nas suas mãos os destinos da Hespanha.

— Ilusões que depressa não de passar. A Biblia, dizem os theologos, é um compendio de toda a verdade — a verdade salvadora e eterna. No entanto, é necessario interpretar-a lentamente, para que a vida divina que nella dorme, desperte e illumine e fortifique os crentes. Com a nossa revolução, temos que fazer o mesmo. Os generaes trazem num programma a salvação de Hespanha. Nós, porém, os que não desejamos ser victimas de apparencias, devemos medital-o com attenção, pois só assim penetraremos o mysterio que está por detraz delle.

— E esse mysterio é?...

— A crise da democracia que evoluciona para formas mais adivinhadas que conhecidas. O parlamentarismo, as virtudes de suffragio universal, a obsessão dos direitos politicos sem garantia economica são fetiches ameaçados de ruina.

— Nesse caso, a Hespanha mussolinisa-se?

— Não affirmo tanto. Mas existe aqui a mesma inquietação que percorre a Italia, Turquia e outros paizes que se remodelam. Ninguém escapará ao mal do seculo. A propria Inglaterra, tão calma e prudente, padecerá as suas dores.

— Segundo o manifesto de Primo de Rivera, a Hespanha regressa á sua honrada tradição conservadora...

— Não se fie nisso, absolutamente. Entendo que as modernas revoluções não são esquerdistas nem direitistas. Traduzem simplesmente necessidades vitales. A democracia quer reorganizar-se não attendendo ás mesquinhas brigas e interesses transitorios dos homens.

— E como calcula que se fará a revolução? Pela violencia ou pacificamente?

— Nós avangamos para a suppressão gradual do capitalismo. Esta transformação virá a levar ainda muito tempo. Ha uma grande obra de preparação e educação a realizar. O exemplo da Russia convence os mais teimosos. Sem cultura, não ha revolução que triunphe. A acção directa, como meio de ataque ao existente e processo de propaganda, falliu ha bastantes annos. As baixas camadas encontrarão o seu lugar na cidade economica, mas depois de desbastadas da barbarie que as entrega ainda á cegueira do instincto

Mas, indagámos nós, como fazer a cultura da revolução? Será a revolução função de ordem, dessa ordem tão almejada, que tranquillizará os povos? A humanidade não se aperfeiçoa, mas precisa repouso depois das grandes crises, em que os homens se modificam, pelo amor ao movimento.

As aspirações da mocidade allemã

Regina Zabloudowsky, estuda no *Mercure de France* o momento actual da mocidade allemã. Os annos que precederam a guerra, escreve a articulista, foram na Alemanha um periodo de tensão extraordinária e, ao lado

do desenvolvimento enorme da força allemã, notava-se o augmento da influencia do imperio no mundo. Observava-se, parallelamente, a tendencia do estado para tomar um lugar cada vez maior na vida do paiz e a pressão que exercia sobre o individuo para nascer um conflicto entre elles. Esta tensão se fazia mais particularmente sentir na mocidade, a parte mais facil de impressionar da população e que reflecte as tendencias mais variadas e muitas vezes contraditorias do meio. A guerra e a revolução que a seguiu augmentou ainda mais a fermentação dos espiritos. Viu-se a inefficiencia da machina social e dahi um grande esforço de renovação por toda parte.

E' na mocidade que se nota com mais força a influencia da catastrophe material e moral. Ha nella uma desorientação completa; não quer mais seguir o mesmo caminho e não existe nenhuma nova via por onde possa enveredar. Por isso vemos varios grupos sociaes rivalisarem os esforços para conquistar o espirito da geração que vem. Produz-se actualmente uma verdadeira batalha pela *Weltanschauung* (modo de conceber a vida). A noção que a reconstrução da Alemanha será obra aos jovens, que elles determinarão os destinos da Alemanha nos proximos lustros, empresta a essa luta um caracter singular de paixão e intensidade.

O movimento que ora vemos avolumar-se, nasceu em 1904. Começou pela mocidade burgueza, sendo depressa acompanhada pela mocidade operaria. Em 1913, os grupos pertencentes a esses dous grandes ramos reuniram-se numa immensa manifestação que deixou patente a unidade de vistas da mocidade allemã, num grande movimento. O seu objectivo era libertar-se da influencia avassaladora e deprimente das cidades, e levar-a para a natureza, para uma concepção mais sã da vida e principalmente para crear, ao lado do typo humano uniformizado pela tyrannia do Estado, que tudo nivelava, na intelligencia como na sensibilidade, typos pessoases, livremente desabrochados na expansão maior do individualismo. É a personalidade dessa especie que aspira a Alemanha actual e principalmente a mocidade allemã. Por toda a parte se nota o desejo de vêr, a frente do paiz, um verdadeiro chefe, que venha impôr a sua vontade ás massas desorientadas. Essa necessidade de ter um chefe, faz com que cada grupo tenha o seu, incondicionalmente obedecido, o que demonstra que o principio de ordem e de obediencia está tão fortemente enraizado na Alemanha, que mesmo esses innovadores não o afastaram.

A reacção da mocidade contra o systema de educação implantado pelo imperio é muito forte. A nação historica baseada sobre os factos dynasticos, ella quer mais larga, mais humana, que considere principalmente na historia dos grandes factos sociaes e moraes da vida dos povos. O governo comprehendeu a necessidade de reformar o ensino, mas um semelhante trabalho exige muito tempo e a mocidade é impaciente, não quer esperar. Dahi essa campanha energica dos governos.

Taes são as aspirações da mocidade allemã. A realização, todavia, parece ainda longinqua. Não ha um ideal que a dirija. Todas as tendencias se encontram juntas, num chaos formidavel. As novas vias que parecem descobrir são caminhos batidos. Uns seguem Rousseau, outros Tolstoi, outros Buddha. Alguns voltam ao romantismo, outros á idade média e mesmo á antiguidade. A tendencia profunda de todos é o desejo de descobrir um salvador, um Messias... mas o Messias não vem e a mocidade permanece na sua confusão anelosa.

Essas aspirações, lançadas na massa do paiz, têm o fim de todo movimento, cuja fonte é de elevada inspiração, perdem a sua elevação. Dahi uma série de experiencias disparatadas, muitas das quaes francamente desmoralizadoras. O que mais sobressae nesse movimento joven é o desperdicio de forças intellectuaes. Tudo é theoria, sonho, metaphysica. O que caracteriza, em summa, esse movimento, é que não é um fim, mas o inicio de algo que ainda não se delineou e continua obscuro e confuso.

O consumo mundial do algodão

Tudo quanto se sabe e se publica a respeito do algodão, continua a indicar que o seu consumo cresce, sem que se manifeste um accrescimento correspondente, na produção.

Pelas estatisticas publicadas no "Annual Cotton Handbook", de Comtelbuco, Limited, Londres, 1923, é facil comparar o enorme augmento do consumo.

Nos ultimos treze annos, o consumo, não total, das 7.000 fabricas recenseadas subiu muito, prometendo maior procura quando os mercados se normalizarem. Tem sido o seguinte o consumo dessas fabricas:

ANNOS	FARDOS
1910	19.335.000
1915	22.574.000
1919	23.121.000
1920	21.564.000
1921	19.118.000
1922	19.335.000
1923	21.393.000

Nos paizes europeus que não tiveram augmento de territorio, esses dados accusam decrescimo, mas, como é provavel um recrudescimento, é essa situação que justamente prognostica um alargamento completo de procura.

A Grã-Bretanha, que consumia, em 1910, 3.282.000 fardos, passou a manufacturar 3.881.000, 1913, 2.725.000 em 1919, 3.434.000 em 1920, época de movimento ainda extraordinario, mas cahiu a 2.080.000 em 1921, 2.835.000 em 1922 e 2.668.000 em 1923.

Na França, pela readmissão das providencias perdidas em 1871, augmentou o consumo em 1923, pois foi de 1.060.000 em 1922, 899.000 em 1921, 732.000 em 1920, 666.000 em 1918, 1.120.000 em 1915 e 850.000 em 1910.

A Hollanda e a Belgica absorveram 245.000 fardos em 1910, 355.000 em 1915, 355.000 em 1915, 380.000 em 1920, 303.000 em 1921, 303.000 em 1922, e 325.000 em 1923.

A Alemanha fiou nas suas fabricas 1.980.000 fardos em 1910, 1.980.000 em 1915, 1.980.000 em 1919, 374.000 em 1920, 850.000 em 1921, 1.000.000 em 1922 e 1.082.000 em 1923.

Na Scandinavia, as fabricas empregaram 142.000 fardos em 1910, 142.000 em 1915, 75.000 em 1919, 152.000 em 1920, 85.000 em 1921, 106.000 em 1922 e 115.000 em 1923.

As fabricas da Polonia trabalham 252.000 fardos em 1910, 325.000 em 1915, 325.000 em 1919, 40.000 em 1921, 295.000 em 1922 e 360.000 em 1923.

Na Finlândia, o consumo passou de 46.000 fardos em 1910, de 30.000 em 1915, de 9.000 em 1919, de 25.000 em 1920, de 31.000 em 1921, de 31.000 em 1922, a 32.000 em 1923.

A Austria, que consumia com o seu territorio de então 841.000 fardos em 1910, 912.000 em 1915, passou a empregar 212.000 em 1919, 212.000 em 1920, 170.000 em 1921, 03.000 em 1922, 107.000 em 1923.

O consumo da Tcheco-Slovaquia, que foi de 700.000 fardos em 1919, 700.000 em 1920, e 209.000 em 1921, calculou-se em 273.000 em 1922 e 332.000 em 1923.

As fabricas suissas manufacturaram 97.000 fardos em 1910, 99.000 em 1915, 57.000 em 1919, 95.000 em 1920, 80.000 em 1921, 80.000 em 1922 e 80.000 em 1923.

A Italia absorveu 737.000 fardos em 1910, 850.000 em 1915, 1.000.000 em 1919, 880.000 em 1920, 800.000 em 1921, 800.000 em 1922 e 700.000 em 1923.

A Hespanha e Portugal trabalharam 360.000 fardos em 1910, 426.000 em 1915, 440 mil em 1917, 440 mil em 1920, 450 mil em 1921, 396 mil em 1922 e 380 mil em 1923.

Se na Europa as perturbações de mercados provenientes da guerra collocaram o consumo numa situação de inferioridade á de 1910, na America e na Asia isso não se verificou. As fabricas dos Estados Unidos precisaram em 1923 de 7.459.000 fardos, contra 6.275.000 em 1923, 6.216.000 em 1921, 6.457.000 em 1920, 6.775.000 em 1919, 5.981.000 em 1915 e 5.007.000 em 1910.

O Canadá, que consumio 124.000 fardos em 1910, cresceu a 185.000 em 1915, 202.000 em 1919, 222.000 em 1920, 158.000 em 1921, 201.000 em 1922 e 207.000 em 1923.

Na India, o consumo passou de 1.935.000 fardos em 1910, e 2.044.000 em 1920 a 2.209.000 em 1922.

O Japão, que necessitava de 881.000 fardos para as suas fabricas em 1910, absorveu 1.284.000 em 1920 e 2.403.000 em 1922.

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Os médicos na Alemanha

Accentua-se a crise para os médicos alemães. As dificuldades de vida no país, obrigam a todos se associarem em qualquer assistência médica, de sorte que a clientela particular mingua, obrigando os facultativos a diminuir os seus honorários, porque a retribuição das caixas de assistência é pequenissima. Os médicos-clínicos não podem acompanhar as flutuações do marco, daí a miséria. Além disso, o numero delles é enorme. Em 1921-22, formaram-se 3.876, contra 2.221 em 1920-21. Berlim tem 12 médicos por 1.000 habitantes. Munich, 20 e Wiesbaden, 35. As associações de classe não podem equilibrar a situação e varios escultores preferem o commercio e a industria á sua profissão. Os centros medicos, que têm estudado o assumpto, propuzeram varias medidas entre as quaes a constante do voto da Conferencia de Médicos do Partido Socialista, para adopção de um systema que tornaria os médicos funcionarios publicos, remunerados pelo Estado. No Landtag bavaro foi apresentado um projecto de lei, cogitando melhorar a existencia dos médicos, cuja situação cada dia se torna mais grave e mais precaria.

Bonar Law

Andrew Bonar Law, o illustre homem politico inglez, teve grande influencia na alta administração e na vida parlamentar de seu país.

Nascido no Canadá a 16 de Setembro de 1858, mas negociante em Glasgow, onde se educou, depois de ter subido na sua carreira, de ser dos maiores metallurgistas de sua cidade, entrou na vida politica, sendo eleito *Mayor* e depois Deputado á Camara dos Communs. O que caracterizou desde logo a sua acção politica foi o novo aspecto que deu ás idéas dos Conservadores, a cujo partido se filiou.

Esse rude burguez, universitario que mais parecia negociante que aliás sempre fora, que era um *debater* frio e sizado, gostando mais dos algarismos, dos confrontos serios do que das explanações rhetoricas, impressionou na Camara, Adherio ás idéas proteccionistas de Chamberlain, entrou para o Governo pelo successo de seus discursos nesse sentido, tendo occupado cargos de Sub-Secretario. Depois da victoria dos liberaes, a sua importancia cresceu, passou a *leader* da opposição parlamentar, centralizou nas suas mãos a *machina* do partido, e em pouco tempo ficou dos homens mais notaveis da politica ingleza. Secretario das Colonias no Gabinete de colligação da guerra, occupou em 1916 a pasta das Finanças, a chancellaria do Thesouro, e nesse caracter teve de arcar com um dos periodos mais agudos da guerra.

A sua acção não desmentio as grandes tradições da politica britannica. Subsidiou todo o esforço militar e naval tanto quanto possivel com o producto dos impostos, apellando em proporção muito menor do que outro qualquer Governo para os emprestimos e as emissões de papel-moeda. Por isso, continuando essa politica, a Inglaterra restabeleceu rapidamente depois da guerra as suas finanças e o seu commercio, valorizando a sua moeda.

Doente, o Sr. Bonar Law abandonou o Governo em 1919 e depois a "leadership" da Camara dos Communs.

Entretanto, depois não se apartou com a politica de colligação formada durante a guerra e dirigida pelo Sr. Lloyd George.

Retirado quasi á vida privada, embora conservando a sua cadeira no Parlamento, o Sr. Bonar Law ancou então em discursos e cartas sensacionaes a politica do Sr. Lloyd George quanto ás finanças na Europa, ás questões da Irlanda, á diplomacia geral, e á politica interna.

Da política de supplicar a chegada o momento em que os conservadores governarem só-

zinhos, porque os liberaes do Sr. Lolyd George tinham outros methodos e eram a minoria. O Sr. Lloyd George teve de abandonar o Governo, o Sr. Bonar Law constituiu um gabinete puramente conservador, cuja direcção largou depois ao Sr. Baldwin por motivo de saúde.

Foi um estadista probo, sério, construtor. Foi dos que mais contribuíram para a lei de salvaguarda das industrias, para a politica financeira, para a deflaccão depois da guerra, para a solução do problema da Irlanda e para a nova ordenação da politica ingleza na Europa, no Oriente. A sua obra financeira foi um modelo de clareza e de eficiencia, mostrando como o antigo presidente do Glasgow Iron Trade Association se transformou facilmente no *debater* invencível, no Ministro das Finanças celebre, no delegado á Conferencia da Paz em Paris, no Ministro do Commercio, no *leader* de seu partido e num dos chefes de seu grande país.

A sua educação deu ao seu caracter aspectos modernos e fez com que encarasse com simplicidade franca todos os assumptos. Foi das primeiras figuras da politica ingleza nos ultimos quinze annos.

A fortuna de Stambouliski

Uma comissão de inquerito, composta por um juiz de instrucção, um funcionario da fazenda, do representante do commando militar de Sophia e dois funcionarios do Banco Nacional da Bulgaria, fez uma apuração da fortuna deixada por Stambouliski, o famoso dictador agrario da Bulgaria. Terminados os trabalhos, verificou-se que, afóra papeis de credito, a fortuna de Stambouliski era de 57.000.000 de liras bulgaras, convertido em moeda desse país as sommas seguintes:

Francos suíços, 1.941.200; francos francezes, 187.050; corôas tcheques, 15.500; libras esterlinas, 620; dollars, 20; leis rumanicas, 19.660; marcos alemães, 3.672; corôas austriacas, 98.000; corôas húngaras, 909; marcos polacos, 340; liras ouro, 2.002.067.

Na residencia de Mouraview, ministro da guerra do dictador, foram encontrados um milhão de francos suíços.

Duguay-Trouin

O nome ficou celebre na Historia do Brasil. Todo menino de escola, desde logo, trava conhecimento com o famoso pirata francês, que foi motivo de gloria para a sua Patria, dando seu nome a um cruzador ligeiro. Ainda agora, esta lhe presta nova homenagem de grande velocidade. Lembram os jornaes as suas grandes aventuras. Aos 36 annos, em 1709, quando foi feito nobre, já tinha, com De Le Bertinaiis apprehendido mais de 300 navios mercantes e 200 de guerra, ou correios. A sua maior gloria porém, foi a tomada do Rio de Janeiro, que teve de lhe pagar forte indemnisação para readquirir a liberdade. Esse feito o tornou digno de ser recebido por Luiz XIV, que lhe testemunhou seu agrado pela conducta que teve, recompensando-o com a nomeação, pouco depois, para chefe de esquadra, em 1715. Mais tarde, esse filho de negociantes já nobre pelo graça do Rei, foi feito logar-tenente general das forças navaes. Foi essa figura empolgante de cavalheiro do oceano, que a França acaba de evocar no costado de um dos seus novos cruzadores.

O exercito vermelho

O *Times*, de Londres, publicou recentemente uma série de artigos sobre o exercito vermelho, a proposito de sua redução, cujas causas muito têm sido discutidas. Como se sabe, fracassou a Conferencia do Desarmamento em Moscou, porque os estados balticos e a Polonia s erecusaram a adherir á iniciativa, receiosos porventura de complicações futuras. Actualmente o exercito vermelho tem 800.000 homens, dizendo-se que será reduzido a 600.000. Os seus effectivos, de soldados e marinheiros, são de 710.000 homens., assim distribuidos: — infantaria, 280.000; formações irregulares, 280.000; cavalaria, 60.000; unidades technicas, 75.000; marinha, 30.000; regimentos de fronteira, de G. P. J., 50.000; forças do interior, 80.000. O Governo do soviet se apoia preferencialmente sobre as formações irregulares de operarios e communistas. Os regimentos de G. P. U. guardam as fronteiras, mais por motivos politicos do que militares, porquanto impedem os emissarios "contra-revoçionarios" de entrar no país. Tambem regimentos dessa guarda occupam os pontos de maior importancia, como Kremlim, Lubyanka, as usinas de munição, depositos de

artilharia, estações telegraphicas, etc. O exercito vermelho possui o seguinte armamento: 2.000.000 de fusis, de varios tipos, a maioria delles russos; 14.500 metralhadoras pesadas; 5.700 metralhadoras leves; 3.600 canhões; mais de 3.000.000 de obuzes e 1 bilhão de cartuchos. Uma divisão deve ter tres regimentos de infantaria, tres esquadroes de cavallaria, tres baterias de artilharia de campanha, tres baterias de mineiros e os competentes comboios de munições, e serviços annexos de engenharia, saúde, etc. Um *comité*, presidido por Trostky controla o desenvolvimento da aviação, que deverá ter, em 1924, 10.000 appões e o pessoal correspondente. Os aparelhos têm sido construidos em varios países e é duvidoso que aquelle numero de aeroplanos seja conseguido em tão breve tempo, tanto mais quanto na Russia ha uma grande deficiencia technica. Ha quatro escolas de pilotos, das quaes a melhor é a de Moscou, dirigida por Lenine.

Quanto aos officiaes, a grande preocupação está em tirar-os dos soldados e operarios, tendo-se estabelecido 30 escolas, onde se trabalha seriamente, com professores e material do regimen antigo. A disciplina é severa e rigorosa, como antes da revolução. Os officiaes trazem insignias nos punhos e houve apenas mudança dos titulos: general é *commandante de divisão*, coronel, *commandante* e assim por diante. A principio, pretenderam os bolchevistas abolir no exercito as distincções, insignias, em summa, a disciplina, mas cedo reconheceram o erro e restabeleceram os principios militares, inclusive condecorações, ou a Ordem da Bandeira Vermelha. Trostky é, mais ou menos, o ministro da guerra. Sua actuação é incisiva e forte, procurando melhorar as condições technicas do exercito, bem como a situação dos soldados. E' interessante observar que o exercito é antisemita e Trostky é judeu, mas tem-se a impressão de que ambos fingem ignorar tal coisa... Ao contrario, pois, do que se pensa, o exercito vermelho não é um ajuntamento desconforme, mas um exercito regular, embora defeituoso, mas sem duvida eficiente, como já deu abundantes provas.



Associação Opera Lyrica Nacional

Em S. Paulo foi fundada essa associação, para incentivar e desenvolver o gosto pela musica de opera, de sorte a facilitar o surto desse genero, cujo numero de cultores é significativo. Sem discutir até que ponto, na arte moderna se justifica essa fundação, queremos applaudir a idéa, que procura reunir esforços em torno da obra de nosso cultivo musical, ainda com muito por fazer. S. Paulo, mais uma vez, colloca-se na direita de nossa intellectualidade, num formoso movimento. De lá nos veiu, ha pouco, *Ariel*, essa revista admiravel de musica, de que já tivemos ensejo de falar. Agora, funda a Associação Opera Lyrica Nacional, da qual muito é licito esperar, dados os elementos que a compõem. São seus presidente e vice-presidente honorarios, respectivamente, o Dr. Washington Luis Pereira de Souza, comm. G. B. Delfini, consul geral da Italia, e coronel Domingos Quirino Ferreira, commandante geral da Força Publica do Estado da associação durante o anno de 1924, tado. A directoria que deverá dirigir os des- é a seguinte: presidente, Dr. Carlos de Campos; directores, coronel Christiano Kingelhofer, Dr. Julio Mesquita Filho, Dr. Reynaldo Porchat; Conselho: Dr. Frederico Vergueiro Steidel, Dr. Menotti del Picchia, Dr. Eusebio B. de Queiroz Mattoso, Dr. Luciano Gualberto, Dr. Altino Arantes; director tecnico, maestro Felipe Alessio; secretarios, major Francisco J. C. Alfieri e tenente Carlos D'Addio; thesoueiros, J. Lobo e Joaquim Leme da Fonseca Junior; comissão artistica permanente, maestro João Gomes de Araujo, Dr. Bento Camargo, maestro Savino de Benedictis, maestro João Gomes Filho e maestro Furio Franceschini.

DOCUMENTOS

Um velho poema de actualidade

O Sr. Paul Souday lembrou ultimamente no "Temps", a proposito da catastrophe do Japão, o poema de Voltaire sobre o "Desastre de Lisboa", escripto a proposito do tremor de terra que, em 1755, destruiu essa cidade com uma parte de Marrocos

Mas existe um outro poema, muito mais antigo e mais importante, que as circumstancias actuaes põem novamente de actualidade.

É um poema latino, o "Etna", em que se trata da constituição dos vulgões, das erupções vulcanicas e dos tremores de terra. A Sociedade Guillaume Budé publicava, este anno, essa obra e logo o Etna offerencia uma erupção que quasi degenera em catastrophe, enquanto um tremor de terra devastava o Japão. Como duvidar que os deuses estejam com esses senhores da sociedade Guillaume Budé?

Esse poema é interessante por mais de um ponto de vista. Offerce, em primeiro lugar, um dos problemas mais curiosos da historia litteraria; pois tem sido impossível, até hoje, determinar com exactidão qual o seu autor. Atribuam-no, no correr dos seculos, a Cornélius Severus, a Lucilius, o conhecido discipulo e amigo de Seneca, ao proprio Seneca, a outros mais e, o mais frequentemente, a Virgilio, de quem seria uma obra de mocidade. É para Virgilio que o Sr. Vessereau, o autor da nova edição, se mostra mais favoravel, sem ser, todavia, muito categorico.

Mas esse poema ainda é interessante por si só. É a obra de um espirito scientifico que trata com desprezo todas as fabulas da mythologia, sorri do papel que se dava aos deuses e fala mal dos poetas — attitude que contrasta, ao que nos parece, com o caracter e a obra de Virgilio — e só quer pedir a sciencia, com a mais louvavel prudencia, a explicação hypothetica dos phenomenos de que trata.

E o que ha de mais interessante é que sobre essas questões, os sabios de hoje não sabem mais que o poeta que escrevia uns cincoenta annos antes da nossa era, ha cerca dous mil annos...



A renovação theatral

Charles Dullin, um dos actores mais originaes da nova geração em França, que realizou no "Teatre des Arts" creações verdadeiramente extraordinarias e que podemos ver no papel de Mephistopheles no "film" "O homem que vendeu a sua alma ao diabo", recentemente exhibido no Rio, foi convidado a fazer uma conferencia no Collegio de França sobre os ensaios de renovação theatral.

Dessa conferencia, curiosa sob todos os pontos de vista, pois é de um homem que conhece admiravelmente o seu "métier" e tenta um movimento novo no seu Theatro "Atelier", destacamos os seguintes trechos, mais substanciaes e significativos.

"Sejamos theatro; sejamos theatro e nada mais, theatro grosso mesmo se podermos; pois não ha muito perdemos o que chamarei a optica theatral? A litteratura psychologica, a psychologia litteraria, o manual philosophico dos autores de idéas, a preocupação de logica e de verosimilhança na phantasia e no sonho, suscitaram uma geração de jovens autores que são pelo menos centenarios na sua estréa."

"A réacção violenta do naturalismo era, penso eu, necessaria. Ella foi servida por um dos seus chefes que ao conhecimento profundo da sua arte juntava uma alma de forte tempera, uma probidade absoluta; André Antoine."

"Todo o exterior da "mise-en-scene" naturalista está fóra de moda; mas se hoje podermos empregar essa expressão tão justa "mais verdadeira" do que o verdadeiro" é certamente a volta ao verdadeiro que o devemos.

Assim creio que não ha grande movimento sem razão profunda, não é criticando que se progride, mas sim procurando, pelo contrario, comprehender as razões que suscitaram um semelhante movimento e aproveitando-se do exemplo.

Depois de se referir ao Sr. Jacques Coeau, que, no Theatro de Vieux Colombier, procurou construir uma obra solida e duradoura, o Sr. Dullin falla nos seus proprios ensaios de renovação tentados no Theatro do "Atelier" e faz a sua profissão de fé artistica.

"O que queremos, diz o Sr. Dullin, é um theatro de pura phantasia; isso agradecerá a alguns, desagradará a outros; não vos dizemos que somos o theatro de amanhã. Dizemos apenas que o "Atelier" quer ser esse theatro de excepção."

Terminando, o Sr. Dullin colloca o theatro moderno na sua verdadeira posição.

"O movimento dramatico moderno existe nas revistas de arte e na nossa cabeça, mas não existe na scena. Talvez possamos um dia subir a correnteza; espero-o; dia virá, certamente, em que triumpharemos, mas quando? Não o posso saber."



Historiador desaparecido

Com a morte de Pereira da Costa (F. A.) perde Pernambuco o seu mais eminente historiador, aquelle que era a tradição viva da sua historia e a quem Oliveira Lima chamou num justo elogio o "mestre de todos nós." Pereira da Costa fez estudos primarios no Collegio de N. S. do Bom Conselho. Embora tivesse, desde menino, desejo de formar-se em direito, só muito tarde realizou seu ideal, pois, por difficuldades financeiras, interrompeu varias vezes seus estudos de humanidades.

Entrou para o commercio aos 16 annos de idade como caixeiro de uma livraria que era frequentada pelos literatos mais notaveis daquelles tempos, e entre estes, Abreu e Lima, Victoriano Palhares, Antonio Joaquim de Mello e Franklin Tavora.

O convívio com os livros e a presença de literatos inspiraram-lhe o pendore para as letras. Assim adquiriu uma "Synopsis da Historia do Brasil" de Abreu e Lima e uma "Galeria pittoresca dos homens celebres." A sua tendencia para as letras valeu-lhe alguns dissabores por que quando o rispido patrão soube que seu caixeiro andava ás voltas com livros dessa natureza, exprobou seu procedimento, ameaçou dispensal-o do serviço e por fim aconselhou-o a que despresasse semelhante leitura e preferisse livros de escripturação mercantil...

Em 1871 deixava Pereira da Costa o commercio, pelas difficuldades que encontrava em illustrar seu espirito e entrava para o funcionalismo publico, servindo nas Obras publicas, na Secretaria do governo e na Camara dos deputados, attingindo nesta o cargo de director da secretaria, em que se aposentou. No anno seguinte, a 5 de agosto publicava no "Diario de Pernambuco" o seu primeiro artigo — um alentado estudo sobre o "Numero sete", artigo que aquelle jornal reproduziu na integra cincoenta annos depois quando a 5 de agosto de 1922 foi comemorado o seu jubileu litterario. No anno de 1876, quando já era conhecido nas letras pelos seus trabalhos historicos, foi proposto e accedido socio do Instituto archeologico, onde, anteriormente, servira como amanuense, com o fito de illustrar-se. Seu discurso de posse, no Instituto archeologico, foi uma reivindicação a

memoria de Mauricio de Nassau, o fundador de Maritzad, a cidade Mauricia. No Instituto Archeologico de Pernambuco que lhe deve 47 annos de serviços, era Pereira da Costa o decano e poucos socios terão, como elle, uma somma tão avantajada em trabalhos.

"O Instituto foi a minha escola — disse elle quando o elevaram a benemerito e inauguraram seu retrato na galeria de honra — foi a minha tenda de trabalho, onde encontrei os mestres provetos nos seus ensinamentos que me prodigalizaram os thesouros da sua sabedoria, e que, sem indagarem mesmo donde eu vinha, que credenciaes trazia, e o que aspirava, me abriram, generosos e bons as portas deste templo da sciencia, encaminharam os meus passos vacillantes e me guiaram até formar-se a minha humilima individualidade litteraria."

Somente em 1891 a 10 de dezembro, depois de casado e com filhos, ponde o saudoso historiador pernambucano receber, na Faculdade de direito de Recife a laurea de bacharel. Em 1901 foi Pereira da Costa eleito deputado á Camara de Pernambuco e teve sempre renovado o seu mandato successivamente, através de todas as phases por que tem passado a nossa politica. Infenso á tribuna, o deputado Pereira da Costa raras vezes o frequentou, Era, entretanto uma especie de organo consultivo por que ninguem, melhor do que elle, conhecia a historia e as tradições de Pernambuco.

Fundador da Academia pernambucana de letras, membro do Instituto historico brasileiro, da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e de Lisboa, do Instituto Varnhagen do Rio de Janeiro, de varios Institutos historicos do paiz e de algumas associações estrangeiras, longa e vultuosissima é a sua bagagem litteraria. Além da copiosa serie de estudos historicos que legou ás letras Pereira da Costa deixou ineditos um "Vocabulario pernambucano" com todos os termos usados nesta regional e a sua historia documentada; e os "Annaes pernambucanos", a que dedicou, quarenta annos de trabalho paciente para concatenar nessa chronologia toda a historia de Pernambuco, desde 26 de Janeiro de 1499 a 31 de dezembro de 1850 — obra que o governo do Estado foi autorizado a publicar mas que ainda o não fez. Tendo ultrapassado os setenta annos de idade sem haver adquirido um pouso para descanso, Pereira da Costa dizia aos intimos, referindo-se a uma rua com o seu nome: "Tenho uma rua e não tenho uma casa..." Aproveitando o premio que lhe concedera o Congresso do Estado pela organização dos seus *Annaes pernambucanos*, o velho historiador comprou um velho sobrado na praça da Paz, e estava muito satisfeito por haver realizado esse seu ideal. Mas avaliava que ia ser a causa de sua morte.

No dia 17 do mez findo quando procurava descer a escada da parte posterior do seu sobrado, perdeu o equilibrio, rolou até o chão sobre 19 degraus de pedras mal dispostas e foi encontrado pela familia muito ferido e sem sentidos. Mau grado os soccorros medicos e os carinhos da familia, não pôde mais falar e falleceu na manhã do dia 21. Pereira da Costa foi um grande espirito e que assignalados serviços prestou não só á sua terra, que amava como ninguem, como ao Brasil.

Renovação intellectual

O futuroso Estado do Espirito Santo atravessa uma phase promissora de evolução artistica e litteraria. Um surto novo agita a intellectualidade da terra capichaba, dando-lhe uma vida mental de relevo com os seus institutos de arte, suas revistas, suas idéas de grandeza nas letras e nas artes. Em Victoria, funda-se um instituto de musica, lembra-se a criação de uma escola de bellas artes, a que o illustre paisagista Levino Fanzeres, capichaba que não esquece a gleba distante, dignificaria, surgem revistas. Ainda ha pouco, fundaram a Academia Espiritosantense de Letras, grupando o escól da intellectualidade do Estado. A installação do novo cenaculo foi um alto acontecimento mundano e intellectual. O discurso inaugural, pelo distincto academico Sr. Alarico de Freitas, foi uma peça magnifica, cheia de louçania e encanto.

Fala sobre a arte e a litteratura que cada povo tem creado, diz ser inestimavel a collaboração das academias regionaes no concerto geral da litteratura nacional e affirma, que "fomos sempre um povo que guardou zeloso um relicario de tradições; temos uma historia que gravou nas letras de bronze das couraças de seus herões — as paginas mais rutilantes da luta contra a oppressão estrangeira, na ansia pela liberdade. Aqui é a expulsão, o aniquillamento dos batavos, a acção o proprio sentimento da raça explodindo con-

tra o colonizador na surpresa das charúneas do Cricaré afogando as tropas do filho de Mem de Sá. Pequeno território, coube-nos a sorte de sermos sempre um povo em vigília nos parapetos de seus muros, guardando os bastões da nacionalidade, com os olhos voltados para o Atlântico, a espreitar com as mãos de quintas — os galeões do estrangeiro invasor, ou barrando caminho à investida temerosa dos corsários, que vadeavam rios nas pesquizas das grupiáras, em procura do ouro nativo, entre pedrouços preciosos e seixos roliços, nas areias alvas dos remansos. Evoca o heroísmo capichaba, as arremetidas contra o invasor, as caravellas de Estacio, os claustros, dizendo: "Foi das Igrejas, ao toque dos sinos, que partiram legiões, levando à frente seus padres, empunhando cruzes de prata do officio liturgico e na dextra a espada, concitando pelo exemplo — o pugillo — a correr o estrangeiro, que aviltava a terra, enquanto tangia, nos espaços, o rebate das torres, como um brado clamoroso, despertando a consciencia adormecida do villarejo".

Terminando a sua formosa oração, disse o academico Sr. Alarico de Freitas, trechos assim:

"São estes, meus senhores — os foraes de vossa nobreza: eis ahi, em rapido bosquejo imprecizo, imperfeito, o painel da grandeza passada: do presente não tracejarei um contorno sequer — o presente sois todos vós — que representaes uma época de civilização, florindo á sombra de uma democracia".

Depois da Academia surgiu a *Vida Capichaba*, bem feita revista quinzenal, ilustrada, de que são redactores os nossos estimados confrades Srs. Elpidio Pimentel, Lopes Pimenta e Aurino Quintaes e que conta com a collaboração escolhida de escriptores de lá e daqui. E' nos grato, portanto, salientar esse renascimento intellectual da terra espirito-santense.



Garcia Bento

Na galeria Jorge, o Sr. Garcia Bento expoz novamente uma série de marinhas encantadoras. Pintor dos mais jovens, sentindo a natureza em cujo contacto tanto tem aprendido, o Sr. Garcia Bento é um apaixonado das praias, cuja vida amena interpreta com sinceridade e poesia; dos oceanos e dos barcos e dos céos altos e amáveis. Sua arte é feita de serenidade e de sonho, redolente de graça e naturalidade. Ha aspectos seus de grande encanto, interpretando trechos de cães, barcos que vão e voltam das pescarias em mar alto, neblinas de manhã, habitações praieiras, ilhas e arvóres que o ar salitroso do oceano envolve tonificador. E' um poeta do mar, um fixador amavel das praias, além de ser um estudioso e um trabalhador sem esmorecimentos. O exito que a sua mostra alcançou diz bem do quanto falam á emotividade da gente os seus quadros cheios de vida e formosura.

Justa aspiração

A senhorinha Anna Sampaio Duarte é pensionista do Estado de Alagoas na Escola Nacional de Bellas Artes. Um decreto da Camara mandou-a estudar por tres annos aqui. A senhorinha Anna Sampaio veio, matriculou-se e tem sabido com um esforço digno de louvor, aproveitar as lições dos seus mestres. Assidua ás aulas, applicada, vem desde o primeiro anno se distinguindo como uma alumna intelligente e exemplar. Ao começar obteve o primeiro lugar no concurso de desenho. Os seus mestres affirmam a sua

applicação e a sua tendencia. Sendo o curso da Escola de seis annos e não de tres, como é do decreto, a senhorinha Anna Sampaio será forçada a regressar á sua terra, interrompendo os estudos. Conveniente seria, pois, que o Sr. Governador de Alagoas, a quem não devem ser estranhos os progressos da jovem pensionista, prorogasse o beneficio do Estado, dando assim occasião não só a que ella concluisse o seu curso, como a que pudesse dar melhor prova do seu talento a Alagoas, que com isso só se poderia orgulhar. E' uma aspiração justa e que certo não será negada á senhorinha Anna Sampaio Duarte.

Pintura brasileira

Noticiando com muito criterio e brilho a exposição de duas paisagens gauchas do distincto pintor riograndense Sr. Libindo Ferrás, director da Escola de Bellas Artes de Porto Alegre, aos quaes não regateamos, com muita justiça, os nossos louvores — a "A Noite" lembrou que "a nossa pinacotheca devera crear uma sala de paisagens regionaes do Brasil onde figurassem os panoramas typicos da Amazonia, do Nordeste, do Centro, dos pinhaes paranaenses e das cochilhas riograndenses. Enquanto não se realisa tal proposito, qualquer das duas excellentes telas desse talentoso artista riograndense poderia ser adquirida, afim de figurar, com brilho, na collecção nacional."

Nós estamos de pleno accordo com isso. Terra de uma natureza tão maravilhosa quanto varia, aos estudiosos não seria desagradavel ver, na pintura, a caracteristica da paisagem das regiões distinctas e de feição singular, como as que o noticiario perspicaz da *Noite* alludiu. E' sempre de lamentar que não tenhamos ainda uma arte genuinamente brasileira, se bem que tenhamos artistas capazes de interpretar a pujança do inferno verde, os pinhaes do Paraná e os pampas gauchos, bastando para isso citar Antonio Parreiras, Lange de Morretes e Libindo Ferrás. A idéa da *Noite* é digna de ser posta em pratica, tanto mais quando com poucos quadros pode-se dar uma expressão das paisagens typicas das regiões citadas na *Noite*. O Sr. João Luiz Alves ministro do Interior e o illustre professor Sr. Baptista da Costa, director da Escola Nacional de Bellas Artes, só podem ter recebido com muita sympathia a suggestão a que nos reportamos. Esperemos vel-a posta em pratica para jubilo da arte brasileira.



Perillo Gomes: **ENSAIO DE CRITICA DOUTRINARIA** — Ed. Alvaro Pinto — 1923 — Neste livro, o segundo da "Série Eduardo Prado", tão brilhante e auspiciosamente iniciado, com o poderoso ensaio sobre Pascal, do Sr. Jackson de Figueiredo, o autor, em estudos sobre escriptores nacionaes, fixa e desenvolve as suas convicções catholicas, através das obras que analisa: O prefacio mostra a sua preocupação com a critica doutrinaria tão mal cuidada entre nós, e que deve buscar nos livros a synthese do seu espirito, as suas intenções de pensamento. Esse é o criterio que norteou o Sr. Perillo Gomes e se houve da melhor forma, produzindo um livro sincero e suggestivo, que merece a maior attenção de quantos se interessam pelas letras philosophicas no Brasil.

Debora de Rego Monteiro — **MISSANGA** (contos) — off. Typ. da Noticia. Recife. 1922 — Já tivemos occasião de noticiar um livro da joven e talentosa prosadora pernambucana. Foi um punhado de contos cheios de vivacidade e cuidada observação, mostrando uma escriptora de merecimento. Agora recebemos da Srna. Debora de Rego Monteiro um novo volume — *Missanga*, onde ella reafirma brilhantemente as mesmas qualidades já observadas. Nas palavras do fecho do livro, que é dedicado ao illustre Sr. João Ribeiro, disse a Srna. Debora Monteiro:

"Das reminiscencias que me ficaram da meninice — uma meninice de garoto entre estudioso e traquinas — vive comigo, em todo quarto que vem a ser meu quarto, uma maleta ventrada, como dire' — exactamente na expressão das nossas avós — um lahú. Cego de côr, com uma cara decrepita, esta a mostrar que, por pouco ha de tomar o caminho do lixo. Lahú, porém, que não conhece que vein dando de si, cada dia que escorre, mais levanta o bojo, sem se importar se por ahi estourará ou não... E' que dentro delle se encontram cousas bem velhas; algumas mais novas, tambem, a que accrescento, de quando em vez, outras; maços de papéis cheios de arabescos á penna, escriptos mal alinhavados que em momentos de bom ou azedo humor ora leis, ora rasgo. Foi destes que eu lirei os contos atraz. Acredito, emtanto, que talvez ache alguns leitores a me perdoarem a irreflexão."

Nasceu assim o *Misanga* que é livro de boas e scitillante l'iteratura.

Nilo Ramos — **NO MIRADOURO DAS ILUSÕES** — Dos novos poetas alagoanos o Sr. Nilo Ramos se destaca como um cantor lyrico cheio de delicadeza e sentimento de inspiração vivaz e encantadora. O seu primeiro livro *Em decasyllabos* foi uma revelação promissora. No *miradouro das illusões*, cuja feitura material é simples e bem feita, o poeta resurge mais subtil e mais harmonioso, mais plastico e espontaneo no expressivismo da sua poesia inquieta e linda. No *miradouro das illusões* é um livro que ficará como poucas modestas lettras de Alagoas.



"Revista Feminina"

Temos sobre nossa mesa o ult'imo numero, correspondente ao mez de Outubro, do magnifico "magazine" a "Revista Feminina".

Como todos os numeros anteriores vem este repleto de fina e escolhida materia, com bellissimas e numerosas gravuras e todas as secções do costume, extraordinariamente desenvolvidas. Traz, assim, o esplendido mensario de arte, literatura e de cultura geral, artigos, chronicas e estudos sobre os mais varios e interessantes assumptos, como chronica de modas; trabalhos femininos, varios; diversos bellissimos contos; poesias, variedades, paginas de arte, noticiario etc.

Emfim, por todos os titulos, um esplendido volume que não deve faltar em nenhuma estante que se prese.

A "Revista Feminina", segundo vemos pelo presente numero, por occasião do proximo Natal além do extraordinario e riquissimo numero comemorativo, que é, de resto, uma das suas bellas tradicções, offerecerá a todos os seus novos assignantes, como áquelles que reformarem suas assignaturas para 1924, exceptionaes vantagens e um brinde de 50:000\$000 em d'neiro.

E' assim, que, todas as familias brasileiras não devem deixar de assignar, quanto antes, este bellissimo, e, principalmente util, "magazine."



Collecção Carioca, da **LIVRARIA GARNIER** — Esta conceituada casa editora iniciou, a exemplo de sua magnífica collecção de classicos em francez, uma congere em portuguez, tendo já apparecido as *Cartas Persas*, de Montesquieu; *Obras*, de Vauvenargues; e *Reflexões, Sentenças e Maximas Moraes*, de La Rochefoucauld e o *Theatro* de Beaumarchais, traduzidos, respectivamente, pelos Srs. Mario Barreto, José Oiticica e Antenor Nascentes. Não precisamos dizer da utilidade e valor dessa collecção, que appareceu agora, muito bem apresentada em volumes elegantes e bem impressos. Será um novo serviço que as nossas lettras ficarão a dever aos esforçados editores, a elles tão intimamente ligados.

Cecilia Meirelles: **NUNCA MAIS... e POEMA DOS POEMAS** — Ed. Leite Ribeiro — 1923 — Causou uma emoção profunda esse livro de versos. A poetisa, no seu desencanto e na sua melancolia, enche a vida de belleza, de belleza contemplativa, porque a lição das cousas é amarga.

"Quem sabe, é tudo que existe, Loucura?"

Essa indagação perdura, como uma nota inquieta, de quem não pôde dominar a vida e prefere sonhar-a, embora triste no seu abandono. E a suggestão de arte, que eleva a vida ao extase ou a acção, é o consolo, embora nella trave o fei da renuncia. A Senhora Cecilia Meirelles, nos seus versos, persegue um sonho, cuja belleza estará porventura no seu encantamento. Talvez será preferível não tocá-lo nunca... A seducção é o mysterio. Ouçamos este soneto admiravel e de intenções modernas:

*Leve... Pluma... Surdina... Aroma... Graça...
Qualquer coisa infinita... Amor... Pureza...
Cabello em sombra, olhar ausente, passa
Como a bruma que vai na aragem presa...*

*Silenciosa. Imprecisa. Ethena taçã
Em que adormece luar... Delicadeza...
Não se diz... Não se exprime... Não se traça...
Fluido... Poeta... Verso... Flor Belleza...*

*Passa... — E' um mover de lírios... Olhos quasi
Fechados... Noite... Somno... O gesto é gase
A extender-se, a alongar-se... — E enquanto vão*

*Fugindo os passos teus, Visão perdida,
Chovem rosas e estrellas pela vida...
Silencio! Divindade! Iniciação!*

A poesia da Sra. Cecilia Meirelles tem um sabor de lagrimas, mas as lagrimas lhe tornam os olhos mais brilhantes para o deslumbramento da vida. Esse contraste é a essencia da sua arte, sincera porque o mundo é tambem elle o mais divertido jogo de contrastes...

Luiz Xavier da Costa: **A MORTE DE CAMÕES** — Lisboa — 1922 — Neste interessante estudo, o atur mostra o valor de Domingos Antonio de Siqueira, autor da tãla *A morte de Camões*, e que, tendo exposto, em 1824, no Salão de Paris, seu quadro *A Sagrada Família*, ao lado de obras de Ingres, Delacroix, Signelon e outros artistas consagrados, merecendo os maiores louvores da critica, entre os quaes se sobreleva o de Stendhal, que disse: "J'ai remarqué une *Sainte Famille*, de M. Siqueira: on dirait une copie du Corrège, tant les couleurs de ce tableau font plaisir à l'oeil; on sent que le peintre a songé à la nature, et non pas aux bas-reliefs antiques, en composant son tableau".

Possuindo dous estudos feitos para a *Morte de Camões*, o Sr. Luiz Xavier da Costa estuda pormenorizadamente esse quadro, extraviado e, ao que consta, no Brasil, conforme depoimento que o Sr. Elycio de Carvalho enumera na sua nota sobre Siqueira, apparecida nesta revista, na *Candêa de Argilla*, numero de Março deste anno. O quadro em questão, segundo a descripção que fez no *Courier de Paris*, em 20 de Setembro de 1824, o critico Senurs é o seguinte:

O espectáculo geral do quadro, perfeitamente de accôrdo com o espirito do objecto, é pouco proprio para atrahir as atenções. Observa-se uma camara francamente illuminada pela luz de uma candelã, a cuja claridade uma habitante de Lisboa lê a *Camões* a fatal noticia da perda da batalha de Alcacerquibir, na qual falleceu o Rei de Portugal, D. Sebastião, com a flor da sua cavallaria. O illustre velho sustem-se a custo, junta suas encarnadas mãos, e fita sua vista moribundas para o céu. O tom do quadro é horroroso e

obsкуро, os accessorios são os que devem ser, isto é, proprios para darem a idéa de um completo desenvolvimento... A figura do velho poeta neste quadro é com effeito mais bella, considerando-se poeticamente. Em seus membros devorados pela velhice, através das suas barbas emaralhadas, descobrem-se-lhe ainda vestigios dessa organzição superior que o constituiram ao mesmo tempo um poeta consumado e um soldado aguerrido. Este quadro, despojado de todas as seducções da arte e do prestigio da palheta, me arrebatou todavia a um grau pouco ordinario; o motivo disto é ser o objecto escripto com uma energica simplicidade; e finalmente porque esta tela encerra o que todos os pintores deveriam observar, assim em grande como em pequeno, e vem a ser o pathetico e o verosimil".

O livro do Sr. Luiz Xavier da Costa, afóra o que se relaciona ao quadro, para fixar a figura do celebre pintor, é de grande interesse e traz prodigiosa copia de informações, tornando-o um estudo de grande valor sobre o "Rembrandt lusitano".

Adelmar Tavares: **NOITE CHEIA DE ESTRELLAS** — Rio — 1923 — Neste poeta a emoção é suave e doce e a sua musa tem olhos ternos e cariciosos, de onde por vezes escorre uma lagrima, mas sem azedume no coração.

*Vou vivendo a minha vida
Como Deus quer e consente
Sou como a folha cahida,
Levada pela corrente*

Assim o poeta vê o mundo, sem tentar decifrá-lo nem lhe adinhar mysterios, resignado á sorte do homem, folha cahida que o vento leva, como já disséra o grande Homero. Mas, ha uma redempção na terra -- é o amor. E o amor transfigura, como se verá nestes versos:

*Olha-me bem nos olhos... Bem no fundo
Dos meus olhos... Vê-te-ás no teu altar...
E's meu tudo. E's a Santa do meu Mundo,
Do meu destino, és o anjo tutelar.*

*Nô tã me concedeste sonho e calma.
De como és vida do meu coração
Não t'a diz minha voz, nem a minh'alma,
Nem mesmo as minhas lagrimas dirão.*

*Mas, quando eu repousar em cova rasa,
E Deus, estrella ou flôr, fizer de mim,
Estrella, — fico sobre a tua casa,
Flôr humilde, — abrirei no teu jardim...*

O Sr. Adelmar Tavares nos deu assim um livro que fala ao coração, feita da sinceridade e do encanto de bellos versos.

Antologia Portuguesa — **EÇA DE QUEIROZ** (Selecta critico-literaria) e **CAMÕES LÍRICO** (Redondilhas) — São os dous ultimos volumes desta admiravel collecção organizada pelo Sr. Agostinho de Campos, que com ella vem prestando assignalados serviços ás lettras portuguezas. Além do valor intrinseco, ha a augmentar o merito da antologia; as introduções do Sr. Agostinho de Campos, de alto valor critico e copiosas fontes de informações. O estudo sobre Camões lirico é uma pagina vigorosa e brilhante, ao mesmo tempo que uma analyse perfeita da poesia lirica do grande poeta, que nella tem maior, senão igual grandeza á do épico, no conceito do illustre escriptor. A introdução ao 2º volume da antologia, de Eça de Queiroz, é "uma larga inquirição de prosadores e criticos portuguezes e brasileiros acêrca de seus altos meritos e significação litteraria". O enunciado basta para mostrar o valor desse trabalho, que nos dá uma synthese da critica feita ao grande romancista. São, pois, dos mais estimaveis estes dois novos volumes da *Antologia Portuguesa*.

Vicente Clavel: **EL FASCISMO. IDEARIO DE BENITO MUSSOLINI** — Editorial Cervantes. — Barcelona — Este livro, da Bibliotheca de Actualidades Politicas, que publica o *Editorial Cervantes*, de Barcelona, é uma exposiçã vivaz e brilhante do movimento fascista, de sua genese ao triumpho, na politica italiana, accentuando a figura empolgante de Mussolini, que julga, como Lenine, o producto mais interessante da grande guerra. Escripito em fórma simples e interessante, esse livro, pela copia de documentos e informações constitue uma das melhores syntheses do fascismo, nos seus multiplos aspectos e em confronto com as demais doutrinas politicas, mostrando que se destina, nessa hora inquietante, a harmonizar: "o que existe de sagrado e de forte no passado, com o que de sagrado e forte nos traz o futuro, no seu re-

gaço inexgotavel," segundo as palavras de Benito Mussolini.

Isimbardo Peixoto: **OASIS** — Com uma suggestiva capa de Correia Dias, o Sr. Isimbardo Peixoto acaba de publicar o seu volume de versos *Oasis*, cheio de suave melancolia e serena belleza e que é "o livro triste de quem ama e, que inda amando, por amor, padecç". *Oasis*, que foi feito com carinho e editado pela Livraria Leite Ribeiro tem versos bem feitos, inspirados e lyricos, demonstrando o poeta de *Saibros e Rosas*, tão apreciado em nosso meio intellectual.

Agostinho de Campos: **AUGUSTO GIL**, de *Antologia Portuguesa* — Lisboa — 1923 — E' este o 13 volume desta Antologia, com que o Sr. Agostinho de Campos, vem prestando relevante serviço ás nossas lettras, sendo o primeiro que cuida de um escriptor deste seculo, ao mesmo tempo poeta e do melhor valor. Antecede a collectanea um prefacio do Sr. Agostinho de Campos, que nos revela o poeta e o prosador, sob as suas varias expressões, mostrando, por igual, o conceito em que o tem a critica, de sorte a justificar a escolha do seu nome para este volume da Antologia, de todo justissima. E' um admiravel ensejo em que nos é dado conhecer o poeta do *Luar de Janeiro*, cujo esforço tem sido, como observou o illustre organizador desta Antologia, de se universalizar, contrahindo "o vicio nacional atavio do lyrismo estreitamente amoroso" e sahindo "de si proprios ao mundo que os rodeia no tempo e no espaço"

Moysés Marcondes: **APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DO PARANÁ** — Rio — 1923 —

O Sr. Moysés Marcondes, que é um erudito do mais alto valor, acaba de prestar á nossa historia um serviço assignalado, publicando uma cópia de documentos valiosissimos, tirados cuidadosamente dos archivos portuguezes, referentes á historia do Paraná. Lendo-os, é interessante reconstituir a sociedade e os costumes do tempo, sendo ainda para observar a procedencia da affirmativa do Sr. Graça Aranha, na sua admiravel *Esthetica da vida*, de que os documentos portuguezes revelam a sua perfeita obra de estudo na colonia. A preoccupação juridica é evidente, tendo sido essa uma magnifica e forte disciplina na organzição de nosso paiz, como nacionalidade politica. O trabalho paciente e aperfeiçoado do Sr. Moysés Marcondes será acolhido com a maior symphathia por todos os que se interessam pelos estudos de nossa historia e, nos documentos, procuram a sua verdadeira expressã.

LEIA V. EX.

TARANTULA

LIVRO DE CONTOS

DE **CARLOS RUBENS**

Preço: 3\$000 o exemplar

EDITORE

MONTEIRO LOBATO & CIA

NAS LIVRARIAS

EDITORIAL-AMERICA

Director e Proprietario:

R. Blanco-Fombona

A casa EDITORIAL-AMERICA, de Madrid, fundada em abril de 1915, publica nove colleccões:

- 1° — **Bibliotheca Andrés Bello**, que se compõe das melhores obras literarias dos melhores prosadores e poetas da America Espanhola;
- 2° — **Bibliotheca Ayacucho**: historia da America — cyclo boliviano;
- 3° — **Bibliotheca de Sciencias Politicas e Sociaes**;
- 4° — **Bibliotheca de Autores Varios**;
- 5° — **Bibliotheca da Juventude Hispano-americana**;
- 6° — **Bibliotheca de Historia Colonial da America**;
- 7° — **Bibliotheca Porvir**: socialismo, communismo, etc.
- 8° — **Novela para todos**;
- 9° — **Bibliotheca de Autores Celebres**: obras primas da literatura universal.

Estas colleccões são unicas no commercio de livros em lingua espanhola. Entre ellas ha muitas de celebridades portuguezas e brasileiras.

Traduções primorosas, edições cuidadas, livros elegantes, e de preços modicos.

GRANDES DESCONTOS PARA OS LIVREIROS

Peçam catalogos e informações á

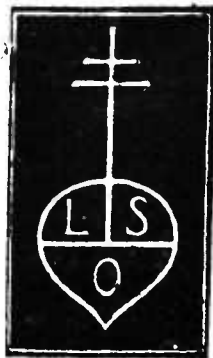
EDITORIAL-AMERICA

83, Calle Martin de los Heros, 83

(ou Apartado de Correos, 117)

HESPAÑHA

MADRID



LEO S. OLSCHKI

Publisher, Antiquarian

Book & Printseller

Large stock of Incunabula, early Americana, Illuminated Mss., Aldines, Dante & Petrarch editions, Books on fencing, old Music, Bindings, original Drawings by old Masters, Engravings, etc.

CATALOGUES ON APPLICATION

Books not in stock sought & reported free of any charge.

FLORENCE

4, Lungarno Acciaiuoli, 4

For telegrams: OLSCHKI—Florence

Branch-house at Roma: Fontanella Borghese, 22

MAGGS BROTHERS

34 & 35, Conduit Street

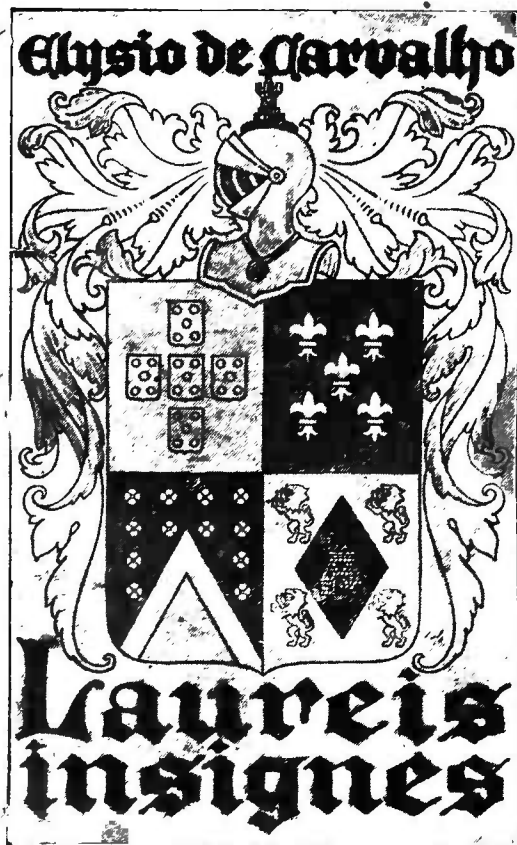
Neue Bond Street—LONDON. W.

Endereço Telegráfico: BIBLIOLITE, Londres

Compra e pede ofertas de livros raros, com ou sem gravuras em madeira, livros antigos sobre a América do Norte, o Japão, a China, as Indias, História das Missões, Califórnia, Austrália, relações de Colombo, Vespúcio, Cortez, etc., e livros impressos no México, Perú, etc.

Vende livros raros novos de todos os géneros, e boas gravuras e autógrafos

A APPARECER BREVEMENTE



Edição do "Anuario do Brasil"

RIO DE JANEIRO

PASSIONARIA

Que infelizes que somos! que infelizes!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Na poalha d'ouro da tarde diluindo-se perolada sobre o mar verde e manso, á feição de um imenso espelho a reflectir o céu limpido, Alda ficou a scismar, busto sobre o parapeito da janela, olhos ermos, fixa a visão na mobilidade intangível das cousas, como se estivesse a ver longe, no horizonte que o oceano infinito alongava no entardecer, o scenario de quanto errava-lhe na alma melancolisada e em tenebras.

Sobre o jardim, nas touças verdoengas e nas franças de sombras arabescadas e moveis no chão morno, vibravam cantos de passaros noivaes. E uma paz doce e monastica pairava no ambiente cheio do esplendor vespéral.

Alda continuava a olhar o mar sem fim, as roseas nuvens no Occaso colorindo o céu de turqueza á deliquescencia angelica da luz.

Não sabia como o destino fizera encontrar o homem que amava e a quem não podia amar sem crime. Ia por uma rua da cidade e ao dobrar noutra rua, vira-se ao pé do ser que era o desdobramento do seu ser, a sua propria alma transmigrada na pessoa do seu desejo. Empallidecera, sentira as pernas frias e em caimbras, os olhos turvos, uma agonia que a pôz tremula e infima. Não disse palavra e seguiu caminho.

Agora, momentos idos, em casa, voltava a cavalgata das illusões de outr'ora; o tropel dos sonhos resurrectos resoava-lhe na alma e o passado dealbava outra vez, auroral no principio, quasi epithalamico em seguida, depois...

Os labios desabrocharam vagamente num riso de consolação perdida e de tristeza.

— Como eu sinto a luz dos versos que fazes e o fluído das palavras que me dizes! Embebo-me na tua voz, aspiro-te a mocidade, quizera ser vinho e aroma para que me bebesses e eu te aromatisasse todo, vivendo em ti. E tu me desejarias assim?

— Loucamente. Não fosse da mais divina brancura o teu corpo que Venus invejaria na harmonia e perfeição das formas integras e a tua alma a mais encantadora e subtil alma que já guardou creatura humana. Como não te amar, vendo o crepusculo outomnal dos teus olhos em cuja poesia até as saudades despertam ao fluído luminoso e sereno, e sentindo a ardencia purificadora e immaterial do teu affecto?"

Tudó lá longe, no esfumino das distancias, perdido na nevoa sépia dos dias que não voltam.

— Quando será?

— Breve, talvez. Não ha impossivel quando se ama com entusiasmo e fremerencia. Viveremos ditosos, no conforto das grandes cidades, nas villas placidas ou nas mattarias profundas.

— Que importa logar quando se tem o amor, que é a felicidade? O mal vive onde ha incerteza e desanimo. E o impossivel somos nós que o creamos.

— Linda.

— Tua."

Como vae longe isso! Como esquecia que um compromisso que a sociedade não olvidara, prendia-a a outro homem, escravizava-a a outro ser. O que vivia a tecer era uma illusão, o que os dous viviam a crear era um sonho — illusão e sonho que os affastavam do mundo e os levavam em immaterial goso de nupcias atravez universos ignótos. Quando despertaram viram a puerilidade de tudo aquillo, a inanidade do prazer e a realidade pávida que diante delles se erguia como um impecilho intransponivel. E o rosto de um collado ao rosto de outro, os olhos quasi a se tocarem numa só angustia e num só desabafo, elle e ella choraram perdidamente, inconsolavelmente.

Resurgiam depois ardentes e viris na paixão que os allucinava. Certa vez, num canto de sala quieta, ambos lendo no mesmo livro o mesmo poema, ella ergueu os olhos para elle; junto, elle baixou a cabeça e sem saberem como, e attrahidos não sabem por que sagrado e infernal iman, as duas boccas, sem sofreguidão, mas com doçura, encontraram-se unidas...

— Não esquecerei mais nunca aquelle beijo.

— Ainda o tenho na alma, resoando como sinos de alleluia, resoando na delicia que elle trouxe do céu.

— Beijo ditoso e que não será unico...

— Oh! não. Minha bocca é uma rosácea feita para o mádido anseio do teu beijo. Beija-a sempre, sempre, que a vida vem de ti, minha vida."

E na exaltação do amor que a abraçava e tornava maravilhosa na voz tremula e meliflua, no olhar inquieto e velludico, nem presentia as horas que iam passando, nem lhe era dado ouvir que o Destino tocava, como num *De profundis*, o funeral das suas nupcias frustradas.

Um dia palpavam o irremediavel. Viram-se bem tarde. Ambos ao se encontrarem, ao se comprehenderem feito um para o outro, complementos naturaes de um ser unico, já se não pertenciam. Cada um trazia ao seu lado outra alma, vinha cada um em bonança, contente no amor que a mocidade lhes enchia de fulgores lucidos.

— E porque nos vimos tão tarde! Porque não vieste mais cedo, uma hora antes no meu viver! Agora...

— Esquecer. Cada um seguirá seu caminho.. sepultará o passado.. esquecerá...

— Esquecerá... Illusão. Como havemos de esquecer o que está em nós, o que é a nossa carne, a nossa fala, a nossa alma, o pulsar do nosso coração, nós mesmos na materialidade mesquinha! Oh! não. Seguiremos como dous desconhecidos... que se não devem encontrar nunca mais...

— E tu...

— Serei a mesma. A alma será tua na sua pureza. Que me possuam a gelidez marmorea do corpo, me poluam de beijos, façam de mim o que quizerem; a alma será tua, o affecto melhor será teu, porque é em ti que está a minha vida e foi de ti que me veiu a revelação bemfaseja deste amor "sem laureis"

E separados, como se nunca se tivessem visto, ambos com o peito a sangrar de magua lancinante, lá se foram vida fóra, tristes e mudos como duas sombras.

Distantes, que desejo de se falarem, de se tocarem, sentindo-se no amplexo estreito e no beijo amoroso! Mas não se viram mais. Não se veriam nunca mais.

Naquelle dia, porém, ao dobrar uma rua na cidade, dera com o homem que mais amara na terra, o primeiro e unico que amára de verdade, leal, sincera, allucinadamente.

Tudo isso ella recordava ao cahir da tarde punicea, nostalgica, maguada, vendo o mar verde como um espelho reflectindo o céu limpido. Um sino, perto, esflorou as Trindades. No oceano, ao ouro da hora crepuscular, distinguia-se uma vela que lá ia, mar fóra, tal um anhelito que desaparece. Só, sem testemunhas, balbuciou então uma prece — prece que o ar balsamico do Angelus levou na dolencia vespéral e envolvia aos dous, enlaçados, ainda numa esperança, como no sonho nupcial que a vida lhes destruiu, barbara e impiedosamente.

Carlos RUBENS.

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz : AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.
Na Allemanha --- HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000
Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

11, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL. FRs. 50.000.000

CAPITAL REALISADO

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo
prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por
amortisações semestraes
com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES
Abertura de credito para construcções de predios
até 50 % do valor dos mesmos
e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas
e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias
e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações
e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

39 BOULEVARD HAUSSMANN. 39

Séde de Operações e Direcção Geral:

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI
CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO